Memorial

Fernanda Mussalim



Aqui estou eu, a pessoa por trás do sujeito.

F.M.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

MEMORIAL

Profa. Dra. Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira

Uberlândia
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

MEMORIAL DESCRITIVO
PARA PROMOÇÃO À CLASSE DE PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR

Profa. Dra. Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira

Memorial apresentado ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como parte dos requisitos exigidos para a Promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme art. 3º da Portaria do MEC nº 982, de 03 de outubro de 2013, e a Resolução 03/2017, de 09 de junho de 2017, do CONDIR/UFU.

Uberlândia
2019

Aos pilares desta história:

Meus pais Zezito (*in memoriam*) e Marilena
Tia Elza (*in memoriam*)
Meus irmãos Silvana, Pedro Paulo, Liliana e Fabiana
Meu marido Marcelo
Meus filhos Cassiano e Clara
Meu orientador (*ad infinitum*) e amigo Sírio Possenti
Meu grupo de pesquisa, o *CED* (*Círculo de Estudos do Discurso*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desta história. Agradeço à família, amigos, colegas de trabalho.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia que me acolheu, e onde pude construir a maior parte desta história.

Agradeço à Universidade Estadual de Campinas, meu lar acadêmico, onde realizei toda a minha formação na área de Letras e Linguística.

Agradeço às agências de fomento que financiaram minhas pesquisas: ao CNPq, à CAPES, à FAPEMIG.

Agradeço a meus colegas do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – em especial aos meus colegas do Núcleo de Língua Portuguesa e Linguística e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos.

Agradeço ao diretor do Instituto de Letras e Linguística, professor Ariel Novodvorski, e aos servidores públicos Antônio Machado e Adélia Gonçalves Soares, pelo auxílio nos trâmites burocráticos para a realização deste concurso.

Agradeço a Sírio Possenti por toda a formação e amizade.

Agradeço a Maria Irma Hadler Coudry e a Briony Pulford pelas supervisões de pós-doutoramento e amizade.

Agradeço aos grupos de pesquisa *Círculo de Estudos do Discurso* (CED-UFU); *Centro de Pesquisa em Ensino de Língua Portuguesa* (CEPELP-UFU); *Centro de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos - Teoria e Análise* (FEsTA-UNICAMP); *Grupo de Pesquisa Neurolinguística Discursiva: afasia e infância* (UNICAMP).

Agradeço a Marcelo Lemos Silveira e a Cassiano Guimarães Silveira, pelo tratamento das fotos, padronização e finalização do projeto gráfico deste Memorial.

Agradeço a Cleudemar Alves Fernandes pela constituição da banca de defesa deste Memorial.

Agradeço à banca de defesa: Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho, da UFU (Presidente); Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros, da USP- São Paulo; Profa. Dra. Maria Cecília Perez de Souza e Silva, da PUC - São Paulo; Profa. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini, da UFSCar; Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, da UNESP - *Campus* Araraquara; Profa. Dra. Joana Luiza Muylaert de Araújo, da UFU (Suplente do Presidente); Profa. Dra. Beth Brait, da PUC - São Paulo (Suplente); Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão Sousa, da USP - Ribeirão Preto (Suplente).

RESUMO

Neste Memorial, apresentado ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, narro o percurso que trilhei, desde minha infância até os dias de hoje, que me levou a fazer as escolhas que fiz e a chegar até aqui – neste espaço-tempo em que me debruço sobre essa história para avaliá-la. O Memorial está dividido em três partes. Na primeira - *No mundo da criança ou Como tudo começou* - narro fatos marcantes de minha infância e adolescência que me levaram a decidir pela graduação em Letras. Na segunda parte - *No mundo das Letras ou Minha Formação* - apresento meu percurso de formação desde a graduação, até a finalização do Doutorado em Linguística. Por fim, na terceira parte - *Atuação profissional: ensino, pesquisa e gestão* - apresento minha trajetória de atuação profissional, desde os anos iniciais até os dias de hoje, relatando minha atuação nas frentes de ensino, pesquisa e gestão. Apesar dessa organização cronológica do texto, o relato cuidará de mostrar que, aos olhos da memória, essas delimitações não se sustentam, e que as mãos do adulto que se debruça sobre si entrelaçam-se às pequeninas mãos da infância, que ressurge com a força das coisas que realmente importam.

SUMÁRIO

Prefaciando Memórias **15**

Parte I: No mundo da criança ou Como tudo começou **19**

Parte II: No universo das Letras ou Minha formação **31**

1. Graduação em Letras 35

2. Mestrado em Linguística 43

3. Doutorado em Linguística 48

Parte III: Atuação profissional: Ensino, Pesquisa e Gestão **61**

1. Ensino 65

2. Pesquisa 71

2.1. Projetos de pesquisa 71

Período de 2004 a 2012 71

Período de março de 2013 a fevereiro de 2016 79

Período de março de 2016 a fevereiro de 2019 86

Período 2019 – atual 110

2.2. Grupos/Centros de Pesquisa 120

2.3. Produção bibliográfica 122

3. Gestão 138

3.1. Gestão científico-acadêmica da área 139

3.2. Gestão institucional 141

PREFACIANDO MEMÓRIAS

Debruçar-me sobre minha história profissional é uma experiência integralmente pessoal. As memórias são minhas... as lembranças, os esquecimentos, as associações, os sentimentos... são todos meus. Não sei muito bem até que ponto escrever um Memorial é tão diferente de escrever um artigo científico ou uma tese. Pra mim tudo o que fiz sempre foi muito pessoal... cada escolha, cada ação, cada texto... Talvez a diferença esteja no grau de explicitação... no que constitui plano de fundo e de frente... não falar das motivações pessoais num artigo científico não significa que elas não existam... em um Memorial... elas vêm à tona...

A explicação dada por Dominique Maingueneau a respeito do funcionamento da autoria no campo literário é esclarecedora. Para ele, esse funcionamento se dá no atravessamento mútuo de três instâncias – a *pessoa*, o *escritor* e o *inscritor*. A instância da *pessoa* diz respeito ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada. A do *escritor* designa o ator que define uma trajetória na instituição literária. A do *inscritor* refere-se às formas de subjetividade enunciativa implicadas no texto e no gênero do discurso. Essas três instâncias recobrem-se mutuamente. Através da *pessoa*, é o *inscritor* e o *escritor* que vivem; através do *inscritor*, a *pessoa* e o *escritor* enunciam; através do *escritor*, a *pessoa* e o *inscritor* traçam uma trajetória no espaço literário.

Não se trata aqui, evidentemente, do campo literário. Este é um Memorial apresentado à comunidade científica da área de Linguística para obtenção de promoção de carreira a Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia. Entretanto, durante nossa vida profissional, o que fazemos, em todas as nossas práticas, senão vivermos (*pessoa*) enunciando no campo (*inscritor*) para nele nos posicionarmos (*escritor*)?

Assim serei autora deste Memorial... reviverei minha trajetória profissional movendo-me nesse espaço em que ser

pessoa, *escritora* e *inscritora* se entrelaçam. Em alguns momentos, a *pessoa* estará no plano de frente. Em outros, a *escritora*. Por vezes, a *inscritora*. Mas em todos esses momentos me constituirei, neste espaço de memória que construirá minha história profissional, entrelaçando-me livremente nessas três instâncias - que são indissociáveis.





Eu, aos 4 anos de idade.

No mundo da criança
ou
Como tudo começou



À HORA DE DORMIR

QUANDO acabo de brincar,
Na cama vou-me deitar.
Se um dos sapatos esqueço,
Mesmo assim logo adormeço.

Ad. de M. L. Figueiredo

JOÃO PESTANA

Maria de Lourdes Figueiredo

QUANDO o relógio da tôrre
Bate as oito badaladas,
Sempre se escutam passinhos
De alguém subindo as escadas.
É João Pestana que chega,
E que se põe a gritar:
"Criancinhas, criancinhas,
É hora de se deitar".

JÁ SEI CONTAR

Maria de Lourdes Figueiredo

UM, dois, três; quatro, cinco,
Com o coelhinho, eu brinco.
Seis, sete, oito; nove, dez,
Êle pula, nos meus pés.

UM, DOIS, FEIJÃO COM ARROZ

UM, dois,
Feijão com arroz.

Três, quatro,
Tenho um pato.

Cinco, seis,
Pulo uma vez.

Sete, oito,
Como um biscoito.

Nove, dez,
Olho meus pés.



LINHA DO TEMPO

Nascimento	02 de abril de 1966, em Franca, SP.
Início do período escolar	Fevereiro de 1972, na Escola Estadual de 1º grau Coronel Francisco Martins (Franca)
Início do Curso em Violão Clássico	02 de abril de 1975, no Conservatório de Música Ars Nova (Franca)
Ingresso em Curso particular de Inglês	Fevereiro de 1978, Cultura Inglesa (Franca)
Saiu do ensino público para o ensino particular	Fevereiro de 1979, ingressou na Escola Alto Padrão (Franca)
First Certificate in English (FCE)	Em 1982, pela Universidade de Cambridge
Formatura em Violão Clássico	Em 1983, pela Escola de Violão José Marques da Silva (Franca)
Conclusão do Ensino Médio	Em 1983, pela Escola Alto Padrão (Franca)
Ingresso na Universidade	Em 1984, Curso de Letras da Universidade Estadual de Campinas, SP (UNICAMP)

E o pensamento voa
para um tempo tão à toa de jaboticaba,
de sol, de goiaba e de medo do escuro.

(Burburinho. Maury Gatti, compositor francano)

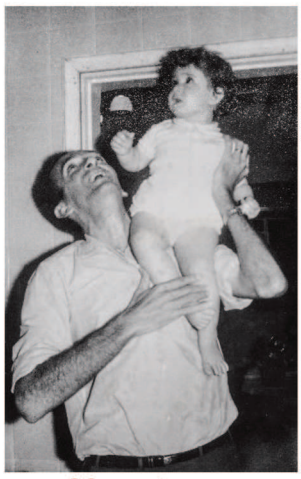

Eu, aos 2 anos de idade.

Eu nasci no tempo das enciclopédias. A casa de meus pais expunha, numa grande prateleira de alvenaria pintada de amarelo claro, várias coleções. *Larousse. Delta. Corpo humano. Bíblia Sagrada. O Mundo da criança.* Me lembro dessa prateleira como uma espécie de Paraíso na Terra. Ali era meu descanso, meu repositório de sonhos.

O Mundo da criança foi o livro da minha infância. Eram vários volumes que compunham uma grande coleção colorida, cheia de Histórias da Vovozinha, Cantigas de Ninar, Poemas e Cantigas Populares... *Um dois, feijão com arroz, três quatro, feijão no prato... Escravos de Jó, jogavam caxangá... Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega esse menino que tem medo de careta...* Eu não sabia, mas ali, entre aquelas páginas, escolhi o caminho profissional que mais tarde iria seguir.


Minha mãe e eu em festa da escola.

Morávamos em Franca, no interior do estado de São Paulo, numa casa de classe média (na verdade foram em várias, mas a memória trata de compilar...). Família grande, morávamos em oito: meus pais, tia Elza, eu e meus quatro irmãos. Meus pais eram professores – minha mãe Marilena, alfabetizadora, meu pai José (Zezito), professor de Física, Matemática e Contabilidade. A rotina na minha família era um ir e vir de escolas, um ir e vir de cursos de inglês, violão, piano, ballet e de treinos e jogos de basketball. Não tínhamos muito dinheiro. Pra sustentar tudo isso para cinco filhos, meus pais tinham também um Café (*Francafé*) na praça principal da cidade, que depois trocaram por uma lanchonete (*Komilão*), famosa pelas comidas sírias. Tia Elza cuidava do Café e da lanchonete, ajudando meus pais enquanto davam aulas. Saíamos da escola e íamos para lá, almoçar, tomar lanche, jantar. Fazíamos nossas lições por ali, muitas vezes


Meu pai e eu.



Tia Elza.



Minha cartilha.

Vestibular
A planária é vesga.
Cintia e eu não.
Sabíamos muito mais que isso
naquela época...
(do livro de poemas *Narciso*,
Fernanda Mussalim)

ao lado do meu pai, que preparava aulas, provas, materiais didáticos... Crescemos assim... achando que não havia nenhuma incompatibilidade entre trabalhar, estudar e misturar-se pela cidade. Era natural.

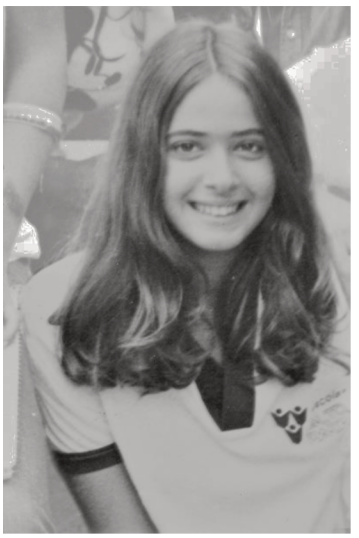
O estudo foi o grande valor da minha família. Meu pai foi um idealista. Era contador, mas queria ser professor. Foi fazer faculdade de Física e Matemática depois que teve os cinco filhos. Estava sempre com um livro nas mãos. Aposentou-se e abriu um cursinho gratuito, mobilizando os melhores professores da cidade para dar aulas a alunos carentes. Ajudou centenas a ingressar nas universidades públicas do país. Minha mãe foi uma professora primorosa. Foi quem me alfabetizou. Me fazia escrever inúmeras vezes letras, palavras, frases... E tinha os cadernos de caligrafia... Nas aulas, nos ensinava a recitar, cantar, nos preparava para os pequenos espetáculos de fim de ano, em que éramos a Senhora Baratinha, o Seu João Ratão, a Boneca Mimi, o Chico Bento... A escola pra mim sempre foi uma espécie de extensão do meu ambiente familiar. Estudar era natural e prazeroso, e ler era a melhor coisa da vida...

Me lembro de duas escolhas que fiz aos nove anos de idade. Decidi que passaria minhas férias escolares lendo Monteiro Lobato. E isso se repetiu por várias vezes... Houve as férias do Erico Veríssimo, do Machado de Assis, do Manuel Bandeira... Aos nove anos também comecei a estudar violão clássico. Achava fascinante a possibilidade de poder tocar qualquer música, se conseguisse ler uma partitura. O processo de estudo do violão clássico – hoje entendo – me parecia bem semelhante ao de leitura. Tratava-se de decifrar uma linguagem. E se tornou um grande interesse na minha vida. Minha adolescência seria dividida entre os livros e o violão e rodeada de amigos que partilhavam do mesmo interesse. Cintia Alves Covas (minha amiga-irmã) e eu éramos incansáveis em nossas tardes de estudo, regadas a vitamina de banana e com direito a corridinhas nos finais de tarde na Av. Hélio Palermo. Nos finais de semana, Marisa

Lemos Silveira e Juliana Paludetto eram parceiras nas tardes de violão nos bancos da praça central da cidade.

Quando fiz doze anos de idade, meus pais me matricularam na Cultura Inglesa. Não me lembro de ter pedido para estudar inglês, ao menos como insistentemente pedia para estudar violão... Provavelmente não pedi. Hoje, olhando de longe, acho que meus pais tinham um grande projeto de educação formal para os filhos. Não viajaríamos, não gastaríamos com vestuário (acho que não me lembro, até a época da faculdade, de sair para comprar roupas ou sapatos... não sei bem como eles apareciam no meu guarda-roupa...), mas estudaríamos em boas escolas, estudaríamos uma língua estrangeira, faríamos algo relacionado com arte (música ou dança) e algum esporte.

E lá estava eu, novamente fascinada com os livros e, claro, com as aulas de inglês. Conhecer outra cultura por meio do estudo da língua foi uma das experiências mais marcantes da minha adolescência. A família Lana da Costa, à frente da Cultura Inglesa de Franca, transformava o prédio de esquina da Marechal Deodoro com a Ouvidor Freire em um espaço paratópico. Ali, nos saguões, salas de aula, laboratórios e cantinas estávamos em Londres, Bristol, Oxford, Cambridge. Os textos que líamos, as conversas que tínhamos, os filmes que assistíamos, as músicas que ouvíamos, tudo construía um saber pragmático da língua que, tenho certeza, ecoou em várias escolhas que fiz ao longo de minha vida profissional – desde a escolha pelo curso de graduação, até a área e a linha de pesquisa em que optei por me inscrever como pesquisadora. Duas professoras me marcaram profundamente: Maria Laura Rodrigues Alves, professora dos meus anos iniciais, que me conquistou pela leveza com que conduzia as interações em sala de aula, e Eliane Quirino, professora do meu último ano de Cultura Inglesa, que me impressionou pelo conhecimento, postura e comprometimento. Eu era muito feliz ali... e teria sido uma


Eu, aos 14 anos de idade.

feliz professora de inglês, se os caminhos não tivessem sido outros.

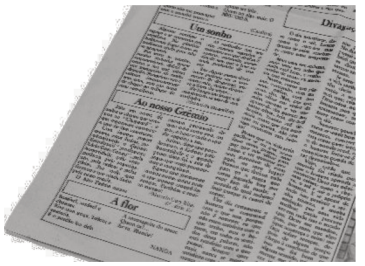
Aos treze anos, quando ingressava na 7ª série do Ginasial (atual 6º ano do Ensino Fundamental), meu pai me transferiu para uma escola particular. Como professor de Física e Contabilidade da Escola Alto Padrão, que seguia o método do Colégio Objetivo, obteve bolsa de estudos para os filhos. Nessa época, em 1979, infelizmente já se falava da queda de qualidade da escola pública. Mas eu não percebia nada... achava bom... tinha excelentes professores e ótimos amigos... Também já se falava da concorrência acirrada dos vestibulares para ingresso nas universidades públicas. Mas nada disso fazia parte do meu horizonte... eu era apenas uma menina entrando na adolescência... O que percebi mesmo, ao mudar de escola, foi um alargamento do universo cultural. No Alto Padrão, tínhamos, já no Ensino Fundamental, aulas de Literatura separadas das de Língua Portuguesa e Redação. O lugar da Literatura era bem evidente na nossa formação. Líamos os clássicos, participávamos de competições literárias, havia excursões para encontros literários promovidos em torno das obras de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. O professor Everton de Paula era um entusiasta. Organizava todos os anos a *Semana de Arte*, uma competição de música, dança, literatura, teatro e pintura entre as quatro séries do Ginasial (antigas 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries). Era uma festa, todas as turmas se mobilizavam em torno da Semana. Claro que eu participava das competições de música e literatura. Tinha uma amiga, parceira de composições, a Helena Monteiro. Ganhamos mais de uma vez o prêmio da melhor canção, com letras que faziam referência a Freud, Marx e a uma parafernália de filósofos de que já tínhamos ouvido falar ou lido algumas poucas linhas. Sem falar nas várias intertextualidades com a literatura. Eram canções de duas meninas sonhadoras, que tocavam violão e gostavam de literatura. Nossa adolescência, embalada por canções das bandas Queen, Supertramp, Pink

Floyd e pelas composições de Beto Guedes, Lô Borges, Milton Nascimento, Flavio Venturini, Roupa Nova, Boca Livre e 14 BIS, foi um momento determinante na formação dos meus horizontes de futuro – do mirante a partir do qual eu iria traçar meus limites de personalidade e fazer minhas escolhas.

Foi nessa época que descobri que, além de gostar de ler, gostava muito de escrever. As aulas de Redação começaram a se tornar cada vez mais atraentes. Não importava o tema, o propósito, nada... eu me empenhava em escrever um texto "com estilo". Mais que o tema, me interessava a linguagem. As aulas de gramática não faziam muito sentido pra mim. Eu achava muito fácil fazer análise sintática. Gostava de estudar, fazer exercícios, era um hobby. Apenas isso. Hoje, entretanto, sei que tiveram um efeito sobre mim. Ao escrever, buscava avaliar meus textos considerando as "regras gramaticais". Revisava também os textos dos meus colegas. Acho que foi minha primeira experiência como "linguista", olhar o texto a partir de uma perspectiva de funcionamento da língua – mesmo sem ter a menor ideia de que fazia isso a partir de um viés normativo e não descritivo.

Aos quatorze anos decidi que queria passar minha vida escrevendo e comecei a espalhar aos quatro cantos do mundo que seria jornalista. Era a profissão mais próxima de "ser escritor", porque ser autor de literatura era coisa de gente velha ou morta. Só conhecíamos os clássicos da Literatura. Não líamos escritores contemporâneos. Nem sabíamos que existiam. Me lembro de ter entrado em contato com o que chamam de New Jornalism, uma vertente americana de jornalismo da década de 1960 que aborda o factual a partir de um viés bem subjetivo, humanizando o relato. Assim, ao invés de se dizer que "Fulano, residente na Rocinha, morreu ao atravessar a rua", o jornalista construiria, mais ou menos no estilo literário, o seguinte relato: "Na caixinha de papelão que carregava, trazia anotações de sonhos. Sonhos que se perderam quando Fulano, residente da Rocinha, atravessou a

Neurose
Eu não quero ser detalhista.
Mas acho que falta uma vírgula naquele parágrafo.
(do livro de poemas *Narciso*, Fernanda Mussalim)



Jornal da escola Alto Padrão, Franca.

rua e foi atropelado por um carro azul que vinha em grande velocidade, sem perceber que havia humanidade a sua volta". Pronto, eu pensava, achei o meu caminho! E comecei a escrever pequenos textos para publicar no mural da escola, no jornal interno mensal e até no jornal da cidade. Construía, em parceria com Helena (a chamávamos de Leninha), narrativas impressionistas (ou dadaístas), juntando palavras e frases que recortávamos de revistas... e me sentia autora... orgulhosa de minha escolha e achando a profissão mais importante do mundo...

Quando entrei no Colegial (atual Ensino Médio), minha irmã Liliana foi estudar em Campinas. Começou a cursar Fonoaudiologia na PUC e, sempre que voltava para Franca, me contava que tocava violão com os amigos, que ia a barzinhos com música ao vivo e almoçava no Restaurante Universitário da UNICAMP aos sábados. Não demorou muito para que eu fosse passar uns dias nessa "cidade dos sonhos", onde conheci estudantes de Fonoaudiologia e Comunicação Social. Dizia a todos que queria ser jornalista, e uma colega de minha irmã, que cursava Jornalismo na PUC, se ofereceu para me apresentar o curso. Um ano depois, no final de 1982, quando voltei a Campinas para fazer a prova para obtenção do *First Certificate in English* (FCE) pela Universidade de Cambridge, como conclusão do Curso de Inglês pela Cultura Inglesa, tive a oportunidade de conhecer melhor o que um jornalista faz no seu dia a dia. Que decepção! Não era nada do que eu esperava. Não havia romantismo nas edições dos jornais... os repórteres me pareciam intrometidos à caça de notícias... e, sobretudo, no Jornalismo brasileiro, não se aceitavam marcas de subjetividade nos textos, ao menos no relato dos fatos.

Voltei para casa desolada, às portas do 3º ano do Colegial e sem horizonte profissional. Comecei a pensar em fazer Faculdade de Música. Estava me formando em violão clássico e tocava muito bem. Meu inesquecível professor José Marques da Silva me tratava como um dos grandes talentos

da escola. “Mãos longas e ágeis, destreza nos saltos pelo braço do violão, som limpo, suave e preciso”, era o que me dizia em todas as aulas. Mas meu coração não batia forte quando me imaginava “violonista profissional”. E me assustava um pouco também a ideia de passar a vida sobre o palco. Gostava da solidão que os livros me proporcionavam e do silêncio das bibliotecas.


Eu e meu violão.

No início do ano letivo recebi a notícia de que havia sido aprovada na prova para obtenção do FCE. Na ocasião, meu pai, percebendo minha angústia, me disse: “Por que você não faz Letras? Você é tão boa em Inglês!”. Era tão óbvio pra ele... e ficou tão claro pra mim... Ia fazer Letras e ser professora de Português, Inglês, Literaturas... de todo esse universo que era fascinante pra mim! E ia fazer Letras na UNICAMP! Meus professores não aceitaram muito bem a ideia, porque eu tinha notas para passar em Direito, Engenharia, Odontologia, Medicina... Letras não era para mim... De nada adiantou... Pra não dizer que fiz apenas um vestibular – o da FUVEST para ingresso na UNICAMP –, paguei também a taxa para o vestibular de Tradutor e Intérprete pela UNESP de São José do Rio Preto, mas não fiz a inscrição. Na época, achei que, pagando a taxa, estaria automaticamente inscrita. Bem... parece mesmo que não queria ser tradutora...

Em 1984, com dezessete anos, ingressei no Curso de Letras da Universidade Estadual de Campinas. Já nos primeiros meses fizemos a camiseta do Curso: LETRAS-UNICAMP. Não era possível que houvesse ali alguém que se sentisse mais feliz e honrada que eu de vestir aquela camiseta.

No universo das Letras
ou
Minha formação





LINHA DO TEMPO

Início da Graduação em Letras	Março de 1984, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Término da Graduação em Letras	Dezembro de 1987, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Início do Mestrado em Linguística	Março de 1992, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Término do Mestrado em Linguística	Março de 1996, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Início do Doutorado em Linguística	Março de 1998, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Ingresso na Universidade Federal de Uberlândia	Fevereiro de 2003.
Término do Doutorado em Linguística	Novembro de 2003, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

1. Graduação em Letras

Nossa linda juventude, página de um livro bom
Canta, que te quero gás e calor
Claro como o sol raiou, claro como o sol raiou.

(Linda Juventude, 14 BIS)

Em março de 1984 entrei pela primeira vez no ônibus da Viação Cometa que me levaria inumeráveis vezes de Franca a Campinas, às 6 da manhã das segundas-feiras. Sentei-me ao lado de uma moça morena, magrinha, de óculos e bem tímida... Começamos reservadamente a conversar e descobrimos que estávamos indo para a mesma universidade e mesmo curso. Fiquei muito feliz com esse encontro, mas nem imaginava que Marina Célia Mendonça se tornaria minha grande amiga, irmã de coração, que moraríamos juntas e que, em função de nossa convivência diária e constante diferença no modo de avaliar os textos que líamos, ela se tornaria, no meu imaginário, a representação do leitor crítico que avaliaria meus textos e a quem eu buscava responder durante meu processo de escrita. Foi assim que aprendi de verdade a escrever. Com Marina.

Em meu primeiro ano de faculdade, como era de se esperar, fui morar com minha irmã e minha prima Marcia numa república de estudantes de Fonoaudiologia e Comunicação Social da PUC. Era um apartamento grande e antigo na Rua José Paulino no Centro de Campinas. Ali fiz minhas primeiras leituras apaixonadas de Walter Benjamin, Antônio Candido, Alfredo Bosi, Roman Jakobson, Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste, John Lyons, William Labov. O curso de Letras era integral, com aulas de manhã e à tarde e intervalos no meio de cada período, além das duas horas que tínhamos reservadas para o almoço. Nos corredores de salas de aula do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), esses intervalos se transformavam em momentos inesquecíveis de interação entre os alunos das

várias turmas de Letras e Linguística e vários outros estudantes de outros cursos que circulavam por ali em busca de cursos de línguas, literatura, linguística e produção de textos. Me lembro de cenas pitorescas nesses corredores. Além de comentarmos sobre as aulas e os professores, também construíamos frases em latim completamente *nonsense*, numa referência clara à dificuldade que tínhamos em acompanhar as aulas do Professor Waldir Carvalho Luz. Alguns recitavam poemas em rodinhas de amigos, enfatizando o brilhantismo de determinado poeta. Uns conversavam em língua estrangeira ou comentavam traduções. Outros lamentavam a dificuldade em ler Lyons. Outros jogavam truco. Os professores se misturavam a nós – de um modo geral sempre gentis com aquela juventude animada. Me lembro sempre do sorriso largo da professora Ester Scarpa quando nos encontrava na porta da sala de aula aguardando sua chegada...

Na década de 1980, nos corredores do IEL, vimos configurar, tomar corpo, o projeto de uma universidade de excelência. A tônica era competência e inovação. Os professores eram escolhidos a dedo – em todos as faculdades e institutos da UNICAMP. No IEL, isso era bem evidente. Na Literatura, tínhamos nomes como Roberto Schwartz, Haquira Osakabe, Alcir Pécora, Jesus de Almeida Durigan, Maria Eugênia Boaventura Dias, Modesto Carone, Suzi Sperber, Marisa Lojolo, Vilma Arêas, Maria Lúcia Dal Farra, Adélia Bezerra de Meneses, Antonio Arnoni Prado, Francisco Foot Hardman, Paulo Franchetti, Eric Mitchell Sabinson. Na Linguística, Fernando Tarallo, Mary Kato, Ataliba de Castilho, Carlos Alberto Vogt, Luiz Carlos Cagliari, Maria Bernadete Abaurre, Ester Mirian Scarpa, Rodolfo Ilari, Maria Cecília Perrone, Tânia Alkmin, Sírio Possenti, João Wanderley Geraldi, Eni Orlandi, Eduardo Guimarães, Ingedore Villaça Koch, Kanavillil Rajagopalan, Jonas Romualdo, Maria Irma Hadler Coudry, Eleonora Albano, Edson Françoso, Rosa Attié Figueira, Angela

Kleiman, Maria Fausta Pereira de Castro, Claudia Guimarães de Lemos, Maria Augusta Bastos de Mattos, Raquel Salek Fiad, Maria Laura Mayrink-Sabinson, Lúcia Bastos, Michel Lahud (que era do Instituto de Filosofia, mas ministrava cursos no IEL). Havia outros docentes, mas foram estes que, de maneira mais direta, participaram de minha formação.

Nas aulas que assistíamos, os professores nos apresentavam grandes autores e teorias, mas eram também autores e estavam construindo – revendo, propondo – teorias. Ali, sob nossos olhos, vimos solidificar parte da Teoria e da Crítica Literária e da Linguística no Brasil, vimos nascer os projetos que, até hoje, são referências para o ensino de Língua Portuguesa no país e toda a reflexão em torno dos processos seletivos para as universidades brasileiras. A ênfase na análise de textos (literários ou não) e de dados de língua foi a característica mais central de minha formação. Não havia simplesmente aula teórica, havia fundamentação teórica de base para análise e compreensão de textos e de fenômenos de língua. Não havia teoria sobre ensino de língua e literatura, havia análise de propostas de ensino e discussão sobre a produtividade ou não de tais propostas. Minha graduação foi um privilégio!

No segundo ano, deveríamos escolher entre Letras (bacharelado e licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas) e Linguística (bacharelado). Não havia licenciatura em línguas estrangeiras, que era um dos meus objetivos iniciais. As aulas de língua estrangeira faziam parte da grade curricular, mas não tínhamos nem os estágios, nem as disciplinas pedagógicas voltados para a formação de professores de línguas estrangeiras. Cursei disciplinas de Inglês (ler *Alice in Wonderland* sob a supervisão do professor Eric Sabison foi inesquecível) e de Francês (a professora Celene Margarida Cruz fazia de suas aulas de Francês um pedacinho de Paris).

New York
Eu creio que a língua inglesa,
well, you know,
é uma língua de...
how can I say?...
Navegadores. Yes.
(do livro de poemas *Narciso*, Fernanda Mussalim)

Optei por fazer Letras. Apesar de gostar muito das disciplinas da Linguística, não queria abrir mão da Literatura e da licenciatura. Acho que fiz uma boa escolha. A grade curricular do curso era bem equilibrada – dividida entre disciplinas do campo da Literatura, da Linguística e da Educação. Tive uma sólida formação em Literatura e Linguística. Li os textos fundadores e os fundamentais de ambas as áreas e adquiri, ao longo dos quatro anos de graduação, habilidade para fazer análises sustentáveis de língua e texto.

Me lembro de acompanhar admirada as análises que o professor Haquira Osakabe apresentava durante suas aulas, relacionando Filosofia e Literatura (líamos Camões à luz de Platão); das análises que Alcir Pécora realizava de *Menina Moça* de Bernardim Ribeiro e dos sermões do Padre Vieira; das leituras primorosas que Marisa Lajolo empreendia de Machado de Assis (e de seu narrador); das análises minuciosas que Suzi Sperber fazia da obra de Clarice Lispector. Me lembro também da leitura de Antologias de contos brasileiros (líamos Murilo Rubião, Rubens Fonseca, Moacir Scliar, Marina Colasanti e vários outros); da leitura de textos fundamentais de poesia, quando, com Modesto Carone, li pela primeira vez Safo, Catulo, Quevedo, Keats, Poe, Baudelaire, Verlaine, Neruda... e reli Camões, Bandeira e Drummond. Lemos textos fundamentais de ficção, incluindo as tragédias gregas e os grandes textos de teatro, e nos debruçamos sobre as principais obras das literaturas portuguesa e brasileira, incluindo textos mais contemporâneos (me lembro de ler, com Jesus Durigan, literatura brasileira da década de 70 – li *O que é isso, companheiro* de Fernando Gabeira, que me marcou profundamente...). Com a professora Maria Eugênia Boaventura Dias, acompanhamos, no IEL, a construção do Acervo de Oswald de Andrade e estudamos, de uma perspectiva mais historiográfica, a constituição do Modernismo brasileiro, abordagem que, de alguma maneira,

apareceria em minhas pesquisas futuras. Nas aulas de Cultura Brasileira, ministradas por Francisco Foot Hardman, novamente o Modernismo brasileiro teve lugar de destaque e, pela primeira vez, tive contato com uma abordagem que relacionava literatura e música. Villa-Lobos e Mário de Andrade, por meio de suas criações, pensavam o Brasil. Nesse curso, apresentei para meus colegas as principais diretrizes das composições de Villa-Lobos (que deve ter feito sentido para uns poucos da turma que entendiam de música, como Luis Bueno e Gladis Massini-Cagliari). De qualquer forma, nascia ali, aos meus olhos, a possibilidade de relacionar de maneira mais coesa, no universo acadêmico, música e literatura. Isso ecoaria em outros momentos do meu percurso como pesquisadora, na própria graduação e, mais tarde, no Doutorado e em outros projetos que desenvolvi em Pós-doutoramento, já como professora da Universidade Federal de Uberlândia.

Nas aulas de Linguística, tive a oportunidade de acompanhar as pesquisas que nossos professores desenvolviam. Havia uma grande integração entre ensino e pesquisa. Me lembro da professora Tânia Alkmin apresentando nas aulas de Sociolinguística seus dados de pesquisa sobre línguas creoulas e várias outras línguas (inclusive de línguas indígenas brasileiras); da professora Maria Bernadete Abaurre apresentando dados de seu projeto de pesquisa, cujas análises relacionavam Fonologia e aquisição de língua escrita; da professora Maria Irma Hadler Coudry (a Maza) apresentando dados de sua pesquisa com sujeitos afásicos; da professora Maria Fausta Pereira de Castro ajudando-nos a levantar hipóteses sobre aquisição de linguagem em crianças de 2 a 5 anos, a partir de dados de sua pesquisa; das professoras Raquel Salek Fiad e Maria Laura Mayrink-Sabinson apresentando-nos a proposta (que se tornaria, pouco tempo depois, referência na Linguística Aplicada) de tratar a escrita como trabalho e fazendo-nos escrever e reescrever textos ao longo do semestre.

Foi também no segundo ano do curso que me mudei de casa em Campinas. Todas as meninas que moravam comigo se formaram, e Marina e eu montamos uma república na Avenida Princesa Isabel, que dividiríamos, também, com mais uma francana, Janice Ribeiro (a Jane), que cursava Engrenharia de Alimentos. Morar com alguém que fazia o mesmo curso que eu e, ainda, estava na mesma turma, alterou completamente minha rotina de estudos e afetou positivamente meu envolvimento com minha formação. Além de nossos estudos sistemáticos à noite, em que comentávamos textos (dos quais sempre tínhamos interpretações bem diferentes) e fazíamos nossos trabalhos (eram nessas ocasiões que líamos os textos uma da outra e os enchíamos de defeito), passamos também a agregar outros colegas do curso e a nos reunirmos para ler e debater textos, escrever análises e preparar seminários. Grupos de estudo em torno dos textos de Lyons não faltaram... Luciana Benedini, Mara Rosin, Arla Ravagnani, Marina e eu. Muitos foram os encontros na casa da Tereca (Terezinha di Giulio) em que Marina, Bete (Elisabete Pimentel) e eu levávamos tardes inteiras às voltas com a leitura de poemas, tentando alcançar o que julgávamos ser uma interpretação à altura do poeta. Éramos incansáveis e animadas. Certa vez organizamos um piquenique no Bosque de Campinas para reproduzir ambientes das poesias bucólicas. Fomos todas de saias rodadas com livros nas mãos e, claro, pra abrasileirar um pouco, toalha xadrez e cestos de vime. A leitura durou meia hora... o restante do tempo coube às risadas.
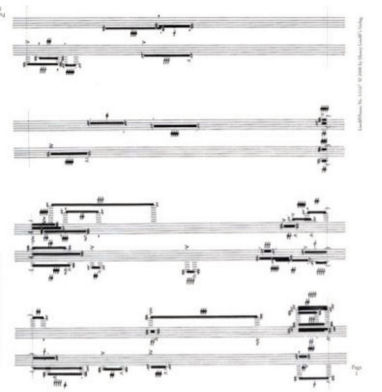


Apresentação do Madrigal em casa.

Nessa toada levava o curso, sem delimitar fronteiras entre a vida e os estudos, porque o mundo da linguagem era o único possível pra mim. No horário do almoço na UNICAMP, me envolvia em inúmeras atividades. Era membro do *Madrigal em casa*, um grupo de oito cantores, regido pela Bia Dokedal, e ensaiávamos na hora do almoço. Viajávamos quase sempre aos finais de semana pra nos apresentarmos e ganhamos o Festival de Corais da TV

Cultura em 1986. Também fazia dueto com Serginho, um violonista clássico que estava finalizando seu curso de música – nossos ensaios eram na hora do almoço, em uma das salas da Faculdade de Música, e nos apresentávamos nos anfiteatros de várias faculdades. Participava, ainda, da equipe de atletismo da UNICAMP (não era muito boa nisso, mas minhas longas pernas me puseram no grupo dos atletas de salto à distância), cujos treinos também eram ao meio dia.

Meu contato com a música continuou existindo durante a graduação, mas não fazia parte ainda do meu universo acadêmico, até o momento em que li *A Hora de Estrela* de Clarice Lispector.

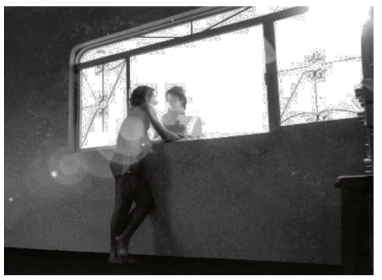
O livro me impressionou em todos os sentidos – o narrador que se diluía em culpa, a indistinção entre realidades factuais e psicológicas, o tema, mas sobretudo pela sonoridade. As descrições, as metáforas, o ritmo da enunciação me faziam ter a impressão de que uma trilha sonora acompanhava a narrativa. Sem muita ambição – mais para acalmar minha inquietação – escrevi, em partitura, a trilha sonora do livro "que ouvia", toda baseada em imagens sonoras. As tensões da narrativa foram representadas por acordes de sétima, que, na composição musical, geram uma tensão harmônica que urge por resolução; as referências constantes que o narrador fazia ao silêncio foram representadas por pausas musicais; o violino descrito pelo narrador ganhou pauta especial na partitura. Basicamente, tentei construir uma sinfonia de câmara, tipo de composição escrita para pequenos conjuntos instrumentais virtuosísticos, em que incluía, entretanto, a linha melódica do canto (numa clara referência à linguagem verbal) e elementos sonoros do mundo exterior, presentes na narrativa (a chuva, os carros buzinando, o canto do galo, a passarinhada...). A composição era atonal – uma dissonância que rompe com a ideia de um centro tonal (um tom) que rege os fenômenos melódicos e harmônicos formadores das escalas musicais –, no intuito de dar visibilidade à pluralidade simultânea de vozes da



Partitura ilustrativa de música aleatória.



Clarice e Chico.



Marcelo e eu no sobrado.

Amor descalço
Na lua nova
lavamos os pés.
(do livro de poemas *Narciso*,
Fernanda Mussalim)

narrativa. Baseada no modelo de partitura da *música aleatória*, que joga com certo grau de imprevisibilidade tanto do processo de composição da obra, quanto durante sua execução, escrevi a trilha sonora apenas apresentando caminhos possíveis de execução, por meio de símbolos e diagramas que, ás vezes indicavam a altura das notas, às vezes a sua duração, mas raramente as duas coisas ao mesmo tempo. Foi uma forma que encontrei de representar a pluralidade de efeitos de sentido do texto.

Em uma manhã de 1987, no final de uma das aulas com Jesus Durigan, comentei com o professor a impressão que tinha tido ao ler a *Hora da Estrela* e o que eu havia feito. Para minha surpresa, ele ficou muito bem impressionado com o que eu lhe contava e disse que esse tipo de análise poderia ajudar a sustentar a hipótese de que o projeto literário de Lispector aproxima a literatura do cinema. E se ofereceu para orientar um projeto para que eu pudesse concorrer, ao final do ano, a uma vaga no Mestrado de Teoria Literária da UNICAMP. Fiquei animadíssima! Agradeci e escrevi o projeto. Mas nunca cheguei a entregar. Decidi que queria voltar para Franca... trabalhar e que, depois, talvez, um dia... pensaria em retornar para um Mestrado.

Fortalecendo todos os estereótipos então vigentes das estudantes de Letras, voltei para Franca e me casei no início de 1988. Marcelo havia se formado em arquitetura e era músico profissional. Eu fui trabalhar em uma escola particular, a Dinâmica Espiral, em que ministrava aulas de Literatura e Produção de Textos. Morávamos, com nossos dois cães (a pastora alemã Clarice Lispector e nosso vira-lata Chico Buarque), em um sobrado de esquina avarandado. Nossa casa era pura música e poesia...

2. Mestrado em Linguística

Meu sonho

Cassiano de calças curtas
e estrelas na mão.

(do livro de poemas Narciso, Fernanda Mussalim)

A opção por fazer um Mestrado em Linguística decorreu de minha experiência como professora de Língua Portuguesa da Escola Dinâmica Espiral. Além das aulas de Literatura, era responsável pelas aulas de Produção de Textos de várias séries do Ensino Fundamental, durante as quais trabalhava escrita e reescrita de textos e abordava questões de língua sempre vinculadas a contextos de enunciação. De alguma forma essa experiência me mudou. Me sentia muito realizada em ajudar a transformar textos ruins em textos bem escritos.

Em 1990, Jesus Durigan e sua esposa Regina de Almeida Durigan, que era francana, mudaram-se para Franca e passaram a dar assessoria na escola. Tínhamos uma excelente relação de trabalho e acreditávamos nos mesmos meios de se chegar a certos objetivos em relação a ensino de Língua Portuguesa. Foi nessa convivência que, mais uma vez, Durigan estimulou-me a tentar o Mestrado, mas desta vez em Linguística, percebendo – talvez melhor que eu – meu crescente envolvimento com as teorias da área.

Em 1991, numa ocasião em que fui levar minha mãe para uma consulta no Hospital da Unicamp, resolvi voltar ao IEL. Caminhando pelo corredor da sala dos professores à caça de rostos conhecidos, encontrei o professor Sírio Possenti, que me perguntou por onde andava e o que estava fazendo. Disse que estava pensando em voltar para o Mestrado em Linguística. Ele então me indicou dois livros – *Novas*

Filho pródigo
Acabei de ser filha e fui ser mãe.
Cadência da vida.
Mas no leite com nescau guardo um segredo.
Um bom dia de você, mãe.
E o dia começa aberto em mim.
(do livro de poemas *Narciso*, Fernanda Mussalim)

tendências em Análise do Discurso de Dominique Maingueneau[1] e *Introdução à Análise do Discurso* de Helena H. Nagamine Brandão[2]. Me disse para ler e que, se houvesse interesse, fizesse um projeto de até 20 páginas para submeter ao processo seletivo para ingresso no Mestrado no ano seguinte.

Quando li esses dois livros, compreendi que aquele seria o espaço na Linguística em que me sentiria completamente à vontade: o espaço da enunciação – uma enunciação regulada por condições históricas e socias, cujo funcionamento poderia ser explicado levando em conta – como duas instâncias que se afetam mutuamente – a materialidade do discurso e suas condições de produção. Fiz o projeto, submeti, fui aprovada e iniciei o Mestrado em março de 1992, sob a orientação de Sírio Possenti.

Ainda morando em Franca, passava a semana em Campinas, hospedada, com Marina (que na época também fazia o Mestrado sob a orientação de João Wanderley Geraldi), na casa de uma senhora. Estava grávida de meu primeiro filho, Cassiano, e muito animada com as novidades da vida. Além da maternidade, retornar a Campinas, ao IEL, meu lar acadêmico, conhecer novas pessoas e ter a experiência de pertencer a um projeto maior de pesquisa, coordenado pelo meu orientador, era muito bom!

O projeto que desenvolvi analisava um *corpus* de publicidade. Com o intuito de fazer uma reflexão em torno da noção de "assujeitamento do sujeito do discurso" postulada na teoria de Michel Pêcheux, considerava o trabalho do publicitário um *locus* interessante para caracterizar um sujeito do discurso instrumentado

[1] MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.

[2] BRANDÃO, H.H.N. *Introdução à Análise do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

(FICHANT, 1973)[3], que contava com uma série de pesquisas sociológicas, de dados estatísticos etc., para nortear a construção das peças publicitárias. Meu intuito era realizar uma crítica à ideia, disseminada no Brasil, de assujeitamento pleno do sujeito do discurso (decorrente do conceito de interpelação ideológica), crítica que, na verdade, já vinha sendo feita, de modos diferentes, por Sírio Possenti e João Wanderley Geraldi.

Analisando peças e campanhas publicitárias destinadas ao público feminino e publicadas nos anos 80 e 90 do século XX no Brasil, delineei a presença de um estereótipo feminino que permitia variações, descritas, no trabalho, com base na noção de *topos* (T) argumentativo de Oswald Ducrot (1984)[4]:

T1: A mulher que cuidar bem da casa e da família e se mantiver bonita, será valorizada, amada e, portanto, estará realizada.

T2: É imprescindível que a mulher seja bonita e sedutora, já que ela deve se configurar em objeto de desejo do outro.

T3: O fato de a mulher ser uma profissional (leia-se também inteligente e independente) não implica a possibilidade de ela deixar de ser bonita e sedutora, frágil e responsável pelos cuidados da casa e da família.

O que buscava demonstrar, com a pesquisa, é que o sujeito publicitário, ao se valer desses *topoi* como fortes estratégias argumentativas, apresentava-se como um sujeito instrumentado e, assim sendo, seria possível repensar a questão do assujeitamento. Na análise das peças publicitárias, além de analisar a presença desses *topoi*, buscava ainda enfatizar a presença da heterogeneidade discursiva, pois

---

[3] FICHANT, M. A epistemologia na França. In: CHÂTELET, F. (org.). *História da Filosofia* - ideias, doutrinas. V. 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

[4] DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1984.

tinha o intuito de demonstrar que, ao invés de essa heterogeneidade ser compreendida como uma defasagem entre uma formação discursiva e outra (PÊCHEUX E FUCHS, 1975)[5], ela poderia ser compreendida como uma "margem de autonomia" para os sujeitos envolvidos na interação discursiva. O tema era polêmico, e o título provocador. Parafraseando um dos textos publicitários analisados (*Lembra quando sua mãe dizia que se você se comportasse, fosse uma boa dona-de-casa, soubesse passar, cozinhar e lavar, você ia encontrar um príncipe encantado? Tudo mentira.*), assim intitulei o trabalho: "Lembra quando Pêcheux dizia que os sujeitos envolvidos numa interação discursiva são plenamente assujeitados pela formação social a que pertencem? Tudo mentira."[6].

Sírio não impunha limites... sempre foi a favor da autonomia intelectual, desde que a sustentássemos... Às vésperas da defesa, relendo o trabalho, achei que tinha sido mais radical que o necessário. Choramingando para ele o que havia feito, sua resposta foi um sonoro "Fernanda, vire-se!", que, para minha sanidade mental, parafraseei da seguinte maneira: se eu li o que li em Pêcheux, é porque está lá... E me preparei com recortes da obra, citações, dados do meu *corpus* para passar pela banca.

Na defesa, a banca elogiou o trabalho e considerou que havia contribuições, mas na comunidade dos analistas do discurso gerou incômodo. Minha dissertação foi bastante citada - amada ou odiada. Não havia meio termo possível... Na verdade, ela materializava posições opostas na área. Nos corredores do IEL, uns comemoravam a minha "petulância",

---

[5] PÊCHEUX, M.; FUCHS. C. (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. HAK. T (orgs). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

[6] SILVEIRA, Fernanda Mussalim G. L. *"Lembra quando Pêcheux dizia que os sujeitos envolvidos numa interação discursiva são plenamente assujeitados pela formação social a que pertencem? Tudo mentira."*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL-UNICAMP, 1996. 103p.

outros a criticavam veementemente. Mas eu me sentia confortável com o que havia feito, parecia que aqueles comentários não me diziam respeito... estavam falando de outro trabalho... de outra pessoa.

Defendi a dissertação em março de 1996, mas, não raras vezes, anos depois, fui interrogada pelo que havia escrito... "você pensa isso mesmo?"; "acha que leu Pêcheux direito?". No GEL de 2002, assisti a uma comunicação de um pragmaticista que tomava minha dissertação como texto de referência da Análise do Discurso (AD) e, a partir dela, fazia críticas ferrenhas à área – como se meu trabalho desse sustentação às ideias dele. Posteriormente, ele publicou um texto sobre isso, a respeito do qual fui inúmeras vezes questionada... Assistia tudo com estranheza... Como é que alguém poderia tomar uma dissertação de mestrado como texto de referência de toda uma área? Como é que alguém poderia ler um debate teórico no interior da AD (que foi o que fiz em minha dissertação) como ataque à teoria? Não era assim que deveríamos agir no campo científico? Não deveríamos testar hipóteses, rever pressupostos com base num conjunto de dados robustos, ou, em termos mais epistemológicos, adequar a capacidade explicativa e descritiva da teoria? Na ABRALIN de 2003 tive que responder ao mesmo tipo de questionamento, agora vindo de analistas do discurso que liam com certa desconfiança qualquer possível discordância da releitura que Althusser havia feito de Marx – e do modo como isso reverberava nas formulações de Pêcheux.

Na verdade, minha dissertação respondia mais às leituras (a meu ver, dogmáticas) que se faziam de Pêcheux no Brasil, que ao próprio Pêcheux, teórico que respeito profundamente, pelas criteriosas formulações teórico-metodológicas e incansável busca de revisão do próprio trabalho. No calor do debate, talvez não tenha deixado isso tão claro... Aos 29 anos de idade, minha inquietação com algumas questões teóricas se traduziu em críticas, feitas num

tom nada condescendente, a certa concepção de sujeito, que condenava as análises discursivas a um já-dito, a um já-lá. Avaliando à distância, tratava-se da atualização de uma mesma inquietação que, aos 16 anos, me levou a desistir de ser jornalista... não havia espaço para marcas de subjetividade no texto...

Durante os quatro anos de Mestrado (incluindo minha licença maternidade no segundo semestre de 1992), investi muito na minha formação como linguista. Além da gama de disciplinas de diferentes subáreas da Linguística que cursei (Fonética e Fonologia; Introdução à Semântica; Introdução à Análise do Discurso; Linguagem e Processos cognitivos; Tópicos de Linguística Textual II; Leitura Individual Orientada; Modelos de Análise Linguística; Tópicos de Sociolinguística I), comecei também a ingressar, timidamente, no universo dos congressos e das publicações acadêmicas. De 1992 a 1996, participei, com apresentação de trabalhos, do GEL – Grupo de estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, em cujos Anais publiquei meus três primeiros artigos científicos, todos decorrentes da pesquisa que desenvolvi durante o Mestrado.

3. Doutorado em Linguística

Poema para Clara

Teus olhos
reluzentes luas negras
no clarão
da tua luz.

(do livro de poemas Narciso, Fernanda Mussalim)

Após finalizar o Mestrado, resolvi, novamente, dar uma pausa... Em 1996, retomei minhas aulas na Universidade de Franca e passei a me dedicar ao magistério superior. Entretanto, em 1997, comecei a sentir falta de estar mais diretamente envolvida num ambiente de pesquisa e, no

segundo semestre, fiz o processo seletivo para o Doutorado, concorrendo a uma vaga na Pós-graduação em Linguística do IEL, sob a orientação de Sírio Possenti. A princípio, Sírio tentou me convencer a tentar o Doutorado com outro professor, dizia que novos pontos de vistas seriam bons para minha formação. Insisti. Acabou aceitando, dizendo que eu faria o que quisesse mesmo... Na época, não sabia bem se era um elogio ou uma crítica, mas não me importei... queria continuar pesquisando sob sua orientação.

Em 1998, aos 31 anos de idade, iniciei o Doutorado. As viagens de Franca a Campinas seriam agora mais animadas. Além da Marina (que nos acompanharia algumas vezes), dois outros amigos, também docentes na Universidade de Franca, fariam essa viagem semanal – Ari Pedro Balieiro Júnior, que iniciava o Mestrado em Linguística sob a orientação de Maria Irma Hadler Coudry, e Maria Flávia Figueiredo que, cursando Doutorado na UNESP-Araraquara sob a orientação de Gladis Massini-Cagliari, cumpria, naquele ano, alguns créditos de disciplinas no IEL.

Nossa maratona se iniciava, todas as semanas, às 5 horas da manhã. A viagem (no carro secular do Ari) levava por volta de três horas e meia, que não víamos passar. No caminho, conversávamos sobre vida e Linguística. Sobre a Rodovia Anhanguera, resolvemos rumos de pesquisa, abandonamos velhas hipóteses e assumimos outras, alteramos *corpora* de análise... Também falamos de velhos traumas, de medos e de desejos... Terapeutizávamos!!! Naquele trajeto (que era mágico, só hoje eu sei...) construímos laços que não se desfazem, apesar da distância que o tempo cuidou de colocar entre nós.

Em 1998 cumpri todos os créditos de disciplinas exigidos para o Curso de Doutorado. Cursei disciplinas das áreas de Análise do Discurso e Semântica (Linguagem, História e Ideologia; Tópicos de Análise do Discurso; Seminário Avançado em Semântica) e investi em disciplinas que tinham como base a proposta gerativista (Introdução à

Sintaxe; Tópicos de Aquisição de Linguagem), que Sírio e eu julgávamos ser uma lacuna na minha formação como linguista.

Foi durante a disciplina de Tópicos em Análise do Discurso, ministrada por Sírio, que entrei em contato, pela primeira vez, com a teoria que viria a ser a base para minha pesquisa de Doutorado – e para a grande maioria dos projetos que viria, posteriormente, a desenvolver como docente da Universidade Federal de Uberlândia. Com uma cópia do original francês e a tradução de Possenti (ainda não publicada) em mãos, líamos *Gênese dos discursos* de Dominique Maingueneau[7]. A obra me impressionou por vários motivos: i) pela postulação de um novo objeto teórico para a AD, o interdiscurso, concebido como um primado, isto é como aquilo que existe antes da delimitação de cada identidade discursiva; ii) por propor a verificar o modo de coesão entre os discursos tomados em relação em um campo discursivo e não simplesmente relacioná-los a uma instância ideológica; iii) por se valer de uma categoria de análise mais econômica e produtiva – um sistema de restrições centrado sobre semas –, possibilitando que outros tipos de *corpora*, como materiais semióticos, sejam analisados pela AD, ampliando, assim, o escopo da interdiscursividade (a noção de enunciado somente daria conta da análise de *corpora* estritamente linguísticos); iv) por conceber que todos os planos da discursividade são sistematizados/regrados por um sistema de restrições, do que decorre que a análise de diferentes planos do discurso não precisa ser feita por etapas, possibilitando uma alternância e mesmo uma implicação entre os diferentes planos; v) por conceber que discurso e

[7] MAINGUENEAU, Dominique. *Genèses du discours*. 2. ed. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984. (1ª edição brasileira: MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005. 2ª edição brasileira: MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008).

instituições se articulam através de um mesmo sistema de restrições semânticas comuns, do que decorre que as práticas sociais das comunidades discursivas podem ser tomadas como material de análise para uma Análise do Discurso, ampliando, mais uma vez, o escopo da discursividade.

Gênese dos discursos se configurava pra mim como um amplo horizonte. Em função da possibilidade produtiva de analisar materiais semióticos não verbais, decidi voltar-me (novamente) para o campo das artes. Esbocei um projeto que se propunha a analisar a obra de Van Gogh, no intuito de definir os semas centrais de sua pintura e verificar a produtividade da teoria em um *corpus* de natureza majoritariamente visual. Na época, Sírio achou o projeto interessante, mas me perguntou "Por que Van Gogh? Por que não trabalha com os modernistas brasileiros?" Isso me possibilitaria analisar um *corpus* misto – literatura, música, pintura –, o que direcionaria minha pesquisa para uma abordagem mais ampla do fenômeno da semântica global (postulada por Maingueneau), e ainda permitiria dar ênfase na polêmica discursiva a partiu da qual a identidade discursiva do modernistas se constituiu no campo da arte brasileira no início do século XX.

Com o projeto definido, o segundo passo seria delimitar melhor o *corpus* de análise. O universo de possibilidades era bastante extenso. Em algumas tardes na UNICAMP, costumava ficar entre os corredores da Biblioteca do IEL à caça de coisas interessantes. Foi num desses tours que (sem saber o que procurava) encontrei o que procurava: a coletânea organizada por Marta Rosseti Batista, Telê Porto Ancona Lopes e Yone Soares de Lima, intitulada *Brasil: 1º tempo modernista -1917/29*, e publicada em 1972[8]. O critério geral de seleção de textos que norteou o trabalho das organizadoras, tal como elas nos relatam, foi a possibilidade

[8] BATISTA, M.R. *et al.* (orgs). *Brasil*: 1º tempo modernista - 1917-1929. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

de mostrar as tentativas iniciais de inovação e os consequentes caminhos tentados pela primeira geração modernista. A ideia central era conseguir um auto depoimento do período, traçado exclusivamente através de documentos referentes àquele momento histórico. O material foi levantado em periódicos da época, catálogos de exposição e fotografias pertencentes a Mário de Andrade e a Oswald de Andrade e, surpreendentemente, apresentou um número expressivo de textos pouco conhecidos e mesmo inéditos, divulgados, por fim, pela coletânea.

A obra é dividida em 4 partes: Arquitetura, Artes Plásticas, Literatura e Música. Os documentos que se referem à arquitetura moderna no Brasil focalizam as primeiras manifestações teóricas aparecidas a partir de 1925, e não foram objeto de análise em meu Doutorado, que se ocupou apenas dos documentos referentes à Pintura (e não às Artes Plásticas em geral), à Música e à Literatura.

O material concernente às Artes Plásticas é bastante diversificado; há desde bilhetes e pequenas cartas, até notícias e artigos de análise crítica sobre uma obra ou um percurso estético de determinado artista. Os textos selecionados, em geral, tratam isoladamente de cada artista - Anita Malfatti, Brecheret, Tarsila, Lasar Segall, Di Cavalcanti, Osvaldo Goeldi, Cícero Dias, Ismael Nery -, não havendo textos que realizem uma revisão crítica do movimento. Na Literatura, diferentemente, a seleção do material buscou focalizar, quase que exclusivamente, textos que contivessem uma programação modernista (os manifestos não foram selecionados pelas organizadoras) e que significassem balanços da época sobre o movimento. Todo o material selecionado para esta parte da coletânea provém, na sua totalidade, do Acervo de Mário de Andrade. Os documentos concernentes à Música, por sua vez, provêm de periódicos e, principalmente, da coleção de recortes reunidos por Mário de Andrade. A figura central de toda a discussão sobre música moderna é Villa-Lobos. Aparecem também, a partir de 1923,

textos sobre Luciano Gallet e Lorenzo Fernandez, quando a tônica é a discussão em torno do nacionalismo.

Os textos que compõem a coletânea foram escritos por críticos de arte, mas a grande maioria deles foi escrita pelos próprios artistas, num momento em que a ideia de missão torna-se forte entre eles, que passam, então, a questionar a ordem vigente, atuando de forma mais incisiva na imprensa como formadores de opinião. São os próprios artistas que praticam a arte modernista, são eles mesmos que a analisam. Esse caráter foi fundamental para a escolha de grande parte dos textos da coletânea como *corpus*, uma vez que o que eu teria em mãos, de um modo geral, seria uma comunidade discursiva que, por meio de suas práticas, cria obras de arte e as comenta, no intuito de definir as diretrizes do movimento modernista que surgia no Brasil, ou, em termos mais discursivos, o que eu teria em mãos seria a cena discursiva que me permitiria definir, por meio da análise de textos, as linhas mestras da semântica discursiva de um movimento, no momento mesmo de sua instauração no campo da arte brasileira: a quem respondiam – de quem buscavam se diferenciar, a quem buscavam se alinhar.

A ideia inicial era trabalhar, num primeiro momento, com os textos da coletânea e, em seguida, ampliar para a análise de obras de arte. Entretanto, ao longo do percurso, isso se mostrou inviável em função da extensão e produtividade do material copilado pelas organizadoras. As obras de arte teriam que ficar para depois, não para o Doutorado. Evidentemente, o foco do projeto se alteraria. Eu não analisaria mais um *corpus* de natureza não verbal, de modo que, ao invés de abordar a semântica global a partir da variedade de semioses, iria abordá-la considerando outros planos da discursividade, desde os planos de análise da enunciação (como sintaxe, léxico etc.), até a movimentação social do grupo dos primeiros modernistas.

A tese foi organizada em 6 capítulos. No primeiro capítulo - *Fundamentos teóricos* - abordei de que maneira a AD,

que se constituiu como um campo teórico pautando-se em uma certa noção de objetividade científica, revê seu projeto teórico inicial passando a assumir um novo estatuto, a saber, o de ser uma disciplina de interpretação. Meu intuito, com esta trajetória, era apontar a contribuição do trabalho de Dominique Maingueneau neste processo de reconfiguração do campo.

O processo de escrita desse capítulo, que se deu no ano 2000, foi fundamental para o que jugo ter sido o fim de minha "adolescência teórica" ou minha entrada na "maturidade acadêmica". Escrevi uma primeira versão em que buscava retomar algumas linhas mestras da discussão teórica que havia realizado em meu Mestrado. Entretanto, a leitura que fazia não condizia mais com o percurso de leitura que eu já havia feito na área. Quando Sírio leu essa primeira versão, o comentário que fez foi que não tinha problemas uma teoria não dar conta de tudo, que tudo bem ela ter problemas. Essa observação teve um efeito dominó no modo como eu interpretava e associava leituras de textos de AD – tudo foi se reposicionando. Simplesmente joguei o capítulo fora e, cinco dias depois de termos tido essa conversa, retornei com um novo capítulo de 30 páginas, completamente novo e arejado... sem cobranças injustas a autores e teorias... e com uma reflexão "honesta", que poderia ajudar a esclarecer a respeito dos caminhos da área.

Os capítulos 2 e 3 da tese referiam-se, basicamente, a condições históricas que possibilitaram o surgimento do Modernismo no Brasil. No capítulo 2 - *O nascimento da modernidade* - tratei das condições de emergência da arte moderna na cultura ocidental, enfocando, mais precisamente, questões relacionadas à estética e à filosofia. No capítulo 3 - *Aspectos do cenário brasileiro* - restringi a abordagem à esfera nacional, tratando, mais especificamente, de duas questões: a constituição da ideia de "Nação" e sua relação com o elemento estrangeiro; a formação do grupo modernista paulista - grupo hegemônico entre os artistas que

compuseram o movimento - e sua implicação com o *ethos* do discurso.

A longa pesquisa realizada para a escrita do capítulo 2 me possibilitou ter uma compreensão ampla do fenômeno histórico ocidental do qual o Modernismo brasileiro fazia parte, tanto em termos filosóficos – isto é, em termos do modo como se concebe a relação homem/mundo –, quanto em termos estéticos – ou seja, considerando o modo como se compreende o que é arte e qual a sua função. A escrita do capítulo 3, por sua vez, me permitiu aprofundar em questões históricas mais amplas da sociedade brasileira da época, a fim de compreender que nacionalismo era aquele que os modernistas reivindicavam. Na verdade, os percursos realizados nesses dois capítulos decorreram de um procedimento metodológico de pesquisa previsto nas formulações de Maingueneau, segundo o qual as análises devem prever um batimento entre hipóteses históricas e análises textuais. A leitura do *corpus* me permitiu levantar a hipótese de que os semas *nacionalismo* e *subjetividade* constituíam o núcleo do sistema de restrições semânticas do discurso modernista. Em função disso, me pus a averiguar se havia sustentação histórica para tal hipótese, a fim de descrever, de maneira robusta, as condições de produção desse discurso. Em seguida, verificada a sustentabilidade da hipótese, passei à escrita dos capítulos 4 e 5, em que realizo, efetivamente, a análise do *corpus*.

No capítulo 4 - *A semântica discursiva: nacionalismo e subjetividade* - meu intuito foi descrever e explicar o modo de funcionamento do discurso modernista, em constituição no campo discursivo da arte. Centrada no modelo de *semântica global* de Dominique Maingueneau, busquei demonstrar que o filtro semântico desse discurso se constitui sobre dois semas centrais - o *nacionalismo* e a *subjetividade* -, em função dos quais o discurso organiza seu *optimum semântico*, que materializa o núcleo da "doutrina" modernista. Já no capítulo 5 - *A materialidade discursiva* -, busquei mostrar que o

funcionamento do filtro semântico do discurso modernista sustenta-se sobre uma base linguística que materializa fundamentalmente três tipos de relação: de concessão, de negação e de denegação. Essas relações manifestam-se na superfície linguística por meio de diferentes estruturas sintáticas, da presença do item negativo "não" e do modo de interação desse operador com outros itens negativos. Para este capítulo, me vali de descrições de vários sintaticistas, relendo-as, entretanto, a partir de um ponto de vista discursivo, isto é, assumindo que a autonomia da língua é relativa, uma vez que ela é posta a funcionar de um jeito ou de outro, em função do posicionamento discursivo dos enunciadores.

O capítulo 6 - *Apêndice: processos de constituição e legitimação de uma identidade linguística brasileira* - também é um capítulo de análises, mas tem um caráter um pouco diferente dos capítulos 4 e 5, por não apresentar o mesmo estilo de sistematização. Neste capítulo, não busquei sustentar a hipótese de uma *semântica global*; diferentemente, por meio dele realizei alguns apontamentos (o capítulo tem um caráter de apêndice) a respeito da discussão em torno da existência ou não de uma variedade linguística brasileira, separada da variedade de Portugal. Neste percurso, retrocedi até o ano de 1824, a fim de traçar a trajetória de discussão realizada no país em torno dessa questão, desde as primeiras manifestações a esse respeito, até os primeiros modernistas. Os textos analisados neste capítulo foram selecionados, basicamente, do trabalho de Edith Pimentel Pinto (1978) - *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos 1 - 1820/1920, fontes para a teoria e a história*[9] -, coletânea em que a autora organiza um vasto material discursivo sobre a discussão do Português do Brasil.

[9] PINTO, E. P. (org.) *O Português do Brasil:* textos críticos e teóricos 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

Este último capítulo foi fruto de uma das qualificações de área que fiz como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística. Sob a supervisão da professora Tânia Alkmin, realizei, na área de Sociolinguística, uma pesquisa sobre a constituição do debate em torno da existência ou não de uma identidade linguística brasileira. A outra qualificação de área que fiz foi na área de Linguística Textual, sob a supervisão da professora Ingedore Villaça Koch, em que desenvolvi um trabalho sobre processos de co-referenciação, cujas análises demonstravam de que modo o aspecto discursivo afetava a interpretação dos elementos tomados como co-referentes. O texto resultado desta qualificação não foi incorporado à tese, mas foi publicado em 2007, com o título *Progressão referencial: um processo de recategorização produtor de heterogeneidade semântica*[10].

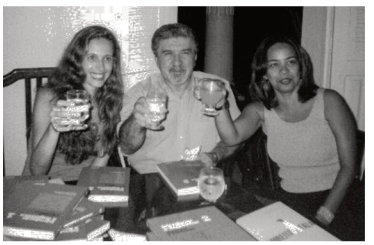
Minha tese[11] foi uma das primeiras defendidas no Brasil da perspectiva do quadro teórico-metodológico proposto por Dominique Maingueneau em *Gênese dos Discursos*. Além da contribuição de verificação da produtividade da teoria em outros tipos de *corpora* e em outros contextos, uma outra que gostaria de destacar é a contribuição que uma abordagem discursiva pode dar para a análise de um determinado acontecimento histórico como Modernismo brasileiro. O postulado da existência de uma *semântica global* possibilitou uma leitura do Movimento que não se incomoda com o fato de o Modernismo apresentar aspectos considerados, por vezes, contraditórios, como é o caso de o Movimento propor-se a realizar a ruptura com uma

---

[10] MUSSALIM, F. A Progressão referencial: um processo de recategorização produtor de heterogeneidade semântica. In: FONSECA-SILVA, M. da C., PACHECO, V., LESSA-DE-OLIVEIRA, A. (Orgs.). *Em torno da lingua(gem)*: questões e análises. Vitória da Conquista: Editora da UESB, 2007. p. 331-358.

[11] SILVEIRA, Fernanda Mussalim G. L. A *transposição erudita da barbárie*: aspectos da semântica discursiva do Modernismo brasileiro. Tese de Doutorado. Campinas: IEL-UNICAMP, 2003. 241p.

certa tradição e ao mesmo tempo dialogar com ela. Nem com eventuais mudanças de posição de seus protagonistas. Para a Análise do Discurso, fatos assim não constituem paradoxos, nem manifestam uma certa "fraqueza" ou inconsistência do Movimento. Trata-se, na verdade, da manifestação da complexidade inerente a qualquer fenômeno discursivo - na medida em que materializa um similar movimento ideológico. Na época em que a tese foi defendida, em novembro de 2003, havia pouquíssimas análises discursivas de *corpora* relativos à arte.



Eu, Cortez e Anna Christina no lançamento de *Introdução à Linguística* na ABRALIN de 2002.

O período do Doutorado foi produtivo em diversos sentidos. Além do desenvolvimento da pesquisa, da escrita da tese em si e das excelentes disciplinas que cursei, iniciei um projeto que teve grande repercussão nacional: a organização da coleção *Introdução à Linguística*[12], cujos dois primeiros volumes foram publicados pela Cortez Editora em fevereiro de 2002. A ideia nasceu em 1997, enquanto ministrava aulas de Linguística na Universidade de Franca. A carga horária era pequena, considerando a extensão do campo da Linguística. Como seria possível apresentar aos alunos um panorama amplo da área, de modo que eles pudessem, a partir de uma visão geral, ter uma melhor compreensão de abordagens mais específicas e pontuais? Ingenuamente, me propus a escrever um texto que apresentasse as áreas da Linguística. Esse propósito durou uma tarde. Quando percebi a complexidade do trabalho, pensei ser mais prudente convidar alguns colegas para escreverem comigo. Cada um escreveria um capítulo a respeito de sua própria área de especialização, de modo que no conjunto, poderíamos ter um poderoso instrumento divulgador da área e formador de profissionais de Letras e Linguística.

Em 1998, já de volta aos corredores do IEL, comecei a convidar informalmente alguns colegas de pós-graduação

[12] MUSSALIM, F. BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística:* domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2002. 2 v.

para participarem da coleção (Anna Christina Bentes, Nilson Gabas Júnior, Rosane de Andrade Berlinck, Marina Augusto, Ana Paula Scher, Joana Plaza Pinto, Ari Pedro Balieiro Júnior, Marina Célia Mendonça) que, para minha grande surpresa, aceitavam com muita empolgação e, mais que isso, passavam a me ajudar a encontrar outros linguistas que pudessem participar do projeto. Foi esse movimento conjunto que me ajudou a chegar a nomes de linguistas, na época, já renomados (muitos deles eu conhecia, outros não) e que aceitaram prontamente o convite: Tania Alkmin, Roberto Gomes Camacho, Gladis Massini Cagliari, Luiz Carlos Cagliari, Angel Corbera Mori, Maria Filomena Spatti Sandalo, Roberta Pires de Oliveira, Ângela Paiva Dionísio, Edwiges Maria Morato, Ester Mirian Scarpa.

Em 1999 comecei a receber os textos. Como tinha experiência em ministrar aulas de Linguística para cursos noturnos de Letras, conhecia bem a dificuldade do público que queria atingir. Não havia pensado a coleção apenas para a universidade pública de alta qualidade; a coleção era voltada também – e principalmente – para os que não tinham necessariamente acesso aos melhores professores e bibliotecas. Com foco nesse propósito, iniciei a revisão dos textos. Alguns já tinham um cunho mais didático, outros não. O desafio era tornar o conhecimento acessível sem banalizar, o que, em alguns casos, nos custou (a mim e aos autores) seis revisões, horas no telefone e e-mails longuíssimos. Acho que nunca tive plena consciência do que estava acontecendo, e essa ingenuidade ou falta de noção me permitia (uma simples doutoranda) pedir, sem a menor cerimônia, que grandes linguistas fizessem mais uma alteração aqui, outra acolá... que trabalhassem melhor a linguagem... que dessem mais um exemplo. Até hoje não sei – na verdade, nem desconfio – por que eles me atendiam. Produtiva inconsciência, que tornou possíveis as adequações dos textos ao projeto da coleção – considerando que, em 1999, a tradição de divulgação científica na área da Linguística (e,

portanto, o know-how de como se fazer isso) era ainda muito insipiente, se comparada aos dias de hoje.

Anna Christina Bentes era uma das autoras da coleção que trabalhava muito proximamente a mim, lendo alguns textos e dando sugestões. Em função de seu envolvimento com o projeto, em 2001 a convidei oficialmente para ser uma das organizadoras da coleção. Seu papel foi crucial na finalização dos dois volumes e também na intermediação da publicação junto à Cortez Editora. No volume 3 da coleção, publicado em 2004[13], trabalhamos juntas desde o início, tanto na concepção, quanto na edição do livro.

Como autora da coleção, escrevi o capítulo destinado à Análise do Discurso, publicado no volume 2. Em meados de 1999, enquanto amamentava minha filha Clara, que havia nascido em maio daquele ano, iniciei a escrita do texto. Hoje (e aqui vai uma associação livre, porque o gênero Memorial autoriza), enquanto escrevo este texto, viajo para outra cidade para montar a casa de Clara, que acabou de ingressar no Curso de Medicina.

Fiz muitos amigos no Doutorado. A vida acadêmica também nos dá amigos (ganhei muitos!) e amigos-irmãos: Maria da Conceição Fonseca-Silva, Anna Flora Brunelli, Helena Brito.

Em dezembro de 2002, após a qualificação de minha Tese de Doutorado – e, portanto, ainda apenas com a titulação de Mestre em Linguística – prestei o concurso público para o cargo de docente (regime de 40 h com dedicação exclusiva) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Fui aprovada em 1º lugar, tomando posse do cargo no dia 10 de fevereiro de 2003.

---

[13] MUSSALIM, F. BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística:* fundamentos epistemológicos. v. 3. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

Atuação profissional

Ensino, Pesquisa e Gestão





LINHA DO TEMPO

Início das atividades de docência no Ensino Básico	Fevereiro de 1988
Início das atividades de docência no Ensino Superior	Fevereiro de 1990
Início das atividades de docência na Universidade Federal de Uberlândia	Março de 2003
Início das atividades de docência na Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia	Agosto de 2004
Projeto *Processos de constituição de identidades na arte, na mídia e na educação* (UFU)	Vigência 2004-2012
Projeto *Uma abordagem discursiva sobre as relações entre ethos e estilo* (UNICAMP/CNPq)	Vigência 2007 e 2008
Projeto *Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade* (UFU/CNPq)	Vigência Março de 2013 a Fevereiro de 2016

Projeto	Vigência
Processos editoriais e institucionais de gestão da imagem de autor: em pauta a identidade criadora de Mário de Andrade (UFU/CNPq)	Março de 2016 a Fevereiro de 2019
Projeto	Vigência
A problemática da anterioridade discursiva em Análise do discurso: em pauta a dimensão cognitiva da teoria do discurso (UNICAMP/ Universidade de Leicester (Inglaterra)/CNPq)	Agosto de 2017 a Julho de 2018
Projeto	Vigência
Sobre a gênese e a transmissibilidade de pré-discursos que sustentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa no Brasil (UFU/CNPq)	Março de 2019 - Atual
Coordenação da Pós-graduação em Estudos Linguísticos (ILEEL-UFU)	Vigência Agosto de 2018 - Atual

Todo trabalho é vazio a não ser que haja amor.
(Gibran Khalil Gibran)

1. Ensino

Comecei a trabalhar em fevereiro de 1988, em Franca, ministrando aulas em uma escola particular, a Dinâmica Espiral. Fui, inicialmente, contratada para dar aulas de Língua Portuguesa para a 4ª série primária (atual 5º ano do Ensino Fundamental). Aos 21 anos recebia em minhas mãos duas salas de aula – cada uma delas com 25 alunos na faixa etária entre 9 e 10 anos de idade – de crianças afoitas.

A Dinâmica Espiral tinha uma proposta muito diferenciada de educação. Valorizava as mais recentes teorias sobre ensino em todas as áreas, incentiva esporte e arte. Os professores eram bem preparados, comprometidos com o projeto da escola e recebiam suporte na formação continuada, por meio de reuniões semanais de estudo dirigido, que ocorriam às quintas-feiras das 17h30 às 19h30. Naquelas reuniões – de docentes de todas as áreas –, estudávamos, fundamentalmente, Piaget e Vygotsky, mas também avaliávamos projetos de ensino vigentes em escolas de referência do país, como a Escola da Vila em São Paulo, e discutíamos casos pontuais de nossa realidade escolar.

A coordenadora responsável pela pré-escola até a 4ª série primária (e, portanto, pela coordenação de nossas reuniões de estudo) era Rosângela Mourão que, depois de meus pais, foi minha primeira grande referência do que é ser um bom profissional na área de educação: era extremamente comprometida, responsável, estudiosa, incansável na busca de boas novidades, idealista e com um extremo bom senso. Foi ela quem me ensinou a fazer Planos de Ensino, associando, de maneira coerente, programa, metodologia e critérios de avaliação. Com ela elaborei os primeiros materiais didáticos para serem usados em sala de aula – selecionei textos, elaborei atividades e avaliações – e aprendi

a perceber cada aluno individualmente. Aprendi também – num momento em que saía da condição de estudante – a ter ritmo de trabalho, a não deixar para depois o que poderia rapidamente ser resolvido. Pra mim a figura dela foi tão marcante que, ainda hoje, como formadora de professores de língua, tenho no horizonte o que aprendi com ela. Mas mais importante que tudo isso é a memória de felicidade que o trabalho com ela me deixou: imagens, cheiros, sons de um tempo leve e feliz, em que pude perceber como amo ser professora.

Tenho lembranças muito felizes também de quando levava para casa 50 cadernos de alunos para corrigir seus textos. Durante várias tardes, seguindo criteriosamente os ensinamentos de João Wanderley Geraldi, lia os textos e ia deixando marcas nas linhas em que havia inadequações ortográficas e de concordância; com outro tipo de marcação apontava problemas de coerência e coesão e, no final, escrevia um pequeno texto em que elogiava os pontos positivos e explicava o que precisava ser melhor trabalhado, colocando-me sempre como um leitor que "queria saber o que o aluno quer dizer, para ajudá-lo a dizer melhor". Por fim, escolhia um texto de cada classe para, na semana seguinte, reescrevê-lo coletivamente. Reproduzia, com canetinha em rolos de papel de presente, cada texto escolhido e, depois, colava-os nas paredes da sala de aula para que todos pudessem ver e ajudar no processo de reescrita (o intuito era fazer acontecer, naquele contexto, a proposta de Raquel Salek Fiad e Maria Laura Mayrink-Sabinson sobre a escrita como trabalho). Levava tempo. Mas naquele tempo eu não tinha pressa...

Realizei esse mesmo trabalho em todas as outras séries com as quais fui posteriormente trabalhar: da 5ª à 8ª séries do Ginasial (equivalentes do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental), do 1º ao 3º Colegial (equivalentes do 1º ao 3º anos do Ensino Médio). Além de Leitura e Produção de Textos (e de questões específicas de língua de que tratava ali), ministrei também aulas de Literatura, mas era tudo tão

associado pra mim que nunca consegui separar, nos horários escolares, o que cabia a cada uma das frentes. Trabalhei como professora da Dinâmica Espiral por vários anos e sou muito grata por essa experiência que mudou os rumos de minhas escolhas profissionais. Foi lá que decidi que seria linguista.

Como docente de Língua Portuguesa, atuei também, como professora concursada, na Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, locada na Escola Estadual Torquato Caleiro de Franca. Apesar de ter gostado muito da experiência – em especial por ter tido o privilégio de dividir a sala dos professores com meu pai –, fiquei neste cargo por menos de um semestre. Percebi que deveria escolher entre dedicar-me à rede pública de ensino básico ou à vida acadêmica.

Em 1997, no intervalo entre meu Mestrado e Doutorado, fui contratada como professora de Literatura do Colégio Anglo de Franca. Confesso que, apesar da excelente estrutura da escola e da competente direção, não me adaptei aos materiais e métodos do Sistema Anglo. Acostumada a preparar meu próprio material didático, submeter-me às apostilas era um martírio. Na verdade, não me submeti. Considerava os trechos de textos literários apresentados no material, mas, ao invés de orientar a leitura para respostas unívocas, como previsto nas apostilas, conduzia o trabalho de modo a considerar a heterogeneidade constitutiva da linguagem.

Em relação à docência em nível superior de ensino, antes de meu ingresso na Universidade Federal Uberlândia, fui professora substituta (no lugar de Renata Marchezan) de Língua Portuguesa na Uni-FACEF (Centro Universitário Municipal de Franca, uma autarquia) de 1990 a 1992. Entre os anos de 1995 e 2002 (incluindo, nesse ínterim, os períodos de afastamento) fui professora da Universidade de Franca, ministrando aulas de Linguística, nos cursos de Letras e de Tradutor e Intérprete, e de Língua Portuguesa nos cursos de Comunicação Social e Fonoaudiologia. Nessa universidade,

adquiri uma experiência razoável como professora de Linguística na graduação e em cursos de especialização *lato sensu*.

O curso de Letras era coordenado por Maria Flavia Figueiredo, que, além de mim, convidou, para compor o corpo docente, Marina Celia Mendonça e Ari Pedro Balieiro Júnior. Nós quatro cobríamos a frente de Linguística do curso. Eu ministrava as disciplinas de Linguística I e II; Marina cobria Linguística Aplicada I e II; Ari Pedro era responsável pela disciplina de Psicolinguística; Maria Flavia pela disciplina de Fonética e Fonologia. Pude participar da elaboração de um projeto de excelência para formação de alunos de Letras e ver o resultado. O curso tinha nota máxima na avaliação do MEC e obtinha, todos os anos, nota máxima também na avaliação discente. Nossos alunos eram bem colocados em concursos e em processos seletivos de Mestrado. Construímos, na universidade, numa época em que os cursos noturnos de Letras de instituições particulares tinham como referência bibliográfica de base as gramáticas normativas, a mentalidade de que a Linguística era a base para a formação de professores de línguas. Formávamos, juntamente com os professores de Literatura, um grupo coeso e idealista.

Na Universidade de Franca, tive a honra de dividir, por várias vezes, a coordenação de cursos de especialização com Elaine Cintra (da Literatura) e também com Marina e Ari. Era feliz ali, mas sentia muita falta de uma política institucional de incentivo à pesquisa. E foi isso que me motivou, no final de 2002, a prestar o concurso público para ingressar na Universidade Federal de Uberlândia.

Ainda como docente da Universidade de Franca, prestei assessoria à Delegacia de Ensino de Uberaba e, por várias vezes, ao Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação de Ribeirão Preto. Nessas ocasiões, trabalhava diretamente na orientação de coordenadores, professores e monitores, auxiliando-os na

elaboração de programas e na definição de estratégias para o ensino de Língua Portuguesa. Também prestei assessoria em Língua Portuguesa para os colégios Comunidade Infantil Ana e Joaquim e Colégio Viktor Frankl, ambos de Ribeirão Preto.

Em fevereiro de 2003 me mudei com minha família para Uberlândia. Iniciava naquele momento uma nova fase na minha vida profissional e pessoal. Fui muito bem recebida no Instituto de Letras e Linguística. O professor Cleudemar Alves Fernandes, pesquisador da área de Análise do Discurso (e que se tornou um grande amigo), me recebeu abrindo todas a portas de seu grupo de pesquisa, o GPAD – Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso, e integrando-me às atividades de pesquisa que realizava na UFU. Os professores do Núcleo de Língua Portuguesa e Linguística – em especial Luiz Carlos Travaglia, Maura de Freitas Rocha, Luiza Finotti, Evandro Silva Martins, José Sueli Magalhães, Paula Arbex – me acolheram calorosamente. O diretor do Instituto, na época o professor Ernesto Sérgio Bertoldo, também me recebeu com muita gentileza, e os servidores do ILEEL foram todos muito solícitos - me lembro carinhosamente da Adélia Gonçalves Soares auxiliando-me em absolutamente tudo o que eu necessitava para integrar-me ao Instituto.

Iniciei a docência no ILEEL ministrando aulas de Leitura e Produção de Textos, Semântica e Introdução aos Estudos da Linguagem para a graduação. Posteriormente, ampliei o rol de disciplinas: Análise do Discurso; Teoria e Análise do Discurso; Gêneros discursivos; Tipos e Gêneros Textuais; Estilística; Linguística Aplicada e Ensino de Língua Portuguesa.

Atuei também em cursos de Extensão, ministrando aulas de Leitura e Produção de Textos; Práticas de Leitura; Discurso e Leitura: do midiático ao literário; Discurso, gêneros e ensino.

Em 2004, já com o título de Doutora em Linguística, fui consultada pelo então coordenador da Pós-graduação em

Estudos Linguísticos (PPGEL), professor Waldenor Barros de Moraes, se eu tinha interesse em integrar o corpo docente do PPGEL. Na época, em função de algumas recentes aposentadorias, estavam precisando de um docente que assumisse a disciplina de Teorias Linguísticas (componente curricular obrigatório para todos os discentes da Programa). Segundo ele, eu tinha o perfil. Evidentemente, essa avaliação decorria da publicação da coleção *Introdução à Linguística* que, em 2004, já estava completa, com a publicação do volume 3. Tinha muito interesse em ingressar para a pós-graduação – e mais interesse ainda em cobrir a frente de formação dos discentes em Linguística Geral.

Trabalhei dois anos ministrando essa disciplina todo semestre, mas, com a chegada de novos docentes – Carmen Agustini e Eliane Silveira – e com o retorno do doutorado do professor José Sueli Magalhães, essa situação se alterou rapidamente. A partir daí, seríamos 4 os responsáveis por ministrar essa disciplina, o que nos possibilitou não apenas promover outras atividades que pudessem incrementar essa formação (como os Colóquios de Linguística que, até hoje, realizamos todos os semestres e cuja coordenação fica a cargo do professor que está ministrando Teorias Linguísticas), mas também assumir disciplinas relacionadas às nossas linhas de pesquisa e subáreas da Linguística.

Com esse novo cenário, em 2006 comecei também a oferecer disciplinas relacionadas à área de Análise do Discurso: Análise do Discurso; Tópicos em Estudos discursivos 1 e 2 (com as seguintes especificações: Contribuições de Dominique Maingueneau; Análise do discurso para o texto literário; Estudos sobre estilo; Fundamentos epistemológicos; Enunciação e circulação de discursos; Pré-discursos e cognição distribuída); e Seminários de Pesquisa (com as seguintes especificações: Questões de Filosofia, Sociologia, História e Análise do Discurso; Prática discursiva, circulação e sentido; Discurso literário; Funcionamento de autoria; Dispositivos de

comunicação). Esse investimento na oferta de disciplinas da área de Análise do Discurso (com ênfase na vertente específica de AD em que realizo pesquisas e oriento) contribuiu muito para o andamento das pesquisas de meus orientandos, afetando positivamente a qualidade de seus trabalhos.

Desde então, a docência na pós-graduação tem se dividido entre a atuação na formação dos discentes em Linguística Geral e em Análise do Discurso, além, evidentemente, das disciplinas que ministro na graduação. Tenho atuado também, sistematicamente, na supervisão de pós-graduandos em Estágios docência na graduação, no intuito não só de contribuir de alguma maneira com essa formação, mas também de estabelecer pontes mais sólidas entre a graduação e a pós. O resultado tem sido satisfatório, considerando o número de alunos da graduação que me procuram no intuito de participarem (mesmo que informalmente) das reuniões do Grupo de Pesquisa que coordeno em parceria com a professora Heloisa Mara Mendes – o CED (Círculo de Estudos do Discurso).

2. Pesquisa

2.1 Projetos de Pesquisa

- Período de 2004 a 2012

O primeiro projeto que coordenei como docente do PPGEL (vigência 2004-2012) tinha uma proposta bem abrangente, como sugere o próprio título: *Processos de constituição de identidades na arte, na mídia e na educação*. Com base no referencial teórico da análise do discurso, o projeto se propunha a contribuir para uma abordagem esclarecedora em torno dos seguintes temas:



Trabalhando em minha casa em 2004.



Minha cachorrinha Mel, fiel companheira nos momentos de escrita.

a) Constituição e legitimação de uma identidade linguística: de que maneira se constituiu a discussão em torno da existência ou não de uma identidade linguística nacional; quais foram/são as instâncias que, ao longo do tempo, legitimaram a existência de uma língua nacional (gramática, livros didáticos, literatura, documentos, povo, mídia); como podemos encontrar, nos discursos e nas práticas produzidos nessas instâncias, ecos de uma certa tradição discursiva em que, contraditoriamente, conviveram a busca por uma identidade linguística brasileira e a reverência aos padrões clássicos e portugueses de língua e literatura;
b) Constituição e legitimação de subjetividades: de que maneira se constituem e legitimam as identidades referentes ao gênero (homem/mulher) na mídia e na arte; de que maneira se constitui o efeito-autor - ou seu apagamento - em gêneros discursivos produzidos no campo midiático, artístico/literário e educacional;
c) Constituição e legitimação de gêneros do discurso e instâncias enunciativas: constituição, legitimação e funcionamento de gêneros do discurso (a noção de gênero pressupõe identidade) produzidos no campo midiático, artístico/literário e educacional; constituição, legitimação e funcionamento de instâncias enunciativas (a noção de instância enunciativa pressupõe identidade em relação a certa posição enunciativa) inscritas no campo midiático, artístico/literário e educacional - revistas, jornais, gramáticas, materiais didáticos, documentos, etc.

O projeto recebeu financiamento externo da FAPEMIG e do MEC (bolsas de pesquisa a mestrandos e à Iniciação Científica) e interno (verba UFU para aquisição de material permanente – computadores e impressoras). Como resultado desse projeto, levei à defesa seis dissertações de Mestrado, uma de tese de Doutorado (finalizada em 2012 e

defendida logo no início de 2013) e finalizei uma Iniciação Científica, cujas principais contribuições foram:

1) VILELA-ARDENGHI, Ana Carolina Nunes da Cunha. *Minha pátria é minha língua:* língua e identidade nacional. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

Nesta dissertação, Vilela-Ardenghi analisa a polêmica em torno do uso de estrangeirismos encenada em textos publicados na *Folha de São Paulo* entre os anos de 2000 e 2005. Em suas análises, demostra a existência de 3 posicionamentos envolvidos na polêmica - o do antiestrangeirismo, o da linguística e o da *Folha* – descrevendo, a partir do postulado do primado do interdiscurso, a constituição imbricada de seus respectivos sistemas de restrições semânticas. Trata-se de um trabalho exemplar da proposta teórico-metodológica apresentada por Dominique Maingueneau em *Gênese dos discursos*.

2) ROCHA, Renata Ferreira Santos. *O jornalismo de divulgação científica e a constituição do lugar enunciativo da Superinteressante*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

Nesta dissertação, Rocha coloca em xeque o pressuposto de neutralidade da prática jornalística. Analisando reportagens da *Superinteressante*, a pesquisadora demonstra, por meio de suas análises, que a posição enunciativa da revista não é neutra, mas que há um 'efeito de posição de neutralidade' que decorre do modo como os jornalistas, frente a questões polêmicas, mobilizam as diversas vozes colocadas em cena por meio do discurso relatado. Em outras palavras, o 'efeito de posição de neutralidade' decorre da regularidade dos movimentos enunciativos que apresentam, de modo

pendular (por alternância), as vozes representativas das diferentes posições envolvidas na polêmica discursiva.

3) LIMA, Carla da Silva. *Aspectos discursivos da constituição da autoria em resenhas acadêmicas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

Nesta dissertação, Lima analisa aspectos do processo de constituição da autoria em resenhas acadêmicas publicadas em periódicos científicos (QUALIS A) da área de Linguística. Mobilizando o conceito de cena de enunciação postulado por Dominique Maingueneau, especialmente o quadro cênico (cena englobante e cena genérica) demonstra que o sujeito, ao produzir resenhas, se inscreve de diferentes maneiras na cena englobante acadêmica, e que esses diferentes modos de inscrição produzem diferentes efeitos de autoria, que decorrem da relação que tal sujeito estabelece com o Outro (outros posicionamentos). Esse movimento enunciativo que configura o efeito de autoria foi analisado a partir das teorizações de Jacqueline Authier-Revuz sobre a heterogeneidade mostrada.

4) MENDES, Heloisa Mara. *Transgressão e conservadorismo na prática discursiva da Jovem Guarda.* Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2009. (Bolsa FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais)

Nesta dissertação, Mendes analisa, a partir do postulado da semântica global apresentado por Dominique Maingueneau em *Gênese dos discursos*, a prática discursiva da Jovem Guarda, movimento musical brasileiro da década de 1960. O trabalho mobiliza exemplarmente o postulado - com análises perspicazes de semioses não verbais -, demonstrando que o

sistema de restrições semânticas desse discurso é regulado por certa oscilação entre transgredir e voltar atrás. Nesse sentido, os resultados de pesquisa contradizem um senso comum sobre a Jovem Guarda, a saber, de que se tratava de um movimento transgressor.

5) RODRIGUES, Kelen Cristina. *Cenografia, ethos e autoria*: uma abordagem discursiva do romance The Picture of Dorian Gray. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2009. (Bolsa FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais)

Nesta dissertação, Rodrigues busca demonstrar como uma abordagem discursiva do fenômeno literário pode trazer novas contribuições para o tratamento do objeto literário. O *corpus* de análise consiste no único romance de Oscar Wilde - *The Picture of Dorian Gray* -, publicado em 1890, do qual são recortados para análise algumas cenografias construídas no/pelo romance e dizeres da personagem Lord Henry, em especial os proferidos nas conversas com Dorian Gray. O conceito de *ethos*, central no trabalho, foi abordado a partir do enfoque nos traços que o constituem, o que possibilitou que se sustentasse a hipótese de que a construção do *ethos* da personagem Lord Henry decorre dos traços semânticos característicos de seu posicionamento hedonista no romance. Mais que isso, essa abordagem a partir de traços permitiu relacionar o posicionamento hedonista do personagem ao posicionamento esteto-decadentista de Oscar Wilde no campo literário, mas sem assumir o pressuposto de que a obra é reflexo da vida do autor. Diferentemente, a pesquisa assume que o texto literário é uma forma de gestão do contexto ou, em outras palavras, que o autor gere seu posicionamento no campo literário, dentre outros modos, por meio da prática discursiva do romance.

6) VAZ, Veanney Monod Emídio. *A legitimação de uma identidade masculina por meio de estereótipos femininos constituídos nas/pelas cenografias presentes em propagandas de cerveja.* Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

Nesta dissertação, Vaz, com base nos conceitos de cena de enunciação e dêixis discursiva postulados por Dominique Maingueneau, analisou 10 cartazes de propaganda de cinco marcas de cerveja nacionalmente conhecidas, a fim de verificar aspectos da constituição do discurso publicitário de propagandas de cerveja no Brasil entre os anos 2000 e 2010. As análises demonstraram que uma das características centrais desse discurso é a mobilização constante de certo estereótipo feminino nas cenografias discursivas desses anúncios, cujo efeito é constituir/reforçar determinada identidade masculina.

7) MENDES, Heloisa Mara. *A língua do Museu da Língua Portuguesa.* Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

Nesta tese, a partir dos conceitos de formação discursiva (como unidade não tópica), semântica global e *ethos*, postulados por Dominique Mainguenau, Mendes analisa os espaços permanentes de exposição do Museu de Língua Portuguesa (São Paulo) e as instalações de uma de suas exposições temporárias, *Menos: o certo do errado, o errado de certo.* As análises demonstraram que o Museu de Língua Portuguesa se constitui como uma prática da *formação discursiva do bom uso da língua portuguesa*, embora a instituição procure dissimular seu pertencimento a ela, por meio da assunção de um *ethos* democrático.

8) FIGUEIRA, Bruno de Sousa. *Raul Seixas em Krig-ha Bandolo!:* uma prática discursiva de contracultura.

Iniciação Científica (Graduando em Letras). Universidade Federal de Uberlândia, 2012. (Bolsa MEC - Ministério da Educação e Cultura)

Nesta pesquisa de iniciação científica, Figueira buscou dar visibilidade à produtividade do postulado da semântica global, presente no livro *Gênese dos Discursos* de Dominique Maingueneau, a partir da análise de práticas discursivas em torno do álbum musical *Krig-ha, bandolo!* do cantor e compositor Raul Seixas. Analisando as cenografias dessas práticas, a pesquisa permitiu descrever seu sistema de restrições semânticas e demonstrar, a partir disso, que seu autor-compositor se inscreve em um posicionamento de contracultura no interior do campo político-cultural brasileiro.

Concomitantemente ao desenvolvimento deste projeto, realizei um pós-doutoramento (vigência mar. 2007 - dez. 2008) no IEL-UNICAMP, sob a supervisão de Sírio Possenti. Como vinha, cada vez mais, dedicando-me à análise de *corpora* do campo da arte, percebi a necessidade de mobilizar uma concepção de estilo mais adequada à perspectiva teórica de base de meus trabalhos, pautados nas postulações de Dominique Maingueneau. Intitulado *Uma abordagem discursiva sobre as relações entre ethos e estilo* (Bolsa CNPq, Processo n. 152133/2007-0), o projeto visava verificar em que medida a constituição de um novo posicionamento enunciativo no campo discursivo da arte brasileira implicava modos de enunciação específicos, caracterizadores de certo estilo e constitutivos de um *ethos* discursivo. O *corpus* foi constituído por manifestações verbais produzidas pelo grupo dos primeiros modernistas no Brasil (mais especificamente a crítica produzida por eles e publicada na imprensa brasileira entre os anos de 1917 e 1929); por algumas de suas produções estéticas (na pintura, a tela *Abaporu* de Tarsila do Amaral; na música o *Choros X* de Villa-Lobos; na literatura, *Macunaíma:*

o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade); e pelo modo de organização e movimentação do grupo no espaço social paulista. Além dos conceitos que compõem o quadro teórico-metodológico proposto por Dominique Maingueneau em *Gênese dos Discursos* (interdiscurso, semântica global, posicionamento discursivo, prática discursiva, prática intersemiótica, interincompreensão, cena da enunciação, *ethos*), foram mobilizados alguns outros conceitos de extrema relevância para o desenvolvimento do projeto, dentre eles, os conceitos de discurso constituinte, interlíngua e estilo.

Considerando esse quadro e o *corpus* analisado, o que busquei defender é que a noção de estilo não se restringe ao estilo nos textos verbais, mas deve ser concebida na sua natureza intersemiótica, a partir de traços que caracterizam/configuram, em toda a sua abrangência, as práticas do grupo dos primeiros artistas modernistas. Em outras palavras, busquei demonstrar que há um conjunto de traços que caracteriza/configura todas as práticas dessa comunidade discursiva, isto é, que há um estilo que decorre da formação discursiva, do posicionamento (e não apenas do gênero do discurso ou do campo discursivo, como já demonstrado por outros trabalhos/autores). Tais traços, entretanto, assumem sua especificidade no interior da semiose em que são abordados: no caso de análise de material verbal, o traço está relacionado à seleção e combinação de elementos de natureza verbal; no caso da pintura, o traço deve ser compreendido como elemento organizador da natureza pictórica do quadro – seleção, combinação/arrumação das formas e cores; em se tratando de música, por sua vez, a natureza do traço refere-se às formas composicionais das peças musicais, à dimensão do melódico, do harmônico, do rítmico e do tímbrico; no que se refere à organização social da comunidade discursiva, o traço implica, no mínimo, a consideração de elementos relacionados à maneira de se movimentar dessa comunidade no espaço social – questão fortemente relacionada à noção de *ethos* discursivo, tal como

concebido por Dominique Maingueneau. Neste projeto, realizei o que, pelos motivos já apresentados, deixei de realizar no Doutorado: a análise de materiais não verbais, integrando os resultados de pesquisa obtidos, aos anteriormente obtidos na tese.

O período de desenvolvimento desses dois projetos foi bastante produtivo (publiquei 5 artigos em periódicos científicos; 3 artigos publicados em Anais de congressos internacionais; 13 capítulos de livros; 3 livros autorais; 4 organizações de livro; 1 tradução de capítulo de livro; gravei 12 videoaulas e realizei 46 apresentações de trabalho em congressos nacionais e internacionais)[14], evidenciando, com meu ingresso como docente num programa de pós-graduação, um perfil de atuação profissional (que vinha sendo construído aos poucos) prioritariamente focado na pesquisa, na produção de conhecimento científico e sua divulgação, na formação de recursos humanos via pós-graduação.

- Período de março de 2013 a fevereiro de 2016

Em 2013, iniciei um novo projeto, com o qual fui contemplada com a Bolsa Produtividade em Pesquisa (PQ-2) do CNPQ (Processo n. 305348/2012-4). No projeto, intitulado *Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade*, me propus, com base em fundamentos teóricos da Análise do discurso literário postulados por Dominique Maingueneau, mais fundamentalmente com base na concepção de autoria formulada por ele em seu livro *Discurso literário*, a analisar parte da produção epistolar de Mário de Andrade, mais

[14] Não comentarei nesta seção 2.1 as contribuições de cada produção bibliográfica. O intuito é apresentar as contribuições gerais de cada projeto de pesquisa pelo qual fui responsável. Tratarei das contribuições autorais que jugo ter dado à área em seção reservada para este fim.

especificamente, as cartas que ele escreveu a Manuel Bandeira entre os anos de 1922 e 1944. O intuito fundamental do projeto era, analisando o funcionamento da autoria nesse conjunto de textos, verificar os modos pelos quais se dá o imbricamento entre as três instâncias autorais postuladas por Maingueneau, a saber, *a pessoa*, *o escritor e o inscritor*. O desenvolvimento deste projeto permitiu demonstrar, com certa exaustividade, a produtividade de se considerar a autoria a partir da perspectiva de um sujeito-autor que se inscreve no campo literário e produz textos dos domínios canônico (romance, conto, poema, etc.) e associado (cartas, prefácios, críticas, etc), não se tratando mais, pois, de buscar esclarecer se um texto (como a carta de um autor consagrado) é literário ou não, mas de analisar a prática discursiva de um autor, verificando de que maneira as instâncias da *pessoa* (que diz respeito ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada), do *escritor* (que designa o ator que define uma trajetória na instituição literária) e do *inscritor* (que se refere às formas de subjetividade enunciativa implicadas no texto e no gênero do discurso) se misturam, se apagam, se intersectam em suas produções.

Como resultado do desenvolvimento deste projeto – financiado pelo CNPq e cadastrado no PPGEL –, levei à defesa, no período de sua vigência, três dissertações de Mestrado (duas delas financiadas pela CAPES), uma de tese de Doutorado (financiada pela FAPEMIG), finalizei duas Iniciações Científicas (financiadas pelo MEC) e realizei uma supervisão de pós-doutorado. Esses trabalhos vinculavam-se ao projeto ou por meio da temática, ou por meio da teoria de base, e suas contribuições centrais foram:

1) FIGUEIRA, Bruno de Sousa. *A constituição do ethos discursivo no gibi-manifesto A Fundação de Krig-ha, de Raul Seixas e Paulo Coelho*. Iniciação Científica. (Graduando em Letras). Universidade Federal de Uberlândia, 2013. (Bolsa MEC - Ministério da Educação e Cultura)

Nesta pesquisa de iniciação científica, Figueira, com base em conceitos postulados por Dominique Maingueneau, analisou o gibi-manifesto *A Fundação de Krig-ha,* idealizado por *Raul Seixas e Paulo Coelho* e distribuído nos shows do cantor em 1973. O objetivo central da pesquisa foi demonstrar a construção de um *ethos* discursivo (messiânico) e a forte imbricação desse *ethos* com as cenografias do gibi-manisfesto e o posicionamento discursivo de seus autores.

2) FERREIRA, Pollyanna Zati. *Literatura de mercado:* os ritos genéticos de Harry Potter e a construção da lenda. Iniciação Científica. (Graduando em Letras). Universidade Federal de Uberlândia, 2013. (Bolsa MEC - Ministério da Educação e Cultura)

Nesta pesquisa de iniciação científica, realizada com base nos postulados apresentados no livro *Discurso Literário* de Dominique Maingueneau, Ferreira analisou o documentário "*J.K. Rowling... A Year in the Life*" do cineasta James Runcie. O documentário foi tomado como uma produção do quadro hermenêutico que coloca em cena, por meio de cenografias, depoimentos de J.K. Rowling, que, por sua vez, fazem parte das produções do espaço associado dessa autora. As análises demonstraram que a articulação entre essas duas instâncias – a do quadro hermenêutico dos comentadores (no caso, o próprio documentário) e a do espaço associado de produção da autora (no caso, seus depoimentos inseridos no documentário) – ajudaram a construir uma lenda em torno da autora J.K. Rowling. Esse tipo de gestão é típica do modo de funcionamento do campo literário, o que permitiu à pesquisadora concluir que, a destarte de questões estéticas valorativas frente à obra de J. K. Rowling, a prática de gestão de um best-seller da literatura de mercado e da imagem de sua autora funciona do mesmo modo que a prática discursiva de gestão da literatura de vanguarda e da imagem de seus

autores. Nesse sentido, de uma perspectiva discursiva, a questão do que é ou não é literatura, cuja resposta se dá em torno da qualidade ou não de uma obra, não se sustenta, uma vez que o que está em cena é a questão do funcionamento discursivo, e não do valor estético atribuído a obras e autores.

3) FIGUEIRA, Bruno de Sousa. *O (im)possível lugar na obra de Raul Seixas*: a constituição de uma paratopia. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2015. (Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

Nesta dissertação, Figueira se propôs a analisar práticas discursivas do cantor e compositor Raul Seixas, a fim de verificar o modo de constituição da paratopia em sua obra (conceito postulado por Dominique Maingueneau em seu livro *Discurso literário*) e de que forma ela é gerida por seu posicionamento no campo discursivo em que se inscreve. Tendo isso em vista, a análise do *corpus* foi realizada considerando os embreantes paratópicos - a cenografia, o *ethos* e o posicionamento na interlíngua. Esses embreantes, que funcionam como motores que impulsionam a criação da obra, constroem a paratopia do autor que, no caso específico de Raul Seixas, advém, conforme demonstraram as análises, da reivindicação e/ou anunciação de um tempo e um espaço transcendentes e metafísicos, que estão além da própria enunciação.

4) CAMELO, Antônio Carlos Bezerra. *O ensino de Língua Portuguesa*: em pauta o processo de transposição didática do conceito de gênero do discurso para livros didáticos do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

Nesta dissertação, tomando com ponto de partida a definição de gênero do discurso segundo Mikhail Bakhtin, central na elaboração dos documentos e propostas atuais de ensino de Língua Portuguesa no Brasil, Camelo se propôs a verificar se os livros didáticos bem avaliados pelo *Guia de Livro Didático de Língua Portuguesa - 2014* (GLD-2104), promovido pelo PNLD-2014, efetivamente propõem práticas de alinhamento teórico-metodológico com os fundamentos da proposta bakhtiniana. As análises demonstraram que a noção de gênero do discurso, ao ser transposta do universo teórico de um campo de saber, para o universo do ensino, sujeito às problemáticas da divulgação científica e da didatização, tem sua natureza socio-histórica escamoteada.

5) FERREIRA, Pollyanna Zati. *O funcionamento da comunidade discursiva constituída em torno das fanfictions*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2016. (Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

Em sua dissertação de mestrado, Ferreira analisou o funcionamento da comunidade discursiva constituída em torno das *fanfictions*, mais especificamente, as práticas discursivas de *ficwriters* (produtores de *fanfictions*), leitores, *betareaders* (revisores de *fanfictions*) e *webmistresses* (administradores dos sites ou blogs que publicam *fanfictions*). Fundamentalmente, o trabalho focou em analisar em que medida os *ficwriters* lidam com os manuais de *fanfictions*, sob a hipótese de que os manuais são uma forma de institucionalizar os signos de pertencimento à referida comunidade. A dissertação apresentou contribuições relevantes à Análise do Discurso Literário, tal como concebida por Dominique Maingueneau, dentre elas, a de que a noção de comunidade discursiva é um conceito bastante produtivo para analisar fenômenos como esse, que não se

submetem a noções tão previamente institucionalizas como a de campo discursivo.

6) RODRIGUES, Kelen Cristina. *Por uma análise do discurso literário*: funcionamento da autoria em Oscar Wilde e construção de imagem de autor. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Uberlândia, 2014. (Bolsa FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais)

Nesta tese, à luz dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso literário proposta por Dominique Maingueneau, Rodrigues se debruçou sobre duas problemáticas, a saber, o funcionamento da autoria e a construção da 'imagem de autor', considerando-as de maneira imbricada. Analisando o manuscrito *De Profundis* de Oscar Wilde (em especial buscando explicar como se dá o imbricamento entre as instâncias da *pessoa*, do *escritor* e do *inscritor*), bem como prefácios de sua obra e críticas dirigidas a Wilde, a pesquisadora demonstrou, por meio de suas análises, que a construção da 'imagem de autor' de Oscar Wilde se deu de diferentes maneiras em diferentes contextos (enquanto ainda era vivo, após sua morte, no momento de surgimento do Movimento Queer), e que as diferentes 'imagens de autor' construídas decorreram do modo como os comentadores/interventores enfatizaram e/ou apagaram uma ou outra instância de sua autoria (a *pessoa*, o *escritor*, o *inscritor*).

7) RODRIGUES, Marília Giselda. *Jornalistas literatos:* uma paratopia criadora. Perscrutando relações entre escrita literária, escrita jornalística e atividade de trabalho. (Pós-doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

Neste projeto de pós-doutoramento, Rodrigues – com aporte das teorias de base enunciativo discursiva, sobretudo dos pressupostos teóricos postulados por Dominique Maingueneau, e a partir dos pressupostos da Ergologia – se propôs a tomar como objeto de estudo o discurso literário produzido por autores vindos do campo do jornalismo (jornalistas literatos), a fim de investigar os gestos que fundam a atividade laboriosa desse autor – ler, transformar, escrever, criar, dentre outros –, considerando que a literatura não é somente uma maneira que a consciência encontra para se expressar, mas também uma instituição que define regimes e papéis enunciativos específicos em uma dada sociedade, constituindo-se, pois, uma atividade. Mobilizando os conceitos de *paratopia criadora* e *ritos genéticos* postulados por Maingueneau, Rodrigues investigou os processos discursivos de jornalistas literatos, a fim de esclarecer a respeito das normas e renormalizações, das técnicas, dos gêneros da atividade de trabalho, enfim, de todo um conjunto de procedimentos que permitiram considerar o trabalho desses atores sociais de forma desvinculada dos estereótipos 'do escritor como o artista tocado pela inspiração' e da 'escrita literária como forma de superar as limitações impostas ao exercício do jornalismo pelos modos de produção contemporâneos'. Um dos resultados relevantes da pesquisa foi o esclarecimento a respeito do modo de ser paratópico dessa comunidade discursiva específica, a saber, a de jornalistas literatos.

O período de desenvolvimento do projeto *Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade* (vigência de 3 anos) também foi bastante produtivo: publiquei 4 artigos em periódicos científicos; 5 capítulos de livros; 1 organização de livro; 2 traduções (de 1 capítulo de livro e de 1 artigo publicado em periódico científico); e realizei 23 apresentações de trabalho em congressos nacionais e internacionais.

Em junho de 2013, logo no início da vigência deste projeto, realizei uma Missão de Pesquisa na Université Paris-Sobonne - Paris IV (financiamento CNPq), sob a supervisão de Dominique Maingueneau, em que, pela primeira vez, entrei em contato com as discussões sobre gestão de obra e construção de imagem de autor. Na época, não cheguei a me debruçar especificamente sobre essa questão, mas ela ecoou em minhas orientações, uma vez que os resultados de pesquisa obtidos com o projeto que vinha desenvolvendo me permitiram perceber a relação entre funcionamento de autoria e construção de imagem de autor. Por esse motivo, tal problemática, em específico, se tornou a questão central sobre a qual me debrucei no projeto que vim a desenvolver logo em seguida.

- Período de março de 2016 a fevereiro de 2019

Em 2016, obtive a renovação da bolsa PQ-2 do CNPq (Processo n. 310494/2015) com um novo projeto – *Processos editoriais e institucionais de gestão da imagem de autor: em pauta a identidade criadora de Mário de Andrade* –, por meio do qual pretendia, a partir da análise de várias ações editoriais e institucionais que se deram em torno da obra e da figura de Mário de Andrade em 2015 (por ocasião dos 70 anos de morte do escritor e às vésperas de sua obra entrar para o domínio público), verificar o modo como se deu a construção de sua 'imagem de autor', conceito postulado por Dominique Maingueneau. Segundo ele, "a imagem de autor é elaborada na confluência de seus gestos e de suas palavras de um lado, e das palavras dos diversos públicos que, a títulos diferentes e em função de seus interesses, contribuem para moldá-la". No caso do discurso literário, que se funda ligado a uma longa gestão da memória, a 'imagem de autor' não cessa quando morrem os escritores, especialmente quando se trata de autores valorizados, cujas obras são incessantemente comentadas. Nessa perspectiva, os comentadores e as

decisões de interventores posteriores "contribuem para constituir uma obra, quando não a fabricam com todas as peças. Para fazê-lo, devem basear-se numa determinada imagem de autor, e, mediante sua atividade editorial, vão modificá-la. A partir do momento que uma decisão editorial institui um auctor [autor enquanto correlato de uma obra], é elaborada uma imagem de autor" (2010, p. 144)[15].

Apesar de este ter sido o conceito central no desenvolvimento desse projeto, o conjunto de fenômenos observados no *corpus* de análise colocou em cena várias outras problemáticas que, de forma adjacente, foram consideradas. O lançamento de textos em novos formatos (como é o caso de obras já impressas que foram postas a circular em e-books, bem como o das crônicas inicialmente publicadas em jornal impresso e que foram disponibilizadas em um acervo online, e o da crônica *Será o Benedito!*, publicada em jornal e posteriormente em livro) implicou reflexões em torno de questões relacionadas aos mídiuns[16] e à valência interna dos

---

[15] MAINGUENEAU, Dominique. Imagem de autor: não há autor sem imagem. _____. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Organização Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 139-156

[16] Maingueneau (2006, p. 212) afirma que, "para tornar pensável o surgimento de uma obra, sua relação com o mundo no qual surge, não podemos separá-la de seus modos de transmissão e de suas redes de comunicação. [...] A transmissão do texto não vem depois de sua produção; a maneira como um texto se institui materialmente é parte integrante de seu sentido". Assim, na esteira da midiologia proposta por Régis Debray (1991, p. 197), que a define como sendo "o estudo das mediações através das quais 'uma ideia se torna força material'", Maingueneau propõe que se reintroduza, no estudo do discurso, a consideração dos suportes por sob a impressão e das redes por sob as mensagens, de modo a devolver ao ato discursivo seus materiais. Nesse sentido, entra no horizonte dos estudos do discurso a problemática dos contextos de difusão e circulação dos textos, isto é, de suas formas de existência social. Referências: MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.; DEBRAY, Régis. *Cours de médiologie générale*. Paris: Gallimard, 1991.

gêneros do discurso[17]. A adaptação de uma obra do autor de um gênero a outro (como é o caso da adaptação do romance *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* para uma graphic novel) pôs em cena, ainda, questionamentos em relação à autoria em processos de adaptação (como ocorre também em *Será o Benedito!*, crônica ilustrada por Odilon Moraes) e em relação às novas comunidades discursivas[18] que se constituíam em torno da nova prática discursiva. Assim sendo, a questão que busquei responder ao longo do desenvolvimento deste projeto foi a seguinte:

> Em que sentido e de que maneira os diversos processos editoriais (lançamentos, (re)lançamentos, edições especiais, compilações, adaptações) e as diferentes problemáticas a eles

[17] Maingueneau (2015, p. 71) define por valência interna do gênero do discurso "o conjunto dos modos de existência comunicacional de um texto, que são historicamente variáveis". Um exemplo dado pelo próprio autor, em relação à homilia do programa de TV católico dominical *Le jour du Seigneur* (*O dia do Senhor*), transmitido nas manhãs de domingo pelo canal público *France 2*, pode esclarecer o conceito: a homilia é, ao mesmo tempo, "um texto escrito com ajuda de um processador de texto e copiado em uma impressora; para os fiéis presentes, uma apresentação oral no interior de um gênero de discurso mais amplo, no caso a missa; para os telespectadores, uma parte de um programa de televisão. Mas é também: um vídeo que fica à disposição dos internautas durante alguns dias no site do programa, hospedado no *site* do canal de TV; um texto escrito, arquivado no mesmo *site*, que pode ser lido na tela ou impresso". Referência: MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

[18] Considerando o quadro teórico apresentado em *Gênese dos discursos* por Dominique Maingueneau, o conceito de comunidade discursiva pressupõe que a passagem de um discurso a outro implica mudanças não apenas nos funcionamentos textuais, mas também na estrutura e no funcionamento dos grupos que gerem esses discursos; em outras palavras, os modos de organização dos homens e de seus discursos são indissociáveis. A noção de comunidade discursiva caracteriza um conjunto de enunciadores, incluindo não apenas aqueles que são responsáveis pela produção textual, mas também os que participam de toda a rede de elaboração, difusão, consumo, etc.

> associadas (mídiuns, valência dos gêneros do discurso, constituição de comunidades discursivas, etc.) co-constroem uma 'imagem de autor'?

Essa questão está, em última instância, relacionada à problemática da circulação dos discursos/textos, uma vez que culmina na reflexão de como os modos e meios de circulação afetam a produção de sentidos – considerando que a construção de 'imagem de autor' é, em alguma medida, uma construção de leitura e, assim sendo, está relacionada à produção de sentidos.

Uma análise de textos jornalísticos publicados na mídia online brasileira na primeira metade de 2015, comentando a homenagem que a FLIP 2015 fez a Mário de Andrade, me permitiu perceber a existência de um movimento maciço de gestão da obra e da 'imagem de autor' de Mário de Andrade, nesse contexto específico da realidade brasileira. A análise também me possibilitou definir um conjunto de traços semânticos que, conjuntamente, foram construindo, uma 'imagem de autor' de Mário de Andrade, gerida na/pela mídia brasileira online, em certas condições de produção específicas, a saber, a homenagem que a FLIP 2015 realizou ao escritor, por ocasião da entrada de sua obra em domínio público. O conjunto de traços semânticos levantados, a partir da análise dos textos considerados, foi o seguinte: /+ *auctor*/; /+ intelectual/; /+ pesquisador/; /+ pensador/; /+ eclético/; /+ contemporâneo/; /+ vanguardista/; /+ mentor/; /+ sábio/; /+ experiente/; /+ homossexual/; /+ agitador/; /+ revolucionário/; /+ altruísta/.

Esses traços não representam, no movimento geral de gestão da obra e da 'imagem de autor' de Mário de Andrade analisada, a totalidade dos traços associados a sua 'imagem de autor', mas são, em função de sua recorrência, bastante representativos do conjunto, que, não obstante, comporta

tanto outros traços, como desdobramentos dos traços aqui apresentados.

Outro aspecto observado é que a 'imagem de autor' de Mário de Andrade (multifacetada, plural, heterogênea), construída pela gestão de interventores posteriores, de modo algum mantém uma relação biunívoca com o autor e/ou sua obra, isto é, não é reflexo de um certo funcionamento de autoria, mas sem dúvida, cria quadros hermenêuticos de leitura dessa obra, na medida em que atua naquilo a que Maingueneau se refere como *ethos pré-discursivo*[19], instância vinculada a certas expectativas do leitor/ouvinte em relação ao *ethos* do enunciador de um discurso, antes mesmo de se deparar com sua enunciação. Nessa perspectiva, diríamos que os leitores, ao serem afetados pela 'imagem de autor' de Mário de Andrade, construída por esse processo de gestão de sua obra e imagem, construirão uma pré-imagem do enunciador Mário de Andrade (*ethos pré-discursivo*), que, potencialmente, produzirá efeitos de sentidos por ocasião da leitura da obra do autor.

Além desse resultado, o que foi possível observar, por meio das análises empreendidas sobretudo de publicações (lançamentos e relançamentos) da obra do autor, é que a mudança de mídium (como é o caso de obras impressas que foram relançadas em e-book) afeta a construção da 'imagem de autor' de Mário de Andrade. O fato de o acesso a uma obra do autor estar disponível a um click (pelo celular, pelo computador, por um aplicativo ou por um e-reader) e ser disponibilizada ao lado de outras de mesma natureza, mas também ao lado de tantas outras de naturezas muito diversas, tem, como um de seus efeitos, a ampliação da 'imagem de autor' de Mário de Andrade, na medida em que o autor deixa de ocupar, no imaginário nacional, apenas o lugar de um cânone da literatura brasileira da primeira metade do século

[19] MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso:* a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92

XX, passando também a habitar o universo dos autores que estão em voga na contemporaneidade. Essa ambivalência é alimentada pelos gestos editoriais e institucionais de gestão da 'imagem de autor' de Mário. Ele é um cânone e, por isso, por exemplo, crônicas suas publicadas originariamente em jornais (produções que, a princípio, não fazem parte da obra canônica de um autor) são copiladas em coletâneas (tem-se aqui um caso de exploração da valência interna do gênero), juntamente com contos reconhecidos pela crítica especializada como obras-primas do autor. Ao mesmo tempo, entretanto, sua grande obra-prima, o romance "Macunaíma: o herói sem nenhum caráter" foi adaptada para uma graphic novel, inserindo o autor no universo cult brasileiro, de modo a fazê-lo circular no interior de outra comunidade discursiva.

Nesse sentido, o desenvolvimento do projeto, além de possibilitar verificar um maciço movimento de gestão da 'imagem de autor' de Mário de Andrade e definir quais são os traços semânticos constitutivos dessa imagem, possibilitou ainda demonstrar que, ao menos em alguma medida: i) a mudança de mídium implicada na gestão de uma obra/texto afeta a construção da 'imagem de autor'; ii) a exploração da valência interna do gênero de uma obra/texto afeta a construção da 'imagem de autor'; iii) os processos de adaptação de uma obra, que acaba por constituir em torno de si uma nova comunidade discursiva, afeta a construção de 'imagem de autor'.

Para além desses resultados, durante o desenvolvimento deste projeto – também financiado pelo CNPq e cadastrado no PPGEL –, levei à defesa três dissertações de Mestrado (duas financiadas pela CAPES e uma pela FAPEMIG) e duas teses de Doutorado (uma delas financiada pela CAPES). Esses trabalhos vincularam-se ao projeto ou por meio da temática, ou por meio da teoria de base, e suas contribuições centrais foram:

1) CÂNDIDO, Khal Rens. *Processos de interincompreensão discursiva em programas da Rede Globo:* em pauta a polêmica em torno da Língua Portuguesa. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2017. (Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

Nesta dissertação, Cândido, com base nos pressupostos teóricos apresentados por Dominique Maingueneau em *Gênese dos discursos*, mais especificamente nas noções de interdiscurso, interincompreensão discursiva e simulacro, analisou como se dá a polêmica discursiva em torno da problemática da língua portuguesa em programas de entretenimento e de jornalismo da Rede Globo de Televisão. A partir das análises realizadas, verificou-se que o jogo de forças na polêmica varia, em alguma medida, em função do fato de a abordagem de questões relacionadas à língua portuguesa estar relacionada às problemáticas do ensino ou não. Se não estiver, a polêmica entre diferentes posicionamentos encena uma aparente neutralidade; por sua vez, se o cerne do debate se der em torno do ensino de língua portuguesa, a relação de antagonismo entre diferentes posicionamentos é aberta e acirrada.

2) REZENDE, Breno Rafael Martins Parreira. *Hipergênero e sistema de hipergenericidade*: análise do funcionamento discursivo do Facebook. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2017. (Bolsa FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais)

Nesta dissertação, Rezende analisa discursivamente a rede social *Facebook*, buscando descrever e categorizar o seu funcionamento. Com base em postulados de Dominique Maingueneau, o trabalho buscou explicar como os

enunciadores constroem suas identidades discursivas no *Facebook*, a partir da análise de três páginas públicas da rede social: *Pão de açúcar*, *Folha de S. Paulo* e *Quebrando o tabu*. Diante da complexidade de novos fenômenos, próprios do *Facebook*, questões teórico-metodológicas se impuseram à análise, o que culminou na postulação do conceito de *sistema de hipergenericidade*, uma contribuição teórica que amplia o conceito de *hipergênero* postulado por Maingueneau e abre caminhos para novas pesquisas em torno dessa problemática.

3) SOUZA JÚNIOR, Manuel José Veronez de. *A carta privada de autores consagrados do campo literário:* uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2018. (Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

Nesta tese, Veronez analisou um conjunto de cartas privadas (publicadas em uma coletânea) trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, no período entre 1924 e 1930, a fim de demonstrar que as cartas privadas trocadas entre autores consagrados do campo literário têm um funcionamento de gênero do discurso (cena genérica), e não de *hipergênero*, conforme postulações de Dominique Maingueneau em alguns de seus trabalhos. Além disso, a pesquisa também demonstrou em que medida essa cena genérica funciona como um embreante paratópico, ampliando, assim, a lista de embreantes paratópicos postulada por Maingueneau.

4) KHALIL, Lucas Martins Gama. *Ethos, cenografia e voz "demoníacos"*: o funcionamento discursivo do death metal. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

Em sua tese, com base em pressupostos teóricos apresentados por Dominique Maingueneau em várias de suas obras, Khalil analisou a prática discursiva do gênero musical *death metal*, com foco em aspectos relativos à construção de um *ethos* peculiar a esse discurso. O trabalho mobilizou conceitos de Dominique Maingueneau, como o de cenografia, *ethos* e semântica global, considerando a interação entre vários elementos na produção de uma imagem de enunciador, como a voz, as letras de canções, as performances, os materiais gráficos etc. Ao traçar um panorama sobre a constituição do "demoníaco" enquanto estereótipo mobilizado pelo discurso do *death metal*, o trabalho pôde demonstrar que tal representação se desenvolve em contraposição a outra representação imaginária estereotipada, referente àquilo que se considera "divino", sobretudo sob a perspectiva do posicionamento cristão. Duas das relevantes contribuições do trabalho foram: i) a proposição da voz (no sentido da produção física do som) como elemento da semântica discursiva; ii) a consideração da atopia não como algo referente à natureza do discurso, mas como uma encenação, isto é, como constitutiva da cenografia (o *death metal* tem natureza paratópica, mas encena que sua natureza é atópica).

5) RODRIGUES, Livia Cremonez Domingos. *A problemática da semântica discursiva em processos de tradução*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, 2019. (Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

Nesta dissertação, com base no quadro teórico-metodológico apresentado em *Gênese dos Discursos*, obra de Dominique Maingueneau, e em alguns outros conceitos do autor apresentados no livro *Discurso Literário* (em especial o conceito de 'posicionamento na interlíngua'), Rodrigues demonstrou que a tradução, quando realizada por autores

consagrados do campo literário, é fortemente condicionada pelo posicionamento discursivo do *auctor*-tradutor no campo. Analisando duas traduções do poema *The Raven* de Edgar Allan Poe, realizadas por autores do campo literário brasileiro - Machado de Assis e o poeta parnasiano Antônio Emílio de Menezes -, a pesquisadora demonstrou, por meio de suas análises, que o modo de 'posicionamento na interlíngua' se deu em função do sistema de restrições semânticas definidor do posicionamento de cada um dos *auctores*-tradutores.

Durante o desenvolvimento deste projeto, obtive da UFU uma licença capacitação de 75 dias (vigência de 01/03/2017 a 14/05/2017), em função da qual pude participar ativamente do grupo SLOVO (Grupo de Estudos do Discurso) com a professora Marina Célia Mendonça - parceira de trabalho há mais de 30 anos, vice-líder do grupo, docente do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Araraquara) e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa dessa instituição. Devido à temática que vinha abordando em meus projetos (discurso literário; autoria; estilo), percebi a necessidade aprofundar meu conhecimento em relação à teorização realizada pelo Círculo de Bakhtin, em especial no que diz respeito às noções de autor e de estilo. O contato mais sistemático com as pesquisas realizadas por Marina e pelo grupo SLOVO, integramente voltadas às teorizações bakhtinianas, auxiliou-me muito nesse sentido e gerou resultados bastante positivos. No mesmo semestre, tive a honra de receber no PPGEL, como Professora Visitante com bolsa FAPEMIG, a professora Norma Discini, com quem mantive um estreito convívio que possibilitou um produtivo intercâmbio de pesquisas (para mim, para o *CED* e para o PPGEL) e do qual nasceu uma inestimável amizade.

Ainda no triênio considerado, realizei um pós-doutorado sênior (vigência ago. 2017 – jul. 2018) em Neurolinguística, sob a supervisão de Maria Irma Hadler Coudry (Maza), no IEL-UNICAMP, com estágio de três meses no exterior (dez. 2017 – fev. 2018), no Centro de Neurociências, Psicologia e Comportamento da Universidade de Leicester, Inglaterra, sob a supervisão de Briony Pulford. O projeto, intitulado *A problemática da anterioridade discursiva em Análise do discurso: em pauta a dimensão cognitiva da teoria do discurso*, foi financiado pelo CNPq, com bolsa de pesquisa no Brasil (PDS, Processo n. 108541/2017-7) e no exterior (ESN, Processo n. 203761/2017-0).

O intuito central da pesquisa foi realizar o deslocamento teórico necessário para viabilizar, às teorizações da Análise do Discurso, a incorporação de uma dimensão cognitiva. Mais especificamente, me propus, com base na análise de um conjunto de textos (produzidos no Brasil a partir da década de 70 do século XX) que se debruçaram sobre a problemática do ensino de língua portuguesa, refinar a distinção entre duas anterioridades

discursivas, a saber, o *interdiscurso*[20] e o *pré-discurso*[21]. Esses dois conceitos possuem naturezas distintas: o primeiro é de

[20] Dominique Maingueneau, em *Gênese dos discursos* ([1984] 2005), postula a tese do *primado do interdiscurso*, segundo a qual, em termos de gênese, o interdiscurso precede o discurso. Dessa perspectiva, a unidade de análise pertinente deixa de ser o discurso e passa a ser as relações interdiscursivas que se dão num espaço de trocas entre vários discursos. Buscando tornar o conceito de interdiscurso mais operacional, Maingueneau o redefine a partir da tríade *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*. A noção de *universo discursivo* diz respeito ao conjunto de formações discursivas de todos os tipos, que interagem em uma conjuntura dada. O *campo discursivo* deve ser compreendido como sendo um conjunto de formações discursivas, com mesma função social, que se divergem, entretanto, quanto ao modo pelo qual essa função deve ser preenchida. O *espaço discursivo*, por sua vez, deve ser compreendido como um subconjunto de formações discursivas cuja relação o analista julga pertinente considerar para seu propósito. O autor postula que a interação entre os vários discursos de um mesmo espaço discursivo se dá como um processo de tradução, de *interincompreensão regrada*: cada um introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo os seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do *simulacro* que dele constrói. Referência: MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005. (Título original: *Genèses du discours*. 2. ed. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984)

[21] Os *pré-discursos*, categoria cognitiva de natureza discursiva, são definidos por Marie-Anne Paveau ([2006] 2013, p. 130) como "um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas) que dão instruções para a produção e para a interpretação do sentido no discurso". Segundo a autora, os *pré-discursos* têm uma realidade imaterial, uma vez que não se inscrevem diretamente na materialidade discursiva, apesar de nela imprimirem "marcas" indiretas. Nesse sentido, eles não são formuláveis, nem traduzíveis no discurso, mas identificáveis pelos traços de sua presença. Paveau ainda esclarece que os *pré-discursos* dizem respeito a dados de natureza mais social e cultural do que a dados de natureza ideológica e política, aplicando-se, por isso, a todos os tipos de discurso, desde os mais ordinários e pouco controlados, até os mais elaborados e controlados. Referência: PAVEAU, Anne-Marie. *Os pré-discursos*: sentido, memória, cognição. Campinas: Pontes, 2013. (Título original: *Les prédiscours. Sens, mémoire, cognition*, 2006)

natureza ideológica; o segundo, de natureza cognitiva. A hipótese que assumi, neste projeto, é que, apesar de o funcionamento do *interdiscurso* produzir polêmicas, interincompreensão e simulacros, ele também pode ser tomado como o lugar de construção, transmissão e circulação de *pré-discursos* (saberes, valores, crenças e práticas de um grupo social ou de uma comunidade discursiva). Mais especificamente, a hipótese que busquei sustentar é que a *competência discursiva* – definida por Maingueneau (2005)[22] como sendo a capacidade de um enunciador de reconhecer enunciados como pertencentes a sua própria formação discursiva, bem como de produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes a essa formação discursiva – deve incorporar mais um tipo de capacidade do enunciador, a saber, a de operar a partir de quadros pré-discursivos coletivos, que têm um papel "instrucional" para a produção e interpretação dos discursos. Dessa perspectiva, portanto, a *competência discursiva* passa a contemplar, minimamente, aspectos de duas naturezas – ideológica e cognitiva –, além de funcionar como o grande articulador teórico que permitiu, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, que esses dois conceitos fossem associados de maneira congruente, possibilitando, assim, a construção de pontes entre uma teorização sobre o discurso fundamentada na relação entre língua e história (*interdiscurso*) e uma teorização sobre o discurso que incorpora, na explicação de seu funcionamento, uma dimensão cognitiva (*pré-discurso*).

Esclarecendo um pouco mais a respeito do *corpus* de análise da pesquisa, ele foi recortado (conforme já dito), de um conjunto de textos produzidos no Brasil, a partir da década de 70 do século XX, que se debruçaram sobre a problemática do ensino de língua portuguesa. Esse conjunto contempla dois tipos de textos: i) aqueles produzidos no campo científico, em geral por linguistas; ii) documentos

[22] MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

oficiais, produzidos no campo político-educacional, que traçaram diretrizes para o ensino de língua portuguesa no país. O critério para esse recorte espaço-temporal decorreu de um fenômeno ao qual atribuí o estatuto de acontecimento discursivo[23]: pela primeira vez, a linguística brasileira, de forma mais maciça, se volta para a produção de textos científicos e de divulgação científica que buscam interferir na política de ensino de língua portuguesa no país. Os documentos oficiais, produzidos a partir de então, especialmente os *Parâmetros curriculares nacionais*, incorporaram certas contribuições da linguística na formulação de suas diretrizes gerais.

Considerando esse *corpus* de análise, busquei cumprir os seguintes objetivos de pesquisa:

> Objetivo geral: refinar a distinção entre duas anterioridades discursivas, a saber, o *interdiscurso* e o *pré-discurso*.
> Objetivos específicos:
> i) especificar aspectos das diferentes naturezas desses dois objetos teóricos;
> ii) reconhecer por meio de que índices e de que processos enunciativos esses dois fenômenos se dão a conhecer;
> iii) ampliar a concepção de *competência discursiva* postulada por Maingueneau;
> iv) articular de maneira coerente, na teoria do discurso, esses dois conceitos.

Numa primeira etapa da pesquisa, busquei focar no cumprimento do objetivo geral (refinar a distinção entre o *interdiscurso* e o *pré-discurso*), perseguindo os dois primeiros

[23] PÊCHEUX, Michel. *O discurso:* estrutura e acontecimento. Campinas: Pontes, 1990. (Título original: *Discourse: structure or event?*, 1983)

objetivos específicos, isto é, buscando, de um lado, especificar aspectos das diferentes naturezas do *interdiscurso* e do *pré-discurso* e, de outro, reconhecer índices e processos enunciativos por meio dos quais esses dois fenômenos se dão a conhecer.

Com base na análise do *corpus* considerado, foi possível perceber que a especificação do espaço interdiscursivo, isto é, a definição do Outro com o qual os enunciadores desse conjunto de textos polemizam, define-se muito em função dos quadros pré-discursivos que informam e alimentam esse discurso, isto é, em função dos saberes, crenças, valores e práticas que funcionam como um enquadre sociocognitivo, uma espécie de primariedade sem a qual é impossível enunciar o que se enuncia (nesse conjunto de textos).

No que se refere à problemática do ensino de língua portuguesa, os enunciadores desse conjunto de textos polemizam com a gramática normativa (que assume um padrão de língua que desconsidera a variedade linguística brasileira e, quando a considera, ignora/combate a heterogeneidade linguística e social) e o senso comum (que constrói um certo imaginário de língua, uma espécie de gramática idealizada da língua portuguesa, por vezes mais avessa à heterogeneidade e à variação que as próprias gramáticas normativas), na medida em que rejeitam a avaliação da língua pautada no certo *vs* errado e defendem padrões avaliativos pautados nos pares adequado *vs* inadequado (o critério aqui é de natureza social) e gramatical *vs* agramatical (o critério, nesse caso, funda-se na(s) possibilidades/produtividade do sistema linguístico, considerado a partir de uma perspectiva descritivo-explicativa).

No que se refere à problemática da leitura e produção de textos, polemiza-se com o pressuposto de que o texto é uma somatória de frases, ou um produto que deve ser considerado em si e per si, de modo que sua produção e os

sentidos a ele atribuídos (leitura) são avaliados com base no par certo *vs* errado, tomando-se como critérios a correção (ortográfica, gramatical-normativa, lógico-textual), padrões de literariedade (+ ou – literal), e etimológicos. Novamente, os enunciadores desse conjunto de textos defendem padrões avaliativos pautados, fundamentalmente, nos pares adequado *vs* inadequado, uma vez que concebem o texto como processo de interação que responde a contratos comunicacionais socialmente estabelecidos (o critério, portanto, é de natureza social).

A princípio, poder-se-ia pensar que esses traços semânticos reivindicados pelos enunciadores desse conjunto de textos (os pares "adequado *vs* inadequado", "gramatical vs agramatical") constituem o *pré-discurso* desse discurso. Entretanto, não se trata disso. Esse embate, materializado na contraposição dos pares "adequado *vs* inadequado", "gramatical *vs* agramatical", de um lado, e "certo *vs* errado", de outro, configura, na verdade, o espaço de funcionamento do interdiscurso, reconhecível, fundamentalmente, por meio dos processos de interincompreensão e construção de simulacros discursivos, formalizáveis em traços semânticos reivindicados e rejeitados por um posicionamento discursivo, conforme postulado por Maingueneau em *Gênese dos discursos*. Isso vale mesmo quando se analisam apenas os textos produzidos por um dos posicionamentos envolvidos na polêmica, como é o caso dessa pesquisa, uma vez que o postulado do primado do interdiscurso pressupõe que a constituição de um posicionamento, de uma identidade discursiva se dá sempre e somente a partir da relação com o Outro, do qual se tem que apartar para se constituir – processo que deixa marcas nos diversos planos discursivos, rastreáveis no conjunto de textos.

Os resultados da pesquisa em relação ao(s) *pré-discurso*(s) que informa(m) e alimenta(m) esse conjunto de textos é que ele(s) se constitui(em) de quadros de saberes e crenças oriundos de certa linguística, que assume como sendo

inextrincável a relação entre língua(gem) e sujeito. É a partir desse enquadre que se torna possível conceber a problemática do ensino de língua portuguesa e da leitura e produção de textos em contexto escolar a partir dos critérios da adequação/inadequação e da gramaticalidade/agramaticalidade. Tais critérios só podem ser reconhecidos (no sentido de serem percebidos como critérios possíveis) por enunciadores cujos discursos são alimentados por esse quadro de saberes e crenças que configura um modo específico de perceber a problemática da língua (por isso se trata de uma dimensão (socio)cognitiva).

Ao longo da pesquisa, ao mesmo tempo em que objetivava especificar aspectos das diferentes naturezas do *interdiscurso* e do *pré-discurso*, buscava reconhecer índices e processos enunciativos por meio dos quais esses dois fenômenos se dão a conhecer. Conforme já apontado, o funcionamento do *interdiscurso* pode ser reconhecível, fundamentalmente, por meio dos processos de interincompreensão e construção de simulacros discursivos (rastreáveis por meio de marcas específicas, como por exemplo, a negação, a concessão, as orações clivadas, etc., sempre levando em conta as condições de produção dos discursos). A presença de quadros pré-discursivos, por sua vez, pode ser perceptível por meio de certos índices, tais como os apresentados por Marie-Anne Paveau em *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*, sob a hiperonímia de filiações discursivas (como o etimologismo, o lexicologismo, o lexicografismo, a enunciação patrimonial, dentre outros), mas também por outros índices, que pude perceber tanto em função da análise do *corpus* considerado nesta pesquisa, quanto em função do contato com o Banco de dados construído pela Dra. Briony Pulford e seu grupo, no Centro de Neurociências, Psicologia e Comportamento da Universidade de Leicester, Inglaterra, onde realizei o Estágio de pós-doutoramento. Alguns dos processos enunciativos

regulares por meio dos quais pude rastrear a presença de *pré-discursos* são os seguintes:

i) certos procedimentos coesivos introdutores de justificativas de ordem racional e moral (nem tais procedimentos, nem as justificativas em si constituem-se *pré-discursos*, mas ambos funcionam como vias de acesso aos quadros de saberes, crenças e valores acionados);
ii) modalizadores de certeza, que incidem sobre asserções de ordem racional e moral (novamente, nem tais modalizadores, nem as asserções em si constituem-se *pré-discursos*, mas ambos funcionam como vias de acesso aos quadros de saberes, crenças e valores acionados);
iii) certos processos de metaenunciação por meio dos quais o enunciador realiza um movimento de preservação da face na interação; tais processos de metaenunciação permitem entrever quais são os quadros de saberes, crenças e valores que alimentam esse movimento em prol dessa preservação;
iv) certos tipos de asserção, como a de natureza moral, a partir dos quais se pode rastrear a presença de *pré-discursos* (as asserções morais não são em si os *pré-discursos*, mas indiciam sua presença).

Tendo chegado a esses resultados de pesquisa, decorrentes do cumprimento dos dois primeiros objetivos específicos apresentados, passei a conduzir minhas reflexões no sentido de encontrar respostas condizentes com os outros dois objetivos específicos: iii) ampliar a concepção de *competência discursiva* postulada por Maingueneau; e iv) articular de maneira coerente, na teoria do discurso, esses dois conceitos.

A articulação desses dois fenômenos – *interdiscurso* e *pré-discurso* – foi considerada tanto no nível analítico-operacional, quanto no nível da construção do quadro teórico da Análise do discurso. No nível analítico-operacional, as análises demonstraram que, apesar de o funcionamento do *interdiscurso* produzir polêmicas, interincompreensão e simulacros, ele também pode ser tomado como o lugar de construção, transmissão e circulação de *pré-discursos* (saberes e crenças que informam e alimentam o discurso de uma coletividade – de um grupo social ou de uma comunidade discursiva), uma vez que a presença de quadros pré-discursivos somente é rastreável no/pelo discurso. No nível teórico, por sua vez, uma das contribuições desta pesquisa para o quadro teórico da Análise do discurso foi propor que a noção de competência discursiva seja tomada como o grande articulador teórico que permite associar, de maneira congruente, esses dois conceitos. De acordo com Maingueneau, em *Gênese dos discursos*, a competência (inter)discursiva supõe que o enunciador de um discurso seja capaz de reconhecer e produzir textos compatíveis com o posicionamento em que se inscreve, bem como reconhecer a incompatibilidade semântica de textos produzidos a partir do posicionamento daquele(s) que constitui(em) seu(s) Outro(s). Com base nos resultados decorrentes do desenvolvimento deste projeto, propus a ampliação dessa concepção de competência (inter)discursiva, de modo que ela passe a supor, também, a capacidade que o enunciador de um discurso tem de operar a partir de quadros de saberes, práticas, crenças e valores que informam e alimentam sua produção discursiva. Nessa perspectiva, a reformulação/ampliação da noção de *competência (inter)discursiva* permite atribuir a esse conceito o estatuto de operador teórico, por meio do qual se torna viável a construção de pontes entre uma teorização sobre o discurso fundamentada na relação entre língua e história e uma

teorização sobre o discurso que incorpora, na explicação de seu funcionamento, uma dimensão cognitiva.

Um aspecto relevante, em relação ao tratamento dado ao *corpus* ao longo do desenvolvimento deste projeto, é que assumi (alinhada à proposta apresentada por Paveau no livro sobre *pré-discursos*), a perspectiva da *cognição distribuída*[24], que implica que se considere cada um dos textos analisados como um artefato cognitivo, uma vez que, de acordo com tal perspectiva, a construção e a transmissão de informações não se dão apenas "através dos saberes e competências retidos "na cabeça" dos indivíduos, ou em seu ambiente sociocultural ("no mundo")", mas estão inscritas também "nos instrumentos cognitivos, como o bloco de notas, por exemplo" (2013, p. 33-34). Nesse sentido,

> os dispositivos de saberes e de crenças vão muito além da cognição humana: a natureza, o tempo e os artefatos, como as ferramentas linguísticas, os objetos manufaturados, as obras arquitetônicas, as ferramentas cotidianas, etc., participam da elaboração de saberes e crenças pré-discursivas. (PAVEAU, 2013, p. 135)[25]

[24] Referências: 1) HUTCHINS, Edwin. The technology of team navigation. In: GALEGHER, JOLENE; KRAUT, ROBERT; EGIDO, CARMEN. *Intellectual Teamwork:* social and technological foundations of cooperative work. Hillsdale, N. J: LEA, 1990. p. 191-220; 2) HUTCHINS, Edwin. *Cognition in the wild.* Cambridge, MA: MIT Press, 1995a.; 3) HUTCHINS, Edwin. How a cockpit remembers its speeds. *Cognitive Science*, n. 19, p. 265-288, 1995b.; 4) HUTCHINS, Edwin. *Cognitive artifacts*. 2002. Disponível em: <http://ato.ms/MITECS/Entry/boster.html>. Acesso em: 11 fev., 2017.; 5) HUTCHINS, Edwin, KLAUSEN, Tove. Distributed Cognition in an Airline Cockpit. In: MIDDLETON, DAVID; ENGESTRON, YRJÖ. *Communication and cognition at work.* Cambridge: CUP, 1996.

[25] PAVEAU, Anne-Marie. *Os pré-discursos*: sentido, memória, cognição. Campinas: Pontes, 2013.

Assumi, portanto, que existe uma tecnologia discursiva que participa plenamente da construção dos discursos e que, enquanto tal, precisava ser suficientemente tratada na Análise do discurso. Essa perspectiva permitiu otimizar a abordagem de dois tipos de *dispositivos comunicacionais* postulados por Dominique Maingueneau, a saber, o *gênero do discurso* e o *mídium*, que foram tomados como parte do sistema que organiza a cognição distribuída – ao menos quando lidamos com linguagem.

A dinâmica de trabalho estabelecida com minhas duas supervisoras foi fundamental para que eu pudesse ingressar em duas áreas distintas - a Neurolinguística e a Psicologia cognitiva - de minha área de atuação em pesquisa, a Análise do Discurso. Os resultados de pesquisa obtidos se deram muito em função dessa experiencia de trabalho.

Durante o pós-doutoramento no Brasil, sob a supervisão da Maza, estabelecemos uma rotina de trabalho que incluía:

i) supervisões individuais quinzenais, que recobriam tanto a orientação a respeito dos encaminhamentos da pesquisa, quanto a indicação de leituras (e posterior discussão) que pudessem me possibilitar uma formação consistente na área de Neurolinguística;
ii) participação no Grupo de Pesquisa Neurolinguística Discursiva: afasia e infância (ND), com apresentação da pesquisa e debates coletivos;
iii) participação como docente no Curso de Neurolinguística, ministrado no primeiro semestre de 2018 no Programa de Pós-graduação em Linguística da UNICAMP;
iv) coorientação de pesquisa de Iniciação Científica e Mestrado;
v) participação sistemática no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), espaço criado

por Coudry em 1989 no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP), onde os pesquisadores desenvolvem práticas com a linguagem, que são discursivamente orientadas e integradas na avaliação e acompanhamento longitudinal de sujeitos afásicos.

Essa rotina foi extremamente produtiva, uma vez que me permitiu a inserção na área de Neurolinguística, tanto do ponto de vista teórico-analítico, quanto experiencial. Em especial, participar do CCA, fazer parte do trabalho excepcional construído pela Maza há mais de 30 anos, me permitiu efetivamente compreender a força de um pressuposto que assumi durante toda minha vida profissional: o de que não há linguagem sem enunciação. O espaço de interação construído no CCA possibilita aos sujeitos afásicos enunciar e, por vários caminhos e de várias maneiras... serem sujeitos de linguagem. A experiência humana que vivenciei lá foi extremamente gratificante e transformadora.

No estágio de pós-doutoramento no exterior, sob a supervisão de Briony Pulford, a rotina de trabalho também foi fundamental para minha inserção na área de Psicologia cognitiva.

Briony desenvolve, junto ao Grupo de Pesquisa *Julgamento e tomada de decisão*, pesquisas sobre sobre excesso de confiança; incerteza; comunicação e percepção da confiança e da incerteza; tomada de decisão; cooperação; raciocínio de equipe. Tem ainda desenvolvido estudos sobre dar e receber conselhos e sobre julgamentos morais, além de uma pesquisa voltada para a área pedagógica, em que analisa a confiança dos estudantes e suas crenças em relação às próprias habilidades acadêmicas. A abordagem teórico-metodológica de suas pesquisas funda-se sobre pressupostos de natureza cognitiva e social e sobre uma metodologia de natureza quantitativa e qualitativa.

Meu interesse pelas pesquisas desenvolvidas por ela se deu em função da possibilidade de verificar tanto nos dados coletados por ela e seu grupo, como nas próprias reflexões teórico-metodológicas por eles realizadas, em que medida quadros coletivos de saberes, crenças e valores (os *pré-discursos*) podem estar relacionados a julgamentos, a conselhos, a tomadas de decisão. De modo mais pontual, o acompanhamento de seus estudos pôde contribuir, como já anteriormente apontado, para a elucidação de um dos objetivos específicos contemplados em meu projeto de pós-doutoramento no Brasil, a saber, o reconhecimento de índices e de processos enunciativos que permitem reconhecer a presença de *pré-discursos*. Para além disso, meu interesse decorreu também de sua abordagem, que associa pressupostos de natureza cognitiva e social e se vale de uma metodologia que contempla a interação entre o quantitativo e o qualitativo, o que possibilitou um diálogo fecundo com a Análise do Discurso, uma área do saber que se constituiu a partir de uma relação inextricável com a exterioridade (histórico-social-ideológica) e se auto-definiu como uma disciplina de interpretação.

Briony me recebeu na Universidade de Leicester e propiciou-me, ainda, um diálogo mais direto com outros três pesquisadores do grupo e professores da universidade – Andrew Colman, Caren Frosch e Eva Krockow. Colocou à minha disposição um laboratório com computadores, um gabinete de trabalho, além de toda estrutura da universidade, incluindo a Biblioteca, que conta com muitas publicações de ponta nas áreas da Psicologia cognitiva e da Linguística. Além disso, tivemos encontros semanais para discussão de dados e encaminhamentos de pesquisas; apresentei meu projeto para o Grupo de Pesquisa *Julgamento e tomada de decisão* e preparei versões para o inglês de textos de minha autoria publicados no Brasil, para viabilizar, a Briony e seu grupo, acesso a conceitos da Linguística e a resultados de

pesquisas realizadas por mim e pelo Grupo de Pesquisa que lidero – o CED, *Círculo de Estudos do Discurso* (UFU-CNPq).

A fim de que eu pudesse cumprir meus objetivos de pesquisa, Briony e Eva disponibilizaram-me parte de seus dados de análise - coletados em laboratório com base nos pressupostos da Game Theory[26], quadro teórico-metodológico comumente mobilizado no campo da Psicologia para analisar situações que envolvem tomadas de decisão -, os quais pude submeter a uma análise enunciativo-discursiva em busca de indícios da presença de quadros pré-discursivos. Tais dados constituem-se de gravações das falas dos informantes, que expunham em voz alta o que pensavam enquanto tomavam as decisões relacionadas aos comandos recebidos em situação de jogo (daí, game theory). Nesse procedimento analítico, pude não apenas perceber a presença de *pré-discursos*, mas também verificar que os quadros pré-discursivos alimentam as tomadas de decisão. Mais que isso ainda, pude verificar, conforme já disse, processos enunciativos regulares por meio dos quais é possível rastrear a presença de *pré-discursos*.

Além desses resultados, outros bastante produtivos também foram alcançados. Um deles diz respeito à mobilização de novos instrumentos de análise, como o programa NVIVO, que possibilita a definição, categorização, subcategorização, reconhecimento e marcação dos fenômenos linguísticos e enunciativos delimitados pelo pesquisador. O uso dessa ferramenta, à qual tive acesso em função do contato com o grupo de pesquisa liderado por Briony, permitiu uma descrição muito mais efetiva dos fenômenos focados na pesquisa. Outro aspecto importante de se ressaltar é que, além do resultado bastante satisfatório para minha pesquisa, a presença de um linguista em um grupo de pesquisas constituído basicamente por psicólogos foi muito

[26] Cf. COLMAN, Andrew, KROCKOW, Eva M. Game Theory and Psycholgy. *Oxford Bibliographies*. Oxford: Oxford Press, 2017. p. 1-22 (DOI: 10.1093/OBO/9780199828340-0192)

produtiva para todos os integrantes do grupo, na medida em que pude colaborar com o refinamento de muitas das análises por eles realizadas, dando visibilidade a fenômenos linguísticos e enunciativos que ajudavam a perceber aspectos de ordem psicológica nos quais os pesquisadores estavam interessados.

Em função de intercâmbios que vinham sendo mantidos entre Briony e eu, desde abril de 2017, bem como da produtividade dessa parceria, foi-me concedido pela Universidade de Leicester, durante o ano de 2018, o título de Honorary Visitor Fellow, uma menção honrosa que promoveu a visibilidade: i) de pesquisas financiadas pelo CNPq; ii) do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL); iii) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); iv) do Grupo de Pesquisa *Círculo de Estudos do Discurso* (CED), que lidero; v) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em que realizei a pesquisa de pós-doutoramento, parte da qual foi desenvolvida junto à Universidade de Leicester.

O período de três anos de desenvolvimento dos dois projetos (de Produtividade em Pesquisa e de Pós-doutoramento) foi bastante produtivo, não apenas pelos resultados obtidos, mas também pela produção bibliográfica deles decorrente: publiquei 5 artigos em periódicos científicos; 2 capítulos de livros; 1 organização de periódico científico; 1 tradução de capítulo de livro; e realizei 15 apresentações de trabalho em congressos nacionais e internacionais.

- Período 2019 - atual

Os dois projetos anteriormente apresentados (desenvolvidos entre março de 2016 a fevereiro de 2019), ambos da área da Análise do Discurso (o segundo com forte interface com as Ciências Cognitivas), analisam objetos

discursivos distintos, cumprem diferentes objetivos e assumem hipóteses que, ao menos *a priori*, não se afetam mutuamente. Não obstante, aspectos desses projetos, bem como certos resultados aos quais o desenvolvimento de cada um deles me conduziu, propiciaram-me um novo caminho de pesquisa que, ao menos em parte, paga tributo a cada um deles. Em outras palavras, o projeto *Sobre a gênese e a transmissibilidade de pré-discursos que sustentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa no Brasil*, que teve início em março de 2019 com Bolsa Produtividade em Pesquisa (PQ-2) do CNPQ (Processo n. 310801/2018-4), decorreu da confluência de problemáticas dos dois projetos anteriores.

Ao longo do desenvolvimento do projeto *A problemática da anterioridade discursiva em Análise do discurso: em pauta a dimensão cognitiva da teoria do discurso*, tive que lidar com duas inquietações (e deixá-las, ao menos temporariamente, de lado, já que não se relacionavam diretamente com os objetivos do referido projeto), a saber:

i) se os quadros pré-discursivos alimentam e informam os discursos, como se dá a gênese dos *pré-discursos*?
ii) constituídos os *pré-discursos*, como se dá sua transmissão?

Marie-Anne Paveau responde, ao menos do ponto de vista teórico, a essas duas questões. Em relação à primeira, a autora, ao definir os quadros pré-discursivos, afirma: "o locutor dispõe de informações prévias, tratadas e estocadas antes de produzir discursos", o que não impede que "essas informações sejam também construídas e negociadas no discurso, enquanto apresentadas como pré-discursivas" (PAVEAU, 2013, p. 20)[27]. No que diz respeito à segunda questão, Paveau apresenta, como uma das seis propriedades

[27] PAVEAU, Anne-Marie. *Os pré-discursos*: sentido, memória, cognição. Campinas: Pontes, 2013.

dos *pré-discursos*, a *transmissibilidade*: os quadros pré-discursivos são coletivamente construídos e difundidos nos eixos sincrônicos (da comunicabilidade enciclopédica na comunidade dos locutores e na sociedade em geral) e diacrônico (da transmissão, no tempo, de linhagens discursivas).

Entretanto, apesar da clareza das respostas fornecidas por Paveau, elas não se mostraram suficientes (e nem deveriam, já que se trata de postulações gerais em torno do funcionamento do *pré-discurso*) para responder à questão que me ocorreu durante o desenvolvimento de meu projeto de pós-doutorado sênior, a saber, como se dão a gênese e a transmissão de *pré-discursos* que alimentam e informam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa no Brasil.

Ao reler um conjunto de textos (livros, capítulos de livro, artigos científicos) produzidos, a partir da década de 70 do século XX no Brasil, por linguistas e linguistas aplicados que se debruçaram sobre a problemática do ensino de língua portuguesa no país, e verificar a solidez das propostas, os pressupostos altamente sustentáveis, a qualidade da argumentação e a evidência produzida pela análise dos dados linguísticos mobilizados, perguntava-me por que tais propostas não tiveram força suficiente para propiciar uma mudança efetiva de mentalidade em relação ao modo como a sociedade brasileira – em geral e no contexto escolar – concebe e se relaciona com a língua portuguesa.

Uma primeira hipótese seria que a polêmica que o conjunto desses textos instituiu com o discurso do senso comum e com as gramáticas normativas congregou os defensores do "bom português", que passaram a se ocupar, cada vez mais, da defesa de um ideal de língua portuguesa que, na verdade, vem se mostrando mais tradicional e normativo que as próprias gramáticas normativas – algumas das quais incorporam, inclusive, a problemática da variação linguística (mesmo que, ainda, oscilando entre o viés

descritivo e o normativo). Entretanto, esse recrudescimento da defesa do "bom português", por si só, não seria, a meu ver, suficiente para enfraquecer os efeitos que as novas e sólidas propostas oriundas do campo da linguística poderiam ter vindo a ter sobre o modo como a sociedade brasileira lida com a problemática da língua. Assim, uma segunda hipótese, que me parece bem mais sustentável, é que, aliados à força da tradição normativa, os modos e os meios de circulação tanto das polêmicas travadas entre esses dois posicionamentos (o dos linguista e o dos defensores do normativismo linguístico), quanto de um certo saber atribuído (às vezes erroneamente) à tradição gramatical normativa, acabaram por fortalecer o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa, bem como os *pré-discursos* (quadros de valores, crenças e práticas) que o sustentam. Em outras palavras (e para melhor esclarecer essa hipótese), o modo como, não raras vezes: i) a mídia em geral noticiou a polêmica entre linguistas e gramáticos, ou pôs a circular, por meio de simulacros, conhecimentos produzidos no campo da linguística; ii) o modo como enunciados das próprias gramáticas normativas foram destacados e postos a circular, em livrarias, bancas de aeroportos, por meio de manuais (de autoajuda?) que se propunham a dar dicas infalíveis de como não errar mais, mas também por meio de revistas voltadas para alavancar profissionais no mercado de trabalho, dando dicas de como se comportar linguisticamente para arrumar emprego, conseguir promoção, ser bem sucedido – tudo isso permitiu que uma problemática, antes muito mais restrita ao contexto escolar, migrasse, com a força das grandes polêmicas, para um espaço social bem mais alargado, que, por isso mesmo, implica uma cena de enunciação que abarca inúmeros gêneros e mídiuns, bem como novas comunidades discursivas (e aqui é possível perceber a relação deste projeto atual com o anteriormente desenvolvido - *Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade*), que não só deslocam e recrudescem a

polêmica, mas também retroalimentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa (hegemônico no território nacional) e os *quadros pré-discursivos* de crenças, valores, saberes, práticas que informam e alimentam esse discurso do senso comum. Essa é a hipótese central de minha pesquisa atual.

O objetivo geral da pesquisa é buscar esclarecer aspectos relacionados à gênese e à transmissibilidade de *pré-discursos* que informam e alimentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa no Brasil. No que diz respeito aos objetivos específicos, são eles:

i) reconhecer quais são os quadros *pré-discursivos* de valores, crenças, saberes e práticas que informam e alimentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa do Brasil;
ii) rastrear índices e processos enunciativos por meio dos quais é possível perceber a presença de *pré-discursos* que informam e alimentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa do Brasil;
iii) analisar em que medida o *sistema de referência* da língua (portuguesa, no caso), tomado lado a lado com a atitude avaliativa dos falantes em relação ao que se tornou cultural na língua, permite elaborar hipóteses a respeito da gênese e da transmissibilidade de *pré-discursos* que informam e alimentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa do Brasil;
iv) verificar em que medida o modo como a mídia, em geral, noticia a (e toma parte na) polêmica entre linguistas e gramáticos interfere na força de transmissibilidade de *pré-discursos* que informam e alimentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa do Brasil;
v) verificar em que medida o modo como a mídia, em geral, põe a circular conhecimentos produzidos no

campo da linguística interfere na força de transmissibilidade de *pré-discursos* que informam e alimentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa do Brasil;

vi) verificar em que medida o modo como enunciados das próprias gramáticas normativas que são destacados (de seus cotexto e contexto originais) e postos a circular, em manuais e em revistas de grande circulação nacional, pode estar relacionado à gênese e à transmissibilidade de *pré-discursos* que informam e alimentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa do Brasil;

vii) verificar como e em que medida a mobilização de diferentes gêneros do discurso e de diferentes mídiuns pode interferir na transmissibilidade de *pré-discursos* que informam e alimentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa do Brasil.

Esses objetivos específicos estão intimamente relacionados uns aos outros e decorrem da consideração tanto da hipótese levantada, quanto do que a mobilização dos conceitos centrais da pesquisa implica que se considere nas análises, bem como do *corpus* a ser analisado. A especificação em sete objetivos específicos (poderia ter condensado tais objetivos em quatro), tem como objetivo detalhar pontos que serão trabalhados no procedimento analítico.

O *corpus* de análise da pesquisa (que muito provavelmente será ampliado ao longo do desenvolvimento do projeto) é constituído de:

1. Gramáticas normativas da língua portuguesa, selecionadas em função de certas diferenças em relação ao modo como incorporam (quando é o caso de incorporarem) conhecimentos produzidos no

campo da linguística. Incialmente, selecionei três gramáticas:

- *Novíssima gramática da Língua Portuguesa* (Domingos Paschoal Cegalla), publicada pela Companhia Editora Nacional.
- *Moderna gramática portuguesa.* (Evanildo Bechara), publicada pelas editoras Nova Fronteira e Lucerna.
- *Nova gramática do Português contemporâneo.* (Celso Cunha e Lindley Cintra), publicada pela Editora Lexikon.

2. Manuais de gramática que dão dicas de como não errar mais. A princípio foram selecionados três manuais:

- *1001 dicas de Português: manual descomplicado* (Dad Squarizi e Paulo José Cunha), publicado pela Editora Contexto.
- *Sete pecados da língua* (Dad Squarizi), publicado pela Editora Contexto.
- *Guia Prático do Português correto: sintaxe* (Claudio Moreno), publicado pela L&PM POCKET.

3. Matérias publicadas em edições de revistas de circulação nacional (*Você S.A*; *Cláudia*; *Marie Claire*, dentre outras), que dão dicas a respeito de comportamentos linguísticos adequados para se conseguir um bom emprego, para alavancar a carreira, para ser bem-sucedido em entrevistas de emprego, etc. Pela natureza de circulação desse gênero do discurso, além de algumas matérias já selecionadas para análise, outras serão escolhidas ao longo do desenvolvimento do projeto.

4. Entrevistas concedidas por linguistas e postas a circular na mídia (o intuito é verificar como conhecimentos produzidos pela linguística são compreendidos e postos a circular), como é o caso da entrevista concedida por Ataliba de Castilho a Jô Soares, em seu programa na Emissora Globo de Televisão, em 18 de julho de 2011, e a entrevista concedida por Sírio Possenti no Programa Quarto Poder, exibido pela TV Assembleia em 08 de setembro de 2011. Outras entrevistas poderão vir a ser selecionadas no decorrer do desenvolvimento do projeto.
5. Artigos publicados em jornais e revistas, bem como debates exibidos pela televisão, que colocam em cena polêmicas em torno da língua portuguesa (tais como, o uso do estrangeirismo, do gerundismo, do internetês, etc.) e de seu ensino (como é o caso da polêmica em torno do livro didático *Para uma vida melhor* de Heloísa Ramos e dos critérios de correção das redações do ENEM). Por ora, foram selecionados alguns textos publicados na Folha de S. Paulo entre os anos de 2000 e 2005, que colocaram em cena a polêmica sobre o uso de estrangeirismo no país, e um trecho do Jornal *Bom dia, Brasil*, do dia 17 de maio de 2011, em que se debate sobre a aprovação, pelo MEC, do livro de Heloísa Ramos, que, segundo o âncora do Jornal, ensina a não concordância verbal. Outros textos poderão vir a ser selecionados ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Esse conjunto de textos (de diferentes gêneros e mídiuns) possibilita que os objetivos (geral e específicos) deste projeto sejam perseguidos, por meio do procedimento analítico. Em outras palavras, trata-se de um *corpus* adequado aos propósitos da pesquisa.

Do ponto de vista metodológico, neste projeto (como o fiz em minha pesquisa de pós-doutorado sênior), os textos que constituem o *corpus* serão sempre analisados a partir da perspectiva da *cognição distribuída*, o que implica que eles são tomados como sendo um dos três polos (o dos artefatos/dispositivos comunicacionais) constitutivos da cognição. Essa decisão metodológica parece-me fundamental em uma pesquisa que se propõe, em última instância, a analisar *pré-discursos* - uma categoria cognitiva, cujos traços de sua presença podem ser rastreados nos discursos.

Até o momento, vinculadas a este projeto – seja pela temática, seja pelas teorias de base mobilizadas – estão sendo desenvolvidas, sob minha orientação, duas dissertações de Mestrado em andamento (uma delas com bolsa CAPES), três teses de Doutorado (duas delas financiadas pela CAPES), uma supervisão de pós-doutorado (bolsa CAPES) e uma coorientação de Mestrado, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UNICAMP, onde estou vinculada como pesquisadora colaboradora:

1) ALVES, Francielle Ribeiro. *Youtubers e a polêmica discursiva sobre a condição de 'ser negro' na comunidade negra brasileira.* Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia.

2) DRIGHETTI, Bruno. *A problemática do estilo do gênero do discurso na transposição do artigo de opinião da esfera jornalística para o contexto escolar.* Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia. (Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

3) DIAS, Júlia. *Afasia e tecnologia*: em pauta a perspectiva da cognição distribuída na abordagem da afasia no CCA. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. (Coorientador).

4) REZENDE, Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues. *Indícios da presença de pré-discursos que alimentam polêmicas em torno da homofobia em redes sociais*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia. (Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

5) BALIEIRO JUNIOR, Ari Pedro. *Relações entre interdiscurso e pré-discursos na análise de polêmicas em discursos de natureza constituinte*: em cena a polêmica entre a Psicologia de acento behaviorista e objetivista e a Psicanálise. (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia.

6) FIGUEIRA, Bruno de Sousa. *O funcionamento da interlíngua em semioses não verbais*: em cena o movimento tropicalista. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia. (Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

7) SOUZA JÚNIOR, Manuel José Veronez de. *As cartas privadas de autores consagrados dos campos literário, filosófico, científico e religioso*: uma relação entre a cena genérica e a embreagem paratópica. Pós-doutorado (Pós-graduação em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia. (Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

Com relação à produção bibliográfica, até o momento (isto é, no primeiro semestre de desenvolvimento do projeto), publiquei 1 artigo científico, 1 capítulo de livro, organizei um periódico científico e apresentei 2 trabalhos em congressos.

2.2 Grupos/Centros de Pesquisa

Todos esses projetos foram desenvolvidos no interior de (ou na relação com) grupos/centros de pesquisa.



Confraternização de fim de ano do CED, 2015.

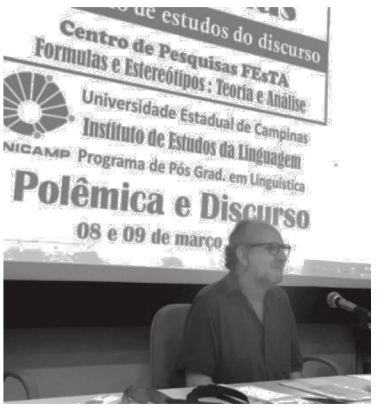
O *CED - Círculo de Estudos do Discurso* - foi fundado por mim durante a vigência do primeiro projeto (2004-2012) que coordenei como docente do PPGEL. Posteriormente, em 2016, convidei a professora Heloisa Mara Mendes, que participa do CED desde o início (como mestranda, doutoranda e agora como docente da UFU), para coordenar o grupo comigo. O grupo é composto, fundamentalmente, por nossos orientandos e ex-orientandos (que, agora, como docentes de outras universidades continuam atuando no CED juntamente com seus próprios orientandos, como é o caso de Ana Carolina Vilela-Ardhenghi e Lucas Martins Khalil), além de alunos da graduação e pós-graduação que nos pedem para participar das reuniões.

O grupo se reúne às quintas-feiras à tarde para discutir teorias, projetos, refinar análises de *corpora* das pesquisas em andamento, programar a participação em eventos científicos e organizar o cronograma de publicações de seus membros (inclusive em coautoria). Ao longo de mais de 10 anos, já recebeu a visita de vários debatedores externos, pesquisadores da área que contribuíram muito com o andamento das pesquisas: Sírio Possenti, Dominique Maingueneau, Roberto Leiser Baronas, Luciana Salazar Salgado, Anna Flora Brunelli, Marina Celia Mendonça, Marília Giselda Rodrigues, Jauranice Rodrigues, Norma Discini, Katia Menezes. A produtividade de nossos encontros é muito grande, não só pelo efeito que surtem nas pesquisas em si, mas em especial porque o *CED* se configurou como um espaço de formação de pesquisadores que anseiam por excelência e ética. Sei que sou uma das responsáveis por isso, mas também tenho clareza de que o grupo sustenta minha pesquisa, porque sem debate, não há produção sólida de conhecimento. E o *CED* é isso, um grupo de jovens

pesquisadores que não têm medo da polêmica e do enfrentamento teórico. Em nossas reuniões, "lavamos a roupa suja de nossas pesquisas", coisa que só se faz em casa. Mas o *CED* é isso: nossa casa de pesquisa. Sou muito grata por esse convívio!

Sou membro também de outros grupos de pesquisa, um deles o *CEPELP - Centro de Pesquisa em Ensino de Língua Portuguesa* -, vinculado à UFU e liderado pela professora Maura de Freitas Rocha. São membros do *CEPELP* docentes da UFU que desenvolvem pesquisas em diferentes subáreas da Linguística - Sociolinguística, Linguística do Texto, Sintaxe Funcionalista, Análise do Discurso -, o que me parece uma característica bem interessante para um grupo que reúne pesquisadores que têm como interesse comum o ensino de Língua Portuguesa (LP). O *CED* e o *CEPELP* desenvolvem um projeto em parceria, que propõe um novo eixo organizador para o currículo de Língua Portuguesa no Brasil. A proposta começou a ser divulgada recentemente e é, a meu ver, uma contribuição importante que podemos dar ao ensino de LP no país.

Participo ainda do *Centro de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos - Teoria e Análise* (*FEsTA*), vinculado ao IEL-UNICAMP e coordenado por Sírio Possenti. O Centro agrega pesquisadores de várias universidades brasileiras para ler e discutir novas teorias, novas abordagens - especialmente em Análise do Discurso, mas não só - e tem sido uma fonte renovadora para minhas pesquisas. Tenho o privilégio de partilhar, com analistas do discurso que respeito muito, o mesmo espaço acadêmico e de continuar convivendo regularmente com Sírio - sempre generoso e acolhedor e com quem nunca paramos de aprender. No *FEsTA* (e que a ambiguidade desse nome nunca se desfaça!) fiz ótimas parcerias profissionais e muitos amigos. De modo especial, sou grata pela oportunidade de uma convivência perene com Roberto Leiser Baronas, Luciana Salazar Salgado, Edvania



Sírio Possenti em evento promovido pelo FEsTA, 2018.

Gomes da Silva, Jauranice Rodrigues Cavalcanti, Erika de Moraes.

No IEL-UNICAMP, também faço parte do *Grupo de Pesquisa Neurolinguística Discursiva: afasia e infância* (ND), liderado por Maria Irma Hadler Coudry (a Maza). A participação nesse grupo é recente, mas os resultados acadêmicos e pessoais pra mim são imensos. Com a Maza e seu grupo, tenho lições de Neurolinguística e de humanidade.

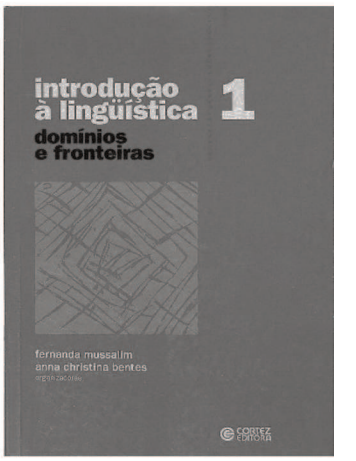
Ser membro desses quatro grupos de pesquisa parece ser uma única coisa pra mim; não se trata de estar envolvida com quatro frentes distintas, mas de integração entre elas. Na verdade, a pesquisadora que sou hoje foi sendo construída, lapidada, no entremeio desses quatro espaços acadêmicos, onde convivo - escuto e falo - com pessoas que prezam por um bom debate.

2.3 Produção bibliográfica

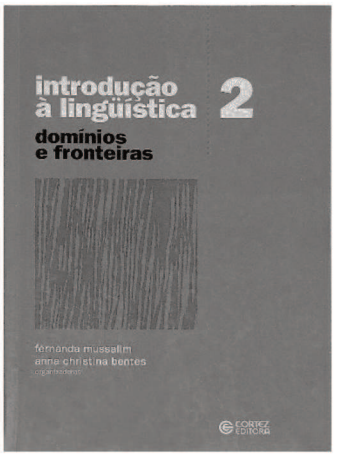
Relacionados à minha atuação docente e às pesquisas que desenvolvi ao longo de minha vida profissional, publiquei vários textos – livros, capítulos de livro, artigos publicados em periódicos científicos, artigos publicados em anais de eventos científicos, traduções, prefácios, resenhas, videoaulas – totalizando, até o momento, 82 produções bibliográficas completas[28] (não incluindo resumos e apresentações de trabalho). As temáticas e os *corpora* analisados foram variados, mas, analisando retrospectivamente, classifico minhas publicações e respectivas contribuições, como inseridas nos seguintes eixos organizadores:

[28] Cf. o conjunto completo de publicações no Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0136945472934290. Algumas publicações estão disponíveis na homepage www.fernandamussalim.com.br

i) Divulgação científica e formação: publicações em que divulgo conhecimentos produzidos no campo da linguística, quase sempre com o intuito de atuar na formação docente e discente. Desse eixo, destaco as seguintes produções:

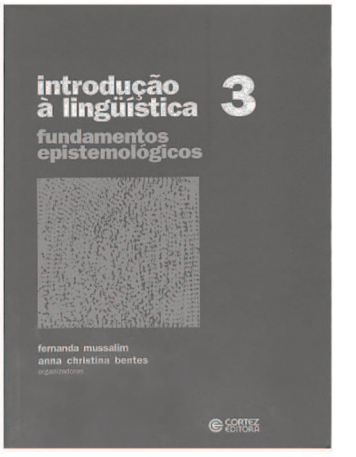


MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística:* domínios e fronteiras. Edição revista e ampliada. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. 2 v.



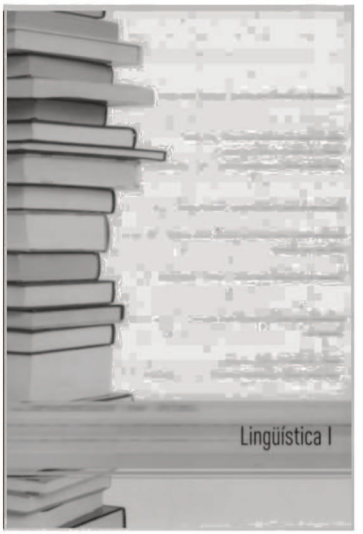
MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística:* fundamentos epistemológicos, v.3. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

A coleção *Introdução à Linguística*, organizada em parceria com Anna Christina Bentes, foi uma de minhas grandes contribuições no campo da divulgação científica, sobretudo, para a formação de alunos de graduação e pós-graduação da área de Letras e Linguística. A coleção de 3 volumes, que conta com a inestimável participação de excelentes linguistas brasileiros, tornou-se referência nacional no que diz respeito a textos introdutórios da área.



MUSSALIM, Fernanda. *Linguística I*. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2008.

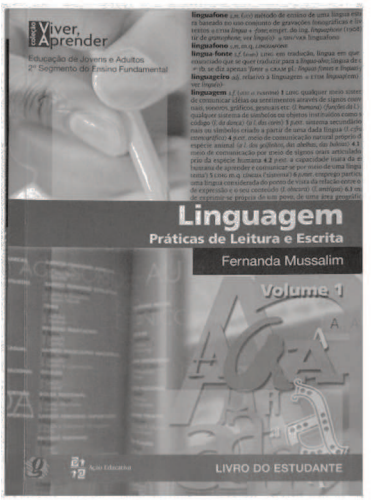
Este livro, composto por 12 capítulos e acompanhado de 12 videoaulas gravadas em DVD, foi escrito para alunos de graduação dos cursos de Letras e de Linguística, tendo sido adotado para o ensino presencial, semipresencial e a distância por várias universidades brasileiras. Os capítulos e respectivas videoaulas tratam de temas como: i) linguagem humana e "linguagem" animal; ii) a constituição do campo da Linguística; iii) os estudos de linguagem do século XIX;



iv) a fundação da Linguística sincrônica; v) a teoria do valor postulada por Ferdinand de Saussure; vi) níveis de análise linguística; vii) relações entre Biologia e linguagem; viii) relações entre sistema linguístico e uso das expressões linguísticas; ix) perspectivas interacionistas de abordagem da linguagem; x) teorias do discurso. Trata-se de um livro de divulgação científica que introduz, a ingressantes na área, temas fundamentais da Linguística.

MUSSALIM, Fernanda. *Linguagem*: práticas de leitura e escrita, v. 1 Livro do Estudante. 1. ed. São Paulo: Global, 2004.

MUSSALIM, Fernanda. *Linguagem*: práticas de leitura e escrita, v. 1 Livro do Professor. 1. ed. São Paulo: Global, 2004.



Esses dois livros (Livro do Estudante, Livro do Professor) compõem um material didático que produzi para a Educação de Jovens e Adultos (pós-alfabetização) e integram a coleção *Viver e Aprender* da Ação Educativa, em parceria com a Editora Global. O material assume, como organizador dos módulos e das unidades, o campo discursivo em que os gêneros do discurso são produzidos e postos a circular. Essa proposta, que considero uma contribuição, uma vez que assume o primado das condições de produção sobre os textos, foi levada, após mais de 10 anos, para o CED e o CEPELP que, atualmente, desenvolvem um projeto conjunto em torno de uma proposta de reestruturação do eixo organizador do currículo de Língua Portuguesa no país (Cf. no eixo organizador iv, desta seção, a referência aos textos que formalizam a proposta).

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso (capítulo revisto e ampliado). In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à*

linguística: domínios e fronteiras. v. 2 (edição revista e ampliada). 9ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 112-161.

Trata-se de um capítulo introdutório da Análise do Discurso de linha francesa, em que apresento as condições de surgimento da área na França na década de 1960, seus fundamentos epistemológicos, sua especificidade em relação a outras áreas da Linguística que também se ocupam da problemática do sentido (como a Semântica e a Pragmática) e seus conceitos fundamentais, passando pelas formulações de Michel Pêcheux, Michel Foucault, Jean Jacques Courtine e Dominique Maingueneau. O capítulo tem sido uma referência bibliográfica constante nas disciplinas de Análise do Discurso ministradas na graduação e pós-graduação de universidades brasileiras.

POSSENTI, Sírio, MUSSALIM, Fernanda. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. In: STAFUZZA, Grenissa, PAULA, Luciane de (Orgs.). *Da análise do discurso no Brasil à Análise do discurso no Brasil*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 63-87

Este capítulo, escrito em parceria com Sírio Possenti, faz uma apresentação do quadro teórico-metodológico postulado por Dominique Maingueneau, abordando desde suas formulações em *Gênese do Discursos*, até suas conceituações mais atuais, em que se dedica, por exemplo, à análise de frases sem texto. O capítulo tornou-se uma referência enquanto texto introdutório ao quadro teórico de Maingueneau.

MUSSALIM, Fernanda, ROCHA, Maura Alves de Freitas (Orgs.). *Revista da ABRALIN* - Problemáticas em torno da noção de autoria. v XV, n. 2 (jul./dez. 2016). 1. ed. São Carlos: ABRALIN, 2016.

Neste número temático da *Revista da ABRALIN*, organizado em parceria com Maura de Freitas Rocha, reunimos textos que, em seu conjunto, divulgam (analisando, debatendo) diferentes perspectivas de abordagem da problemática da autoria – tanto no cenário internacional, quanto nacional, em que há uma efetiva contribuição dada por linguistas brasileiros, em especial quando tratam de autoria em contexto escolar.

ii) Abordagens teórico-analíticas: publicações em que busco demonstrar a produtividade de conceitos, operacionalizando-os em análises de dados. Desse eixo, destaco as seguintes produções:

MUSSALIM, Fernanda. Aspectos da semântica discursiva do modernismo brasileiro: polêmica e interincompreensão em torno da noção de cópia. *ALFA*: Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto. Online), v. 53, p. 61-75, 2009.

Neste artigo, com base nos conceitos de polêmica e interincompreensão formulados por Dominique Maingueneau em *Gênese dos Discursos*, empreendi uma análise em torno de uma polêmica que se estabeleceu no campo da arte brasileira, por ocasião da constituição do movimento modernista brasileiro. Essa polêmica envolveu modernistas e "passadistas" e se deu, fundamentalmente, em torno da noção de "cópia". O *corpus* analisado constituiu-se de alguns artigos publicados na imprensa brasileira entre os anos de 1917 e 1931, período em que mais acirradamente se deram os embates para a constituição da arte modernista no Brasil. A interação entre esses dois discursos considerados se deu – como bem postulou Maingueneau a respeito de qualquer processo de interação discursiva – por meio de um processo de interincompreensão. Assim, aquilo que para os

modernistas constituiu uma estratégia de superação e de restauração de processos estético-ideológicos, para os "passadistas" constituiu plágio e imitação. A cópia só adquire sentido positivo para os acadêmicos, se for pura reprodução dos padrões europeus. Caso contrário, é plágio. O intuito da análise realizada foi demonstrar como se operacionalizam, em termos de tratamento de dados, os conceitos acima referidos.

> MUSSALIM, Fernanda. A Progressão referencial: um processo de recategorização produtor de heterogeneidade semântica. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição, PACHECO, Vera, LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. (Orgs.). *Em torno da lingua(gem)*: questões e análises. 1 ed. Vitória da Conquista: Editora da UESB, 2007. p. 331-358

Neste capítulo, busquei demonstrar que a repetição de itens lexicais no texto não implica necessariamente correferência, isto é, que não necessariamente itens lexicais repetidos no texto se referem ao mesmo objeto de discurso. Para tanto, analiso, uma entrevista dada por Mário de Andrade, em 1925, ao Jornal *A Noite* do Rio de Janeiro, enfocando, mais especificamente, de que modo são construídos os processos de referenciação e progressão referencial em torno de dois pares de itens lexicais: futurismo/futurista e modernismo/modernista. Por meio da análise – e relendo processos textuais à luz de pressupostos discursivos – pude demonstrar, por exemplo, que quando o jornalista mobiliza o termo "modernistas" para se referir ao grupo de artistas do qual Mário é mentor, ele não aciona o mesmo quadro de memória acionado por Mário de Andrade, quando o artista mobiliza o mesmo termo. Para o jornalista, o termo "modernistas" é correferente de "futuristas", para Andrade não. Isso se dá em função dos distintos posicionamentos discursivos de cada um dos enunciadores. A meu ver, a

contribuição mais relevante desse texto é que, por meio da análise nele empreendida, pode-se perceber que a língua – seu funcionamento e produção de sentido – não está imune às condições de produção.

> MUSSALIM, Fernanda. Apontamentos sobre a categoria de tempo na Análise do Discurso. In: CAGLIARI, L. C. (Orgs.). *O tempo e o a linguagem*. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2008. p. 157 - 179

Neste capítulo, a partir da análise de uma peça publicitária, busco esclarecer que a noção de dêixis discursiva é distinta da noção de dêixis enunciativa, na medida em que, no caso do primeiro conceito, as coordenadas de Pessoa/Tempo/Espaço não se referem a elementos da situação de enunciação, mas dizem respeito à legitimidade de quem enuncia (quem ocupa a posição legitimada para tal) e a um tempo e espaço de natureza ideológica: tempo da República, tempo de ser feliz etc.; país da liberdade, espaço de democracia, etc.

> MUSSALIM, Fernanda. Processos de legitimação de uma literatura brasileira: aspectos do código linguageiro de Macunaíma: o herói sem nenhum caráter de Mario de Andrade. *Documentos para el XVI Congreso Internacional de la ALFAL*. Alcalá de Henares: Editora da Universidad de Alcalá, 2011. p. 1-9

Neste artigo, no intuito de operacionalizar os conceitos de interdiscurso, posicionamento na interlíngua e código linguageiro, postulados por Dominique Maingueneau em *Discurso literário*, empreendi uma análise de um *corpus* representativo do posicionamento do grupo paulista dos primeiros modernistas no campo discursivo da arte no Brasil no começo do século XX, a saber, um trecho da obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade.

Considerando aspectos do *código linguageiro* da obra, busquei demonstrar como o escritor modernista gere seu posicionamento na *interlíngua* (como ele lida com a interação das línguas e dos registros ou das variedades de língua acessíveis a ele), enquanto escritor modernista (inscrito no campo literário brasileiro), cujo projeto estético define-se, fundamentalmente, pelo objetivo de realizar, na arte, a "*transposição erudita da barbárie*". O intuito foi dar a conhecer a natureza da abordagem que Maingueneau, apoiado nas ciências da linguagem, propõe para o texto literário: a "análise do discurso literário" que o autor propõe recusa a indagação "de como ir do texto ao contexto, ou de como ir do contexto ao texto", na medida em que concebe o texto literário como uma forma de gestão do contexto, ou ainda, como um espaço em que se pode perceber o modo como o escritor gere a constituição e a legitimação de seu posicionamento no campo literário.

> MUSSALIM, FERNANDA. Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade. *Domínios da Lingu@gem*. Uberlândia: EDUFU, v. 12, p. 581-603, 2018.

Neste artigo, analisando parte da produção epistolar de Mário de Andrade, mais especificamente algumas cartas que escreveu a Manuel Bandeira entre os anos de 1922 e 1944, busquei, fundamentalmente, demonstrar a produtividade do conceito de autoria proposto por Dominique Maingueneu em *Discurso Literário*, verificando como se dá o imbricamento entre as três instâncias autorais por ele postuladas, a saber, a *pessoa*, o *escritor* e o *inscritor*.

> MUSSALIM, Fernanda. Processos editoriais e institucionais de gestão da obra e da 'imagem de autor' de Mário de Andrade. In: FREITAS, E. C.,

BURLAMAQUE, F. V., RETTENMAIER, M. (Orgs.). *Leitura, Literatura e Linguagens:* novas topografias textuais. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2018. p. 46-64

Neste capítulo, analisei o modo como a mídia online brasileira noticiou e comentou a figura de Mário de Andrade, os lançamentos de coletâneas e obras inéditas, as obras em si e a homenagem feita a ele na FLIP 2015. O intuito foi demonstrar que toda essa movimentação noticiada pela imprensa teve, como um de seus efeitos, a construção de uma 'imagem de autor' multifacetada, plural, heterogênea. Mobilizando especificamente esse conceito, pude dar visibilidade a sua produtividade na abordagem de processos editorias e de movimentos da crítica especializada em torno de um autor e sua obra.

MUSSALIM, Fernanda. A propósito das unidades não-tópicas em Análise do Discurso. In: POSSENTI, S., BARONAS, R. L. (Orgs.). *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso*. 1 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 95-109

Neste capítulo, busquei demonstrar a operacionalidade das unidades não-tópicas para a Análise do Discurso que, diferentemente das unidades tópicas de análise (unidades territoriais, isto é, que correspondem a espaços já pré-delineados pelas práticas verbais e históricas), são construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras pré-estabelecidas. Para sustentar essa posição, realizei uma breve análise da constituição daquilo que vários teóricos têm chamado de modernidade, buscando sustentar que há uma 'formação discursiva da modernidade' (considerada aqui como unidade não tópica de análise) que agrega, num nível superior, toda diversidade implicada no

corpus tomado para análise (diferentes gêneros do discurso, campos e semioses).

> MUSSALIM, Fernanda. O fragmento como índice da natureza axiológica dos gêneros do discurso: um caminho para a reconstituição da história da modernidade estética. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos, FERNANDES, Cleudemar Alves. (Orgs.). *Análise do Discurso*: objetos literários e midiáticos. 1 ed. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006. p. 101-109

Neste capítulo, busquei enfatizar a correlação entre a constituição de gêneros do discurso e a história das sociedades, ou melhor, entre a constituição dos gêneros do discurso e a história dos campos de atividade humana de uma sociedade. Para dar sustentação a esse pressuposto, me debrucei sobre o *fragmento* enquanto um gênero de discurso que se constituiu no interior do campo da literatura alemã, demonstrando que esse gênero guarda a memória da história do campo e da sociedade em que ele se constituiu.

iii) Abordagens epistemológicas: publicações em que discuto os caminhos epistemológicos da Análise do discurso, seus fundamentos e novos rumos. Desse eixo, destaco as seguintes produções:

> MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso: da objetividade científica ao terreno fluído da interpretação. In: FERNANDES, Cleudemar Alves, SANTOS, João Bosco Cabral dos. (Orgs.). *Análise do discurso*: unidade e dispersão. Uberlândia: EntreMeios, 2004. p. 71-94

Neste capítulo, realizei um percurso teórico pelo campo das Ciências Sociais, mais especificamente pela historiografia, a

fim de mostrar que, durante o século XIX e mais da metade do século XX, a problemática em torno do estatuto de cientificidade não era uma questão que se apresentava como central apenas para a Linguística (e para a Análise do Discurso - AD), mas também para as Ciências Sociais. Em seguida, abordo essa problemática no campo da AD a fim de discutir de que maneira ela foi incorporada por essa disciplina e quais as implicações decorrentes de um posterior abandono desse projeto de cientificidade.

> MUSSALIM, Fernanda. As relações entre língua e sentido na Análise do Discurso. In: SANTOS, J. B. C. (Org.). *Sujeito e subjetividade*: discursividades contemporâneas. 1 ed. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 63-76

Neste capítulo, numa atitude revisionista, me propus a abordar a relação entre língua e história da perspectiva da Análise do Discurso, realizando um percurso cronológico que apresentou as várias postulações sobre essa relação ems texto de grandes teóricos.

> MUSSALIM, Fernanda. A noção de texto em Análise do Discurso. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (Org.). *O texto e seus conceitos*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 45-70.

Neste capítulo, realizei um percurso pela obra de dois autores fundamentais da Análise do Discurso de linha francesa (AD), a saber, Michel Pêcheux, um de seus fundadores, e Dominique Maingueneau, analista cujas postulações têm contribuído sobremaneira para a reformulação de inúmeros conceitos da área, a fim de apresentar o modo como a noção de texto se constituiu e veio se transformando ao longo dos quase cinquenta anos de fundação da AD.

MUSSALIM, Fernanda. Tendências em Análise do Discurso: objetos e conceitos. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 41(3), p. 948-958, 2012.

Neste artigo, abordei a relação entre a ampliação da natureza dos *corpora* de análise para a Análise do Discurso contemporânea e os encaminhamentos teórico-metodológicos que a consideração de novos objetos trouxe para as formulações conceituais da teoria. A abordagem se deu em torno das buscas da Análise do Discurso por tratamentos cada vez mais adequados do texto, entendido, obviamente, sempre numa perspectiva discursiva.

iv) Contribuições autorais: publicações por meio das quais relaciono conceitos postulados de maneira independente um do outro, associando-os de forma a contribuir para o desenvolvimento da teoria, ou publicações por meio das quais realizo contribuições teóricas inéditas. Desse eixo, destaco as seguintes produções:

MUSSALIM, Fernanda. Uma abordagem discursiva sobre as relações entre *ethos* e estilo. In: MOTTA, A. R., SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 70-81

Neste capítulo, a partir da análise tanto do discurso sobre a arte, publicado na imprensa brasileira pelos primeiros modernistas por ocasião da constituição do Movimento Modernista brasileiro, quanto da movimentação social dessa comunidade discursiva, pude demonstrar que: i) a construção de uma nova posição enunciativa no interior de um certo campo discursivo implica, entre outras coisas, modos de enunciação específicos; ii) esses modos de enunciação específicos são, ao mesmo tempo, caracterizadores de certo estilo e constituem certo *ethos* discursivo iii) o estilo não se

define por critérios estritamente linguísticos, mas deve ser tomado como uma questão de natureza essencialmente discursiva, já que decorre, em grande parte, das formas de inscrição dos sujeitos numa rede interdiscursiva, ou seja: para além do estilo caracterizador dos gêneros do discurso e dos campos discursivos, há um estilo caracterizador da formação discursiva (compreendida, no quadro teórico de *Gênese dos Discursos*, como equivalente à noção de posicionamento/identidade/ comunidade discursiva).

> MUSSALIM, Fernanda. A mobilização de cenografias discursivas e o gerenciamento da imagem de si como indícios de autoria. In: RODRIGUES, Marília Giselda et al. (Orgs.). *Discurso:* sentidos e ação. v 10. Franca: Editora da UNIFRAN, 2015. p. 51-68

Neste capítulo, tomando como base a proposta de Sírio Possenti sobre indícios de autoria, em que o autor afirma serem três esses indícios – dar voz aos outros; evitar a mesmice em relação ao modo como se dá voz aos outros; manter distância em relação ao que se diz e aos interlocutores –, proponho que se considerem mais dois elementos como possíveis indícios de autoria: i) a mobilização de cenografias discursivas (que não fazem parte da rotina do gênero do discurso) e o gerenciamento da imagem de si (quando o efeito é a emergência de um *ethos* distinto do *ethos* típico da cena genérica considerada).

> MUSSALIM, Fernanda, REZENDE, Breno. O *ethos* como instância constitutiva da construção da 'imagem de autor'. *Cadernos de Estudos linguísticos*, v.61, p. 1-10, 2019.

Neste artigo, em coautoria com Breno Rezende, buscamos associar, a partir da análise de trechos de matérias publicadas

na mídia online brasileira a respeito da homenagem que a FLIP 2015 fez a Mário de Andrade, dois conceitos postulados por Dominique Maingueneau – o de *ethos* discursivo e o de 'imagem de autor' –, a fim de enfatizar a produtividade decorrente da atitude investigativa de se conjugarem, em uma abordagem, conceitos forjados separadamente no interior de um quadro teórico. As análises empreendidas permitiram demonstrar que o *ethos* do enunciador (no caso, jornalistas) afeta a 'imagem de autor' que é construída de Mário de Andrade nesses/por meio desses textos.

> MUSSALIM, Fernanda. A enunciação aforizante: o caso do gênero manifesto. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), v. 29, p. 467-484, 2013.

Neste artigo, a partir dos postulados de Dominique Maingueneau sobre a existência de dois regimes de enunciação distintos – o textualizante e o aforizante (que "destextualiza" o texto, por se caracterizar como um processo que tenta minar a compacidade e a dinâmica de textualização) –, analisei um conjunto de manifestos modernistas brasileiros a fim de sustentar a plausibilidade da hipótese de esse gênero do discurso ser considerado um gênero aforizante (na medida em que se vale, recorrentemente e de maneira abundante, de aforizações). A contribuição desse artigo reside na proposição de se abordar a categoria de gênero do discurso a partir de regimes de enunciação – de modo que estrutura composicional, o estilo e o conteúdo temático, se considerados, o serão como submetidos/decorrentes de regimes enunciativos.

> MUSSALIM, Fernanda. Uma análise discursiva do Choros 10 de Villa-Lobos. *Revista da ABRALIN*, v. XIV, p. 109-122, 2015.

Neste artigo, ocupando-me da análise de uma música erudita, a saber, o *Choros 10*, composto em 1926 por Villa-Lobos, músico vinculado ao grupo dos primeiros modernistas, demonstrei a viabilidade de se abordar objetos teóricos do campo da música – como melodia, harmonia, timbre, ritmo, polifonia – pelo viés de uma teoria do discurso de base enunciativa, que assume o discurso como prática e como vetor de posicionamento. Na análise, considerei conceitos/procedimentos de análise típicos da teorização musical, para então, a partir dos conceitos de cenografia e dêixis discursiva postulados por Dominique Maingueneau, atribuir efeitos de sentido ao modo composicional de Villa Lobos, no intuito de relacionar, radicalmente, discurso e história, ou melhor, prática discursiva (da música) e condições de produção. Em última instância, o intuito foi demonstrar que teorias de campos distintos podem dialogar, desde que se considere que uma delas constitui a base epistemológica da pesquisa, e a outra funciona como uma espécie de teoria auxiliar, que pode, por exemplo, viabilizar uma descrição mais adequada do *corpus*. No caso, assumi a teoria do discurso como teoria central – que fornece o quadro teórico e a base epistemológica da pesquisa –, e a teoria musical como teoria auxiliar.

> MUSSALIM, Fernanda, ROCHA, Maura Alves de Freitas. Critérios de organização do currículo escolar de Língua Portuguesa: a relevância da noção de 'inscrição social'. *Anais do SIELP*. II Seminário Internacional de Ensino de Língua Portuguesa. Uberlândia: EDUFU, 2012. v. 2, p. 1-6.

Neste artigo, em coautoria com Maura de Freitas Rocha, propusemos que se tome a noção de "inscrição social" como ponto de partida para a organização da progressão curricular, a fim de que os modos de inscrição dos enunciadores em esferas de atividades específicas, bem como as regras

interacionais próprias dessa esfera sejam consideradas de forma mais historicizada e permitam a enunciadores e co-enunciadores compreenderem melhor a título de que eles são interpelados. A proposta, em última instância, implica que leitores e escritores sejam considerados, acima de tudo, como cidadãos que se inscrevem socialmente por meio de práticas verbais, inclusive em situações de educação formal, como é o caso do contexto escolar. Este artigo antecede o que será apresentado a seguir e, juntos, constituem a base da proposta do projeto sobre organização curricular de Língua Portuguesa, desenvolvido em parceria pelos grupos de pesquisa CED e CEPELP.

> MUSSALIM, Fernanda. O impacto da investigação nos domínios da linguagem nas propostas educacionais de Língua Portuguesa no Brasil. *Anais do SIELP*. VII Seminário Internacional de Ensino de Língua Portuguesa. Braga, Portugal: Editora da Universidade do Minho, 2019. (no prelo)

Neste artigo, propus que fossem tomados, como eixo organizador do currículo de Língua Portuguesa, os campos de atividade e, em função deles, se realizasse o agrupamento de gêneros do discurso, de modo que seja possível abordá-los submetidos ao funcionamento e função social dos respectivos campos. Essa abordagem permite que se assuma, efetivamente, o funcionamento do texto (seus processos de textualização, seus conteúdos temáticos possíveis, suas escolhas estilísticas, relacionadas à problemática da língua) como submetido à função social que ele cumpre no campo de atividade em que é posto a circular, rompendo com a ideia de que há uma organização textual construída a priori, que é posta a circular para cumprir certas funções. Nesta proposta, a transposição didática do conceito de gênero do discurso não escamoteia seu caráter eminentemente histórico-social;

diferentemente, a historicidade da linguagem é o grande eixo norteador dessa proposta.

> MUSSALIM, Fernanda. A dimensão discursiva da cognição ou a dimensão cognitiva do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, p. 7-22, 2018.

Neste artigo, com base na reanálise que realizei de um dado que compõe o Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) – construído a partir do trabalho coordenado por Maria Irma Hadler Coudry e outros pesquisadores junto ao Centro de Convivência de Afásicos (CCA) do IEL-UNICAMP –, propus uma reformulação do conceito de cognição distribuída, proposto por Edward Hutchins em alguns de seus escritos. Mais especificamente, propus, ao menos quando o objetivo central da pesquisa é tratar de questões de linguagem, como é o caso do trabalho com os afásicos, que um dos tripés do sistema distribuído da cognição definido por Hutchins, a saber, o artefato cognitivo (um caderno de notas, uma cabine de aviação, um computador, um celular, etc.) seja redefinido com base na noção de dispositivo comunicacional (que inclui gêneros do discurso e mídiuns) proposta por Dominique Maingueneau em vários de seus textos.

Do conjunto de minhas 82 produções bibliográficas completas, optei por comentar 28 delas - aquelas que considero mais representativas das contribuições que jugo ter dado à Linguística e, em especial, à Análise do Discurso.

3. Gestão

Nesta seção, apresentarei meu envolvimento com atividades de gestão, subdividindo-as em dois tipos: i) gestão científico-acadêmica da área; ii) gestão institucional.

3.1 Gestão científico-acadêmica da área

Este tipo de gestão contempla atividades que realizei e que, de alguma maneira e em alguma medida, ajudaram a definir rumos para a Linguística no Brasil, intervindo nas decisões do que é publicado na área, do que é posto a circular, das pesquisas que são financiadas; das pesquisas que têm visibilidade dentro e fora do país.

Uma dessas atividades diz respeito a trabalhos editoriais, sejam eles relacionados à participação em Conselhos Editoriais, à coordenação de coleções, à organização de livros e periódicos, ou ainda, a traduções. Em relação a esse quesito, destaco:

i) Membro do Conselho Editorial da Cortez Editora (na área de Linguagem): colaboração na decisão do que será publicado na área pela editora.

ii) Coordenadora da coleção *Tradução de Estudos Linguísticos* da Editora da UFU (EDUFU): colaboração na gestão do que será traduzido e posto a circular no país.

iii) Membro de conselhos editoriais de revistas científicas, colaborando na decisão do que será publicado em periódicos científicos. Faço parte dos conselhos editorias das seguintes revistas científicas:
- Revista da ABRALIN
- Língua(gem) em Discurso - UNISUL
- Cadernos de Estudos Linguísticos - IEL, UNICAMP
- Letras & Letras - UFU;
- Todas as Letras - Mackenzie
- Linguasagem - UFSCar
- Percursos Linguísticos - UFES
- Coleção Mestrado em Linguística – UNIFRAN

iv) Organizadora de livros e periódicos científicos: colaboração na decisão dos textos que serão postos a circular conjuntamente e que, por isso, terão um efeito de panorama a respeito de certo tema, de certa teoria, dos trabalhos de certo grupo etc.

v) Tradutora de textos de Dominique Maingueneau: contribuição para ampliar o acesso, no Brasil, ao quadro teórico proposto pelo autor.

Outro tipo de atividade que venho realizando e que intervém na política acadêmico-científica da área diz respeito à consultoria a agências de fomento (até o momento, 59 consultorias à CAPES, ao CNPq, à FAPEMIG, à FAPESP) e à emissão de pareceres *ad hoc* para diversas revistas científicas e editoras (64 pareceres até o momento), além da participação em comissões científicas de eventos nacionais e internacionais, atuando na seleção dos trabalhos a serem apresentados nesses eventos (destaco minha participação, em mais de uma edição, nas Comissões científicas do GEL; do SBPC; da ABRALIN; do SILEL - Simpósio Internacional de Letras e Linguística – UFU; e do SIELP - Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa - UFU/Universidade do Minho, Portugal).

A organização de eventos também se configura em um espaço de gestão acadêmico-científico, na medida em que possibilita o debate entre os pares e a divulgação de pesquisas que estão sendo desenvolvidas na área. Em relação a esse quesito, destaco minha participação na organização de várias edições do SILEL (em 2011, atuei como Presidente da Comissão Organizadora) e do SIELP, dois grandes eventos internacionais promovidos pelo Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

No que diz respeito à minha inserção internacional, por meio da qual colaboro com a divulgação, no exterior, de pesquisas realizadas no Brasil, destaco: i) a Missão de Pesquisa que realizei, em 2013, na Université Paris IV –

Sorbonne, sob a supervisão de Dominique Maingueneau; ii) o Estágio de Pós-doutoramento realizado na Universidade de Leicester, Inglaterra, sob a supervisão de Briony Pulford (dez. 2017 - fev. 2018), e o título de Honorary Visitor Fellow (2018) concedido a mim por essa universidade, em função do intercâmbio estabelecido; iii) o envio de orientandos de doutorado para realização doutorado sanduíche no exterior.

3.2 Gestão institucional

Com relação à gestão institucional, destaco as seguintes atividades:

i) Coordenadora do Núcleo de Língua Portuguesa e Linguística do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (2006)
ii) Membro do colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Cursos de Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Uberlândia (Início: jun. 2013 /Término: jun. 2016).
iii) Coordenadora Substituta do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Cursos de Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Uberlândia (Início: jun. 2013 / Término: jun. 2016).
iv) Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Cursos de Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Uberlândia (7 ago. 2018 – Atual).

Atuar na coordenação do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) tem me possibilitado ter uma experiência de gestão que não havia tido antes, uma vez que o cargo exige uma inserção institucional muito mais

ampla do que exigiam as experiências anteriores. Como coordenadora, passo, também, a ser Presidente do Colegiado do PPGEL; membro do Conselho do Instituto de Letras e Linguística (CONSILEEL); membro do Conselho de Pesquisa e Pós-graduação da universidade (CONPEP); e membro do Conselho Universitário (CONSUN). Além disso, passo a participar de reuniões promovidas pela CAPES a coordenadores de Programas de Pós-graduação da área de Letras e Linguística, ampliando não só minha compreensão do funcionamento da pós-graduação no país, mas também minha rede de relações profissionais.

Nessa minha gestão, cujo intuito é internacionalizar o Programa, tenho tido o privilégio de conviver e aprender com o professor Waldenor Barros Moraes Filho – diretor da Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UFU e coordenador do subprojeto "Os sistemas nacionais de ensino no espaço euro-americano: a educação comparada e a formação de políticas linguísticas" do Projeto de Internacionalização PRINT-CAPES-UFU, do qual o PPGEL participa. Essa experiência tem sido muito gratificante para mim, porque tem um viés político-acadêmico que muito me interessa: o fortalecimento de intercâmbios internacionais e a promoção, no contexto internacional, da Linguística brasileira - de pesquisas e pesquisadores nacionais.

Estar à frente do PPGEL atualmente – apesar dos desafios que a gestão pública não se cansa de nos impor – tem me possibilitado perceber o Programa coeso em que o PPGEL se transformou; o número imenso de frentes em que atuamos; a qualidade das pesquisas realizadas no interior do Programa; e a disponibilidade dos corpos docente e discente em contribuir para o nosso crescimento. O PPGEL conta com um colegiado, formado por docentes experientes e discentes comprometidos, e com várias Comissões que trabalham incessantemente para que o Programa cumpra sua vocação. Além disso, conta ainda com o trabalho inestimável

das servidoras públicas Luana Alves da Silva e Maria Virgínia Dias de Ávila, com quem tenho aprendido a lidar com os trabalhos burocráticos e a compreender o Programa em sua organicidade institucional. Conseguimos estabelecer uma dinâmica de trabalho cooperativa e uma convivência agradável, que nos permitem, entre uma xícara de café e outra, continuar... e continuar...

Sou grata por tudo isso... pelo aprendizado, pelos desafios (que nos fazem lembrar de onde queremos chegar) e pelo trabalho dos coordenadores que me antecederam e que contribuíram, cada um à sua maneira, com o que somos hoje.

Não sei dizer o efeito que terá em mim essa experiência de gestão – confesso que nunca tive muito interesse por atividades administrativas. Mas alguma coisa lá no fundo despertou... um prazer velado de tomar a frente e zelar pelo que há de mais importante nas universidades públicas brasileiras: a pesquisa.



Casa da Cultura, Uberlândia, 2015.

Oração

O silêncio gritando em mim.

(do livro de poemas Narciso, Fernanda Mussalim)

F.M.